

AUDIÊNCIA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

Interlocutores: Robson Sávio Reis Souza, Maria Céres Pimenta Spínola Castro, Nilmário Miranda, Marcio Leite Brito, Emely Vieira Salazar, Américo Antunes, Jésus Santiago, Samira Zaidan, Gildásio Consenza, Valdo Silva, Paulo Teles, Eleonora Menicucci e Marcos José Burle de Aguiar.

Data: 06 de abril 2017

ROBSON SÁVIO: A gentileza de todos tomarem os seus lugares, para nós iniciarmos então a nossa segunda audiência pública desse ano. Bom, meu nome é Robson Sávio, coordenador da Comissão da Verdade aqui em Minas Gerais. E eu gostaria de convidar para compor a mesa a Professora Maria Ceres Pimenta Espínola Castro, que é Coordenadora da Subcomissão VI, que trata entre outros temas da repressão a estudantes, professores e servidores de instituições de ensino superior. Para iniciar a nossa audiência pública, essa coordenação irá facultar, atendendo que um pedido 03 minutos para o representante da UNE, Márcio Leite Brito, para que ele possa saudar os presentes.

MÁRCIO LEITE BRITO: Eu vos contemplo da face oculta das coisas, meus desejos são inconclusos. Minhas noites sem remorsos. Eu vos contemplo pelas grades insensíveis, meu sonho é uma grande rosa. Minha poesia, luta. Eu vos contemplo da virtual extremidade. Minha vida pela vossa, meu amor vos liberta. Eu vos contemplo da própria contingência, mas minha força é imbatível, porque estás a espera. Eu vos contemplo, pelo fogo da batalha. Meus soldados não se rendem, o grande dia chegará. Eu vos contemplo gerações futuras, herdeiros da paz e do trabalho. As grades esmaecem ante o meu contemplar. Essa poesia foi escrita por um militante assassinado na ditadura militar, Manoel Bezerra dos Santos, que foi presidente da Casa de Estudantes de Natal, delegado ao Congresso de Ibiúna da UNE e quero saudar aqui todos os presentes, companheiros e companheiras. Dizer que a importância da luta contra a ditadura militar de cada um que está nessa sala, que participou desse processo é o que garante que hoje, hoje mesmo nessa data, a gente esteja aqui algumas quadras ao lado realizando uma eleição de delegados para o 55º Congresso da UNE que vai acontecer agora em junho e que se não fosse essa

resistência, essa abnegação e essa luta incansável dos companheiros e companheiras, hoje nossos, essa democracia frágil que a gente tem não é? Que a gente inclusive vive um processo de crise atual, esfacelamento dessa democracia, inclusive pela qual os companheiros lutaram para que fosse garantida, mas que também fosse superada não é? Muitos companheiros lutavam para uma democracia diferente dessa do que a gente tem hoje, mas nem isso a gente não teria se não fosse essa abnegação e essa luta, essa resistência dos companheiros durante o processo da, de tristíssima memória, a ditadura militar. Então quero deixar aqui a saudação em nome da União Nacional dos Estudantes, o agradecimento que a UNE tem pelos companheiros e companheiras e o reconhecimento eterno, inclusive de que nossa luta não acabou não é? Para além de apurar os fatos que a gente inclusive acredita que ainda falta muito a se apurar, é necessário que se lute pela punição aos torturadores e assassinos da ditadura militar. Porque são essa, é essa impunidade que mantém inclusive até hoje a impunidade da Policial Militar que continua reprimindo os movimentos sociais, que continua torturando nas favelas a juventude negra das periferias, que continua exercendo tortura nos porões dos Amarildos, das Cláudias, dos vários desaparecidos políticos que nós ainda convivemos em pleno século XXI no nosso país. E que sem dúvida nenhuma essa mesma impunidade, que o Estado brasileiro e as instituições militares se recusam a apurar, elas são responsáveis também por uso e que se mantém essa impunidade, que se mantém essa perseguição aos movimentos sociais. Então a UNE está presente na luta. Estamos aí também juntos pela apuração dos casos, pela abertura dos arquivos da ditadura que agora foi anunciado que vão abrir, mas que ainda falta muito para se cavucar nessa terra. Ainda faltam muitos ossos dos nossos companheiros para voltarem para os seus familiares e estamos na luta pela memória, pela verdade, sobretudo pela justiça. Agradecer o espaço que a mesa concedeu aqui pra gente e até a vitória. Saudações estudantis aí para todos.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado Márcio. Eu gostaria de convidar para compor a mesa e fazer uma saudação aos presentes, o Secretário de Estado dos Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania, nosso querido Nilmário Miranda. Enquanto o Nilmário chega até a mesa, eu gostaria também de registrar uma mensagem do Senhor Governador dirigida a essa coordenação: “Prezado Coordenador, grato pelo cordial convite para audiência pública. Repressão ao Movimento Estudantil em Minas Gerais, no período da ditadura militar. Lamento que compromissos previamente

assumidos, impeçam o meu comparecimento. Entretanto dada a relevância do evento, informo-lhe que o Secretário de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania, Nilmário Miranda, irá representar-me na ocasião. Com votos de sucesso, Fernando Pimentel, Governador do Estado.” Com a palavra, o Nilmário.”

NILMÁRIO MIRANDA: Bom dia a todas. Já acostumou né? Bom dia a todas. Aí os todas, sintam-se incluídos. É uma brincadeira. Mas então gente, eu ontem estava no, viu Robson, Célia, amigos e amigas aqui. Ontem foi a posse da nova direção da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal em Brasília. Teve uma audiência pública, sempre é assim. E vão todas as entidades nacionais, todos os campos temáticos. Participa dessa audiência, é um pouco para buscar a agenda do ano, né? Para a Comissão de Direitos Humanos que até é uma comissão importante no país. Apesar de que teve um ano aí que ficou nas mãos de um anti-direitos humanos, que é o Marco Feliciano, mas nos últimos 03 anos, só um defensor de direitos humanos que dirige. Ontem foi a posse do Paulão, um deputado de Alagoas e a Érica Cocai como vice. E parecem todas as demandas, agendas propostas, sugestões, críticas não é? Uma coisa está clara pela audiência de ontem. Esse tema da verdade e da memória saiu no Governo Federal está fora da agenda. Não se fala nisso. Esse assunto ninguém toca, que é um ponto importantíssimo que com a criação da Comissão Nacional da Verdade em 2012, já havia comissões de verdade feitas em alguns lugares não é? E inclusive aqui nossa aqui foi instituída após ela. Isso é uma perda. Aqui no meu entendimento, esse campo aí dos direitos humanos, incorpora como um direito e garantia importantíssimo. Memória e verdade tem o mesmo status que as demais historicamente, demais temas que compõe o ideário dos direitos humanos. Segundo, eu vi também um, o (ininteligível) deu AP de, da Procuradora-Federal dos Direitos do Cidadão para por se é ação de juízes, uma preocupação muito seria com a democracia. Aqui e o rompimento do pacto democrático no Brasil. E da Constituição de 88, essa análise é mais forte do que eu pensava. Era a minha opinião, mas tomava como opinião. Eu estou vendo que é um grande, uma preocupação generalizada inclusive com a proposta de fazer um pacto entre diferença para preservar a democracia. E ali disposição como sinais principais o tripé da seguridade social, foi considerado um pilar da Constituição. Uma Previdência que garanta um direito, saúde que é um direito de todos e dever do Estado, assistência social ao cidadão. E também o outro pilar é um trabalho decente. Entre, não sei quantos pilares tem, mas seguramente é um dos pilares da Constituição também que

está sendo colocado em xeque não é? A noção do trabalho decente está sendo bombardeada. Mas também no campo dos direitos civis e políticos não é? Dos gerentes civis, a ideia da presunção de inocência que faz a diferença não é? Se uma democracia tem direitos mas eu não tenho, isso é puramente formal. Também está posta em dúvida. Assim como os direitos políticos é o princípio da soberania popular que tem uma Constituição que começa com ela. Todo o poder emana do povo e em seu nome será exercido. Então a soberania popular foi colocada em xeque, foi, é como através do impeachment sem clara configuração de um crime de responsabilidade. Acabou sendo afastamento de um, a negação da soberania popular e isso aí as consequências cada grupo que falava ali, enumerava que na sua área está havendo um retrocesso. Foi só os indígenas, Paulo Afonso está aqui mas ali os indígenas. Tem um desmonte da Funai, um desmonte. Essa semana foram demitidas 75 pessoas praticamente torna a Funai quase inoperante. O Incra também está em desmonte. Vem o pessoal do MST e fala que tem 16 militantes do MST. Do MST mas tem de outros movimentos também, presos no Brasil hoje. Lá em Recife tem dois militantes do MST que estão há 08 anos presos. Vai fazer 09. Com prisão preventiva. Com prisão provisória, sem julgamento. Estão mantidos com prisão preventiva. 08 anos. E então é claro que também prisão de manifestantes. A hora que nós vamos discutir aqui a questão do movimento estudantil e com ditadura e de repente a gente vê que em alguns estados, a regra é repressão a manifestações. Não é? Direito a manifestação expresso na Constituição, que parecia consolidar, de repente, não é bem assim, não é? Não está, essa coisa não está tão estabelecida. Então no nosso caso aqui, eu acho que é importante a atuação dessa comissão e ligado não só a recuperar o que aconteceu. Mas importante o que virá, que recomendações, do que que se retira da experiência do trabalho dessa comissão não é? Então acho que nesse sentido, acho que Minas Gerais está buscando ficar a parte desse clima de retrocesso. Mantendo as grandes pautas não é, digamos, que relaciona democracia e direitos humanos e direitos humanos e democracia. Não é? Estão muito presentes aqui. E segundo, e por fim falar sobre o DOPS não é? Também que eu acho que tem tudo a ver. Vocês estão sabendo que finalmente as mulheres que estavam ali presas ali no CERESP Mulher, saíram de lá e já está pronto praticamente o lugar que vai legar a Polícia Civil, que é na parte de cima do DOPS, são duas coisas, prisional e Polícia Civil e com isso nós começamos a acelerar a transformação do DOPS num Memorial de Direitos Humanos. No sábado a CUT fez um congresso, terminou o congresso na porta do DOPS, mais

de mil pessoas. Foi ato na porta do DOPS. Interessante, não é, que sinal dos tempos. Mas a nossa ideia é fazer uma coisa bem rápida. Nós estabelecemos como uma meta no dia 31 de março do próximo ano, inaugurar o Memorial onde funciona o DOPS. E o DOPS é um símbolo do que separa a democracia da democradura, da dita branda, da democracia formal com autoritarismo. O DOPS simboliza. Transformar em memorial de direitos humanos que numa democracia não cabe punir a dissidência política, nem criminalizar o conflito social e o movimento social. A democracia sua grande qualidade é essa, entre muitas de admitir o conflito. Normal, quer dizer, nós precisamos até definir democracia que admite o conflito de classes, que o conflito de várias enfim, em suas várias direções não é? E o DOPS simbolizou isso. Quer dizer, ficou ali, foi criado em Minas em 27, olha só, quase um século. Fazer 90 anos esse ano que foi criado. E naquele lugar ali, em junho do ano que vem fará 60 anos que está, funcionou para esse fim. Ele foi feito para abrigar uma delegacia de ordem e política social. Em algum momento, chamou delegacia de vigilância social. Não foi só na ditadura. Foi antes da ditadura também. Atravessou todo o período da Conselho de 46 funcionando como, olha, você precisa de uma delegacia de ordem e política social ou de vigilância social, porque na verdade aquela democracia não admitiu conflito, como parte, como parte da democracia que é a democracia, tem obrigação de lidar com ele. Então é bom também deixar essa. E estamos aguardando, nós vamos fazer, a comissão vai fazer com a Secretaria de Direitos Humanos uma reunião proximamente para discutir o desdobramento até o fim do trabalho da Comissão da Verdade em Minas e claro, nós vamos aguardar o relatório final para ver as recomendações também. E o quê que mesmo, quando extinguir o trabalho da comissão, o quê que nós vamos continuar fazendo como política? Só nós tivermos a informação, a Ceres estava lá, o Robson também, acho que demais pessoas aqui que estavam presentes lá. O arquivo público, Tiago Veloso nos informou que já tinha aqueles 98 rolos, foram microfilmados. Levou anos, anos e anos para microfilmarem os rolos. Aqueles 98 não é? Que foram as duras penas retiradas da Secretaria de Segurança Pública em 2008, antes de 2000, aquela CPI, depois da CPI da Assembleia que agora recebeu mais 500 rolos. Só isso aí, o trabalho se for no ritmo que foi feito os 98, vai levar 20 anos, e nós não podemos esperar 20 anos para conhecer o conteúdo daqueles 500 rolos que chegaram não é? No arquivo público do DOPS de informações que estavam escondidas não é? Em pleno período democrático. Isso após a Constituição de 88, após a Constituição Estadual, permaneceu por um longo período aí e agora aparece adicional de

insalubridade 500 rolos que foram localizados dentro do aparato de segurança do Estado. Não é? E entrega para quem deveria entregar, ao arquivo público não é? Está claro que nós também queremos dar sequência ao trabalho da Comissão da Verdade. De outros modos através de políticas públicas, de memória, verdade. A de justiça infelizmente companheiro da UNE não depende de nós, porque isso aí infelizmente em 2010 o STF poderia ter, não teve a coragem de fazê-lo não é? Não teve coragem de fazer porque o argumento de manter a anistia a torturadores, um argumento político, falso. Representava uma demanda da época, como se fosse um grande consenso, quando na verdade a anistia com esse formato passou por 08 votos. E como a oposição era, o MDB era menor do que, bem menor do que a Arena, uma grande parte da Arena votou pela quase derrota, a proposta de anistia parcial. Que protegeu os torturadores e exclui mortes aparecidos, etc, tortura, depreciação da anistia. Mas o STF manteve não é? Apesar de sentenças internacionais que não reconhecem esse modelo de anistia, que o Brasil deveria se adaptar e cumprir, não fez. Mas nós vamos depender também de um, não deixar isso, essa luta morrer nunca. Nem no âmbito do Congresso, nem no âmbito da justiça não é? Nós, um mineiro nosso aqui, anteontem, o Arnaldo Cardoso Rocha. Ele tinha um processo que a família fez, lara e tal para sua morte dele, que tem evidências por erro do Estado, foi responsável por violação de direitos, foi arquivado. Mais uma não é? Que foi arquivado caso. Que é quase uma sequência não é? Claro, não acabou e não vai acabar não é? Então essa, a luta pela memória a verdade e justiça, tem na Comissão da Verdade uma de suas grandes momentos em Minas Gerais. Então a gente está aqui em nome do Governador, em meu nome, em nome do Governo, para dizer do nosso apreço pelo trabalho que está sendo feito pela Comissão da Verdade. Obrigado.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado Nilmário, você fica à vontade. Eu sei que você tem a sua agenda, a sua agenda ampla, mas fiquei à vontade. Eu gostaria de registrar aqui a presença e cumprimentar o Sub-Secretário de Promoção dos Direitos Humanos Doutor José Francisco, os conselheiros da COVEMG aqui presentes, o Carlos Melgaço, o Jurandir Persechini, Emely, a Celina Albano. Eu vi também que também estava aqui, queria cumprimentá-los. Está lá atrás, ok. O pessoal da equipe técnica da COVEMG. Temos parceiros da Defensoria Pública, muito obrigado a todos pela presença. Bom, iniciando efetivamente essa audiência pública, eu gostaria de convidar para compor a mesa, Emely Vieira Salazar. Paulo Teles. Jésus Santiago e o Américo Antunes. Por favor, fiquem à vontade. Claro, fiquem à vontade. Segundo a legislação

que criou a Comissão da Verdade em Minas Gerais (COVEMG), compete à COVEMG esclarecer os fatos e circunstâncias dos casos de graves violações aos direitos humanos e direitos fundamentais. Identificar e tornar públicos os locais, as instituições, as estruturas e as circunstâncias relacionadas direta ou indiretamente à prática de violações aos direitos fundamentais, inclusive as suas eventuais ramificações nos diversos aparelhos estatais e na sociedade civil. Recomendar a adoção de medidas e políticas públicas para prevenir ofensas aos direitos fundamentais. Promover com base nos informes obtidos e as averiguações efetivadas, a reconstrução da história dos casos cabíveis em suas atribuições, bem como colaborar para que seja prestada assistência às vítimas e seus familiares. O artigo 5º da Lei 20765/2013 que instituiu a Comissão da Verdade em Minas Gerais, determina que para a execução de seus objetivos, a COVEMG poderá entre outras atribuições, solicitar qualquer informação e documento diretamente dos órgãos e entidades públicos, promover audiências públicas, determinar a realização de perícias e diligências e pedir o auxílio de entidades para tomar o depoimento de pessoas que guardem relação com os fatos e as circunstâncias examinadas pela comissão. Por meio de audiências públicas, a Comissão da Verdade em Minas Gerais pode direcionar a atenção governamental e pública a instituições específicas, tais como os meios de comunicação, as prisões, as instituições judiciais, as graves violações a segmentos específicos, no caso o Movimento Estudantil, servindo assim de catalisador do debate sobre a função que essas instituições e movimentos cumpriram no passado e as medidas que devem ser tomadas no futuro para incrementar sua efetividade e sua capacidade para proteger e promover os direitos humanos. Esta é a segunda audiência pública da COVEMG neste ano. No último dia 23 de março, realizamos uma audiência pública com o grupo de jornalistas mineiros, para tratar da censura aos meios de comunicação de massa em Belo Horizonte no período da ditadura civil militar. Foram convidados a falar sobre suas experiências os jornalistas Aloísio Moraes, Carlos Lindembergh, Manoel Marcos Guimarães, Miriam Cristo, Vilma Fazito, Washington Melo e o Secretário de Estado dos Direitos Humanos, Participação e Cidadania, Nilmário Miranda. Hoje ouviremos lideranças e representações estudantis dos estudantes que lutaram naqueles anos de chumbo. Para audiência pública intitulada “Repressão ao Movimento Estudantil em Minas Gerais no período da ditadura.” Nesta audiência, serão colhidos testemunhos de estudantes universitários que sofreram a repressão da ditadura militar em nosso Estado. Também serão lembradas circunstâncias de fatos relacionados à luta no meio

universitário, que resgatam uma memória de graves violações de direitos humanos, ocorridas na época do regime militar. Nos depoimentos serão rememorados episódios de repressão, que ocorreram em Belo Horizonte, no interior do Estado. Dentre eles, a aplicação do Decreto-Lei 477, as intervenções militares nas universidades. As prisões de estudantes. O Congresso da UNE em 68, quando foram presos estudantes de instituições de ensino superior de Minas Gerais e também o 3º Encontro Nacional de Estudantes, realizado aqui em Belo Horizonte. Essa audiência será realizada em duas etapas. Pela manhã e à tarde, e será coordenada pela Professora Maria Ceres Pimenta Espínola Castro, integrante da COVEMG e coordenada da Sub-Comissão VI que entre outros temas, trata da repressão ao movimento estudantil e as universidades mineiras. A Professora Ceres também informará aos presentes as regras. Aos presentes, as regras dessa audiência pública. Quero de antemão, em nome da COVEMG agradecer muito a presença e a contribuição dos nossos depoentes. Tanto agora pela manhã, quanto à tarde e que faço questão de citar os nomes. O Aluísio Marques, a Samira Zaidan, Gildásio Consenza, Valdo Silva, Emely Salazar, Paulo Teles, Eleonora Menicucci, Jésus Santiago, Américo Antunes e Marcos Aguiar. Que darão seu testemunho sobre as formas de repressão sofridas pelo universitários e universitárias no período da ditadura militar. Eu passo a palavra então para a Professora Maria Ceres.

MARIA CERES: Bom dia a todas as pessoas que estão aqui. Eu gostaria de dizer que esta Subcomissão é, esse grupo que é a repressão, que trata da repressão às universidades e ao movimento estudantil, ele integra a 6ª Subcomissão da COVEMG que trata do tema Outros Direitos Fundamentais Violados. E o qual nós temos 04 grupos. Um que é a questão dos representantes políticos cassados por lei de exceção e dos servidores públicos que foram aposentados também por atos de exceção. O outro que é a questão da censura aos meios de comunicação aos espetáculos artísticos e culturais, intérpretes. Terceiro, que é a repressão às universidades mineiras e ao movimento estudantil e o quarto grupo dessa Subcomissão é a questão das crianças e adolescentes, cujos que não puderam conviver com os pais, porque eles foram mortos ou desapareceram ou ficaram presos um período muito grande. Além dessa Subcomissão, eu queria dizer para vocês que nós temos uma subcomissão coordenada pelo companheiro Melgaço, que trata da questão dos mortos e desaparecidos políticos naquele período da ditadura. Uma outra subcomissão que trata no seu grupo, que é coordenada pela Professora, Companheira Emely que trata

da questão da tortura, torturadores e locais de tortura onde ela tem também a colaboração do grupo da companheira Celina Albano. Uma Subcomissão, um grupo na subcomissão que diz respeito aos trabalhadores urbanos e sindicalistas, que é coordenado pelo companheiro Jurandir Pessechini. O outro grupo que é relativo aos trabalhadores rurais e camponeses que é coordenado pelo Robson Sávio. Uma outra Subcomissão que trata das questões relativas à perseguição aos membros de igrejas aqui. E que é coordenado pela Celina que também colabora na questão dos locais de tortura que foram identificados. Estão sendo identificados aqui em Minas Gerais. O companheiro Paulo Afonso coordena a Subcomissão que trata das questões relativas às etnias indígenas. Todo esse trabalho é feito a partir de pesquisas em arquivos públicos e privados, consulta a bibliografia e depoimentos e testemunhos tá? Que ideia da comissão, não a ideia, o norte da comissão é que todos os eventos que pesquisamos, eles precisam de evidências testemunhais, documentais e aquelas que a gente chama de bibliográficas, ou seja, aquilo que foi publicado, portanto pôde ser ou comprovado ou questionado não é? E essa audiência aqui ela tem exatamente a função de colher depoimento das pessoas que tiveram papel importante na resistência do movimento estudantil à ditadura militar. Nós temos colhido também depoimentos, oitivas não é? Depoimentos individuais de diferentes pessoas. Há 02 dias atrás, Paulo Teles. Desculpa. Eu me encontrei depois de 49 anos com o Gugu, Luiz Gonzaga Souza Lima. Tinha 49 anos que a gente não se via. E eles esteve aqui, nós estávamos convidando para ele participar dessa audiência pública, entretanto ele não pôde, mas vai voltar a Belo Horizonte para nos dar um depoimento tá, colhido de forma individual Então isso é extremamente importante para nós. Ter a fala, a memória das pessoas. Que não é como muitos de nós não é Nilmário, militamos naquela época no movimento estudantil. Então eu queria dizer para os presentes de que as pessoas aqui na mesa, elas vão ter a fala pela chamada que a gente vai fazer. Elas vão ter o tempo que elas considerarem necessário para fazer a sua, o seu depoimento. Esta audiência pública, ela não se caracteriza como um palco ou um local de debate. Entretanto se houver tempo no final da manhã e a mesa tiver ainda condições de responder a questões, as pessoas na mesa viu Poté, até hoje fica gozando a gente. É, as pessoas aqui da mesa tiverem condições e tempo para responde questões, pode ser feitas as perguntas. Se a gente considerar que pode ser aberto isso. E nesse momento eu quero passar a palavra para o Robson para fazer, ou você quer que eu mesmo passe? É, então eu vou passar a palavra para o companheiro Américo Antunes que em

virtude de questões particulares, ele solicitou que ele fosse a primeira pessoa a se manifestar, tá: muito obrigado Américo, tem a palavra.

AMÉRICO ANTUNES: Bom dia. Eu gostaria de em primeiro lugar saudar essa comissão pelo trabalho que vem realizando de resgatar a história e sobretudo a memória dos anos de luta contra a ditadura militar entre 64 e 85. Uma iniciativa da Secretaria de Direitos Humanos, o companheiro Nilmário, extremamente importante para que esses fatos e essa história não se repita e sobretudo recomende ações nesse sentido para não só governos, mas também a sociedade. É, gostaria de agradecer ao Robson, a Ceres, pela oportunidade de estar aqui com vocês. Peço desculpas antecipadas porque eu não vou poder ficar durante o dia em razão de um problema familiar. Na família, então enfim, eu não poderei ficar durante todo o dia. E por isso exatamente solicitei que falasse antes. Então vamos, mas vamos lá à questão em tela, em discussão aqui e para qual a gente foi convidado. Eu participei do movimento estudantil num período que poderíamos dizer, a gente chamava na época, o termo continua atual para entendê-lo que era de reascenso do movimento estudantil, ascensão do movimento estudantil. Nós tivemos um período como todos sabem extremamente violento no final dos anos 60 com a distribuição das entidades estudantis. Em geral as uniões estaduais de estudantes, a UNE, os próprios DCE's começaram inconstitucional a ser eleitos por ou escolhidos pelo voto indireto dos conselhos de representantes. A direita tomou conta da maioria das entidades estudantis, não só aqui no Brasil, mas no país e a partir de meados dos anos 70, começa a haver portanto uma retomada do movimento estudantil, uma reorganização do movimento estudantil, com a conquista de diretórios acadêmicos, centros acadêmicos em todas as universidades, realização de eleições diretas para os diretórios centrais de estudantes ou então criação de entidades livres, independentes como foi o caso do DCE livre da USP, o DCE Livre da PUC São Paulo em universidades onde não foi possível pelas vias "legais" reconquistar essas entidades, e partiu então para a construção de alternativas independentes, organizações independentes. E nesse processo de retomada, se destacou muito os encontros de área, da medicina não é Jésus? O encontro de estudantes de medicina, de engenharia, veterinária, da comunicação, enfim. Houve um articulação inicial bastante forte a partir desses movimentos específicos de cada área da universidade, com destaque para a engenharia, com destaque para a medicina, que foram grandes encontros não é, dos estudantes universitários dessa área e que começou daí a

irradiar esse processo de retomada do movimento estudantil. Nós vivíamos como todos aqui sabem um momento extremamente particular ou singular da história da ditadura militar após a repressão do Governo Geisel, aliás, do Governo Médici inicialmente, com a repressão ao Araguaia, com os atentados, os desaparecimentos, as mortes. Era um momento também de crise econômica mundial. A partir de 74 com a crise do petróleo. A inflação começava a retomar. O Governo Geisel com a abertura lenta, gradual e segura, como se dizia à época, e havia por outro lado também uma repressão localizada. As organizações de esquerda particularmente o momento importante em ebulição política na sociedade, embora ainda houvesse uma timidez ou uma incapacidade orgânica dos estudantes de ocuparem um espaço mais protagonista no processo da luta contra a ditadura militar. E isso vai acontecer porque está ruim aqui o microfone? Tá. Isso vai acontecer nos anos, a partir de 76, 77. Nós temos fatos importantes na conjuntura nesse período, que é o caso do assassinato do Vladimir Herzog, as primeiras manifestações na Igreja da Sé em São Paulo, lideradas pelo Sindicato dos Jornalistas na época, com Dom Paulo Evaristo Arns. Há um processo de ebulição também que vai acontecer com a repressão no DOI-CODI de São Paulo, com o afastamento do Frola. Quer dizer, então é um momento de turbulência embora no plano político, nós houvéssimos os senadores biônicos da Arena, compostos pelo Pacote e Abril de 1977. Então era um conjuntura tanto do ponto de vista econômico como político, extremamente propícia a um processo de ressurgimento, retomada do movimento estudantil, que aconteceu exatamente a partir de 1977 de forma mais enfática, de forma mais orgânica com o processo das primeiras repressões, no caso a prisão de companheiros em São Paulo, que faziam uma convocatória para o dia 1º de maio de 1977. Eles foram presos. Imediatamente o movimento se reorganizou em São Paulo. Saiu para, 5 mil estudantes foram para o Viaduto do Chá, apesar da polícia ter proibido as manifestações de rua. Daí se estendeu para Belo Horizonte, se estendeu para Brasília, se estendeu para Rio Grande do Sul, Porto Alegre, como um efeito em cadeia, os movimentos, o movimento estudantil então assumiu um protagonismo de ir às ruas, de enfrentar o regime, enfim, um momento novo que se ensaiava naquela conjuntura e que vai ter aqui exatamente em Belo Horizonte, exatamente há 40 anos, vamos fazer 40 anos agora no dia 04 de junho de 2017, 40 anos da repressão ao 3º ENE, que foi portanto um 3º encontro nacional que se pretendia realizar aqui em Belo Horizonte, na Escola de Medicina, onde então se pretendia pactuar com os diretórios centrais dos estudantes, que a



reconstrução, o processo de reconstrução por via de congresso da União Nacional dos Estudantes, proscrita desde os anos 60. E esse movimento então foi duramente reprimido. Houve o cerco da Faculdade de Medicina pelas forças, o Governador era o Aureliano Chaves na época, bom lembrar. Havia uma articulação direta da força de segurança, o Dênio Moreira era o Secretário de Segurança Pública, uma articulação direta com o forte apache em Brasília. Que se desencadeou então essa repressão ao 3º ENE, com o cerco da Faculdade de Medicina. Os estudantes que lá estavam em vigília a partir do dia 03, que era uma sexta-feira à tarde, exatamente para aguardar os colegas de outros estados, quando então se chegou as notícias de que lá, Belo Horizonte estava sitiada. Todos os postos da Polícia Federal nas entradas principais da cidade, vindo de São Paulo, da Bahia, do Rio de Janeiro estavam cercados. Os ônibus estavam sendo parados e aqueles estudantes estavam “suspeitos” que vinham para o 3º ENE estavam sendo presos. Em seguida houve portanto no sábado pela madrugada o cerco da universidade, da Faculdade de Medicina da UFMG, um cerco que se prolongou durante todo o dia, todo este sábado. Até que a polícia com voz, deu a ordem de invasão da universidade, apesar da violação da autonomia universitária, postulada pela reitoria, pelo diretor da faculdade, e houve portanto naquela época os números são imprecisos. Só dentro da faculdade teriam sido presos cerca de 400 estudantes, 400 jovens, eu inclusive estava entre eles naquela época, juntamente com Samira, não é Samira? Eu acho que o Jésus também estava lá, estávamos todos lá naquele dia, levados então para a Gameleira, onde fomos todos nós com fome, porque eles tinham passado o dia sem comer, todas balas da DA da medicina tinham acabado, e os salgadinhos também, refrigerantes. E ficamos então lá na Gameleira, naquelas baias onde se colocam as vacas para exposição, com as baterias de policiais da segurança juntamente com os fotógrafos fazendo a triagem de cada um de nós, com o velho interrogatório. Você é de organização clandestina, qual é? Você está mentindo. Eu vou contar para o seu pai. Enfim, todas as formas de repressão inimagináveis para que a gente então confessasse que estávamos de alguma forma identificados com uma das tendências que disputavam a liderança do movimento estudantil na época. Do lado de dentro da Gameleira foi esse o processo. Da mesma forma que os companheiros que tinham sido presos nas barreiras policiais, parte deles também tinha sido levado para a Gameleira. E dali os chamados suspeitos de alta periculosidade, os terroristas não é? Foram então selecionados e levados exatamente para o DOPS da Afonso Pena e boa parte deles, inscritos na Lei de Segurança

Nacional ou iniciados os processos para enquadramento como terroristas na Lei de Segurança Nacional. Apesar dessa forte repressão, ela foi exatamente o estopim da retomada do movimento estudantil. A partir daí a coisa virou fogo de morro abaixo, porque ao mesmo tempo a Universidade Nacional de Brasília entrou em greve, não é? Os colegas da UNB entraram em greve, uma greve prolongada, mais de 02 meses de greve. Uma greve sangrenta, porque se enfrentava ali um general, um capitão do exército, o Capitão Azeredo, Azevedo, era o reitor da universidade. Daí o movimento foi se enraizando nas universidades. Realizamos apesar de proibido o 3º ENE em São Paulo, em setembro. O Erasmo Dias era o Secretário de Segurança Pública. Se aqui a repressão já havia sido violenta, já havia sido constrangedora, já havia sido dramática, em São Paulo, foi pior ainda na PUC, na TUCA porque três meninas foram literalmente incendiadas, pegaram fogo, jogaram fogo nas meninas, elas foram levadas inclusive internadas, exatamente pelas queimaduras que sofreram no corpo. Outros 1.500 estudantes foram também presos e triados em São Paulo. Então houve então esse momento a meu ver assim e acho muito importante a gente estar tendo a oportunidade de falar sobre ele, tenho certeza que a Samira vai abordar, o Jésus, porque o ano, os anos 70, sobretudo 77 fica meio imprensado na história da luta contra a ditadura militar no Brasil. Se lembra de 68 e é com razão, foi um momento importante, com a Passeata dos Cem Mil, etc, mas 77 foi também crucial porque essa, foi um momento em que o fato de que nós reconquistamos as ruas a partir do movimento estudantil, acabou se inserindo num contexto maior de articulação que já ocorria na sociedade. Nós tivemos a SBPC, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência exatamente em julho de 77 em São Paulo, que foi um grande momento da articulação da intelectualidade contra a ditadura militar, vamos falar a verdade, estavam lá Lula, estavam lá Fernando Henrique Cardoso, estavam lá Darci Ribeiro, Terezinha Zerbini, Dona Helena Greco, enfim, há um momento onde se rearticula e se inicia a construção dos comitês brasileiros pela anistia. Aqui em Minas Gerais, o movimento feminino pela anistia, que vai desaguar em 78 exatamente nas greves operárias do ABC não é? Com as primeiras manifestações operárias contra o arrocho, liderados pelo sindicato dos metalúrgicos de São Paulo. Aliás, de São Bernardo, mas que se articulava já com os movimentos, embora naquela época nós saibamos que o movimento sindical, sobretudo as lideranças expressivas como o Lula, tinha uma certa ojeriza com a participação política, ainda que eram dominados por uma visão economicista de que a luta se resolveria no campo econômico e a política era de certo modo secundário.

Então a retomada do movimento, se há uma repressão violenta e todos nós aqui de alguma forma tivemos a experiência de sermos presos, levados para o DOPS, sermos provocados pelos agentes lançando ali dentro do DOPS. Eu me lembro, uma vez que eu fui preso aqui na Igreja de São José a provocação, fui colocado num camburão, ficaram circulando comigo durante o período que a manifestação não se realizava no centro de Belo Horizonte, eu fui preso às 03 da tarde. A manifestação era às 05, ficaram circulando comigo dentro do camburão. Quando eu cheguei lá no DOPS para a famosa triagem houve a provocação era, passava um e jogava o gás lacrimogênio dentro da sala que eu estava. E ali eu chorava copiosamente, não sei se de medo, ou por causa só do gás lacrimogênio, mas enfim, todos nós de alguma forma sofremos isso. Mas apesar disso, o momento era um momento de afirmação da luta, portanto era até uma honra ser preso e enfrentar, ter coragem como fizemos em 78, nos 10 anos de protesto contra o assassinato do Edson Luiz, no calabouço no Rio de Janeiro, onde pela primeira vez retomamos as ruas de Belo Horizonte, a partir da Faculdade de Direito, Samira liderava a mesa em cima naquela época. Saímos às ruas, ocupamos o centro de Belo Horizonte, Tupis, várias passeatas saindo de vários lugares. Nos entrincheiramos na Faculdade, na FACE da UFMG, muitos fomos presos naquele dia. Porém o movimento, eu quero sempre enfatizar isso. É um momento de retomada, é um momento de ascensão, é um momento de enfrentamento e acho que 77 fica um pouco perdido nessa história não é? Da resistência ao regime militar no Brasil. O resultado dessa articulação é o movimento foi a reconstrução da UNE em 1979, no congresso de Salvador. Quem era o Governador então era o Antônio Carlos Magalhães, o Toninho Malvadeza, que surpreendentemente nos deu guarida. Deu guarida inclusive cedendo o Centro de Convenções, que é aquele lá depois do Rio Vermelho, ele estava acabando de ser inaugurado. Inclusive forneceu as quentinhas. Foi o Antônio Carlos Magalhães que forneceu as quentinhas, muita gente passou mal de intestino, inclusive eu. Houve cerco também da Polícia, nas entradas de Salvador, mas naquele momento não conseguiu ou não se teve a legitimidade entre os próprios pares do regime militar para fazer uma intervenção grotesca, dramática como havia acontecido em Belo Horizonte e São Paulo em 1977. Logramos naquela época reconstruir a UNE, um congresso extremamente representativo, com mais de 10 mil participantes. Entre não as lideranças estudantis e delegados eleitos nas universidades brasileiras, mas também para lá fluíram os movimentos que se organizavam não é? Teríamos a anistia no final de 79, mesmo que parcial, com a volta dos exilados a partir

de agosto de 97, então o momento de ebulição é que se completaria nesse caso com a reconstrução da UNE nesse congresso de Salvador em 1979. Daí reconstruímos as Uniões Estaduais de Estudantes. Houve durante todo esse período uma repressão localizada, permanente sobretudo quando a gente ia às ruas não é? Quando a gente ousava na reconstrução da UEE por exemplo, em 79, que nós fizemos eleições diretas pelo Estado, vários companheiros da nossa chapa foram presos mesmo no interior. Uberlândia, Uberaba exatamente porque estavam na rua fazendo pichações, convocamos na porta das universidades. Então havia uma repressão latente, permanente. Haviam os infiltrados dentro do movimento estudantil. Permanentemente, é só abrir os relatórios e os arquivos do DOPS, que agente vai encontrar essas informações. Eu já tive oportunidade de ver alguns desses relatórios, onde se registra as assembleias, até quem falava o quê, quem representava qual tendência, qual organização. Qual, quem defendia abaixo a ditadura, quem achava que não deveria defender ainda abaixo a ditadura, quem achava que era Assembleia constituinte, quem achava que não era, quer dizer, o quê que essas forças representavam. Então havia uma fiscalização ou mesmo uma infiltração permanente nos observando, mas como disse, o momento era um momento de retomada, era um momento de avanço. Era um momento que vai felizmente resultar depois posteriormente, nas diretas já em 84, quer dizer é um momento que tem uma particularidade nessa história da luta contra a ditadura militar e que eu fico muito feliz da oportunidade que a comissão está nos dando de podermos abordar esse período com todas as suas particularidades. Eu agradeço o convite mais uma vez e peço antecipadamente desculpas por não ter, poder ficar o dia todo, obrigado.

MARIA CERES: Muito obrigada. É, nós vamos passar a palavra para o companheiro Jésus Santiago, inclusive diz que está meio articulada a fala dele com a sua. Então acho que ele solicitou que a gente passasse a palavra para ele, obrigada.”

JÉBUS SANTIAGO: Bom, queria agradecer à Maria Ceres pelo convite. Para mim é uma honra, um dever, dar testemunho de minha participação política no movimento estudantil. Não é? Queria agradecer também ao meu colega Jorge Pimenta e ao José Francisco. Que de alguma maneira me ajudaram para levantar alguns poucos dados que eu gostaria de testemunhar aqui diante de vocês. O meu depoimento concerne a meus mandatos como presidente do Diretório Acadêmico. Da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG que ocorreu em 75 e 76. Também como presidente do Diretório Central dos Estudantes que foi durante o ano de 1977, 78, exatamente esse

período, parte desse período que o Américo abordou. Eu fui também membro da comissão da primeira comissão Pró-UNE que era uma comissão constituída pelos presidentes dos DCE's da época não é? Nessa comissão por exemplo tinha o nosso colega, companheiro de organização política, Aloísio Mercadante. Eu diria não é? Que o modo em que repressão se expressou nessas duas situações, três, não é? Guardam diferenças notórias com o passado da violência que se abateu sobre o movimento estudantil. Verdade, a colocação do Américo não é? Que essas diferenças também dizem respeito ao fato de que nessa época, nós experimentamos toda uma retomada das mobilizações mais de massa, do movimento estudantil. Não é? Mas eu diria que nesses exercícios, não é? Particularmente no mandato do DCE se tratava de um momento em que a violência governamental resultava de um certo declínio da força política dos governos militares. Eu diria que eu tomei conhecimento portanto nessas duas situações, de novas formas de repressão policial. Sobretudo não é, aquilo que se manifestava via o batalhão de choque da Policial Militar de Minas Gerais. Então eu por exemplo, como dirigente do movimento estudantil, eu não fui torturado, como foram todos os meus colegas, não é? Que tinham responsabilidades políticas junto às entidades estudantis. Não é? Mas eu fui preso. Eu apanhei na rua, numa dessas vezes inclusive nesse evento, que o Américo fez referência, de comemoração lá da morte de 10 anos da morte do Edson Luiz, que foi um evento na coordenado pela Samira Zaidan na Faculdade de Direito que nós saímos em passeata que eu tomei uma cassetetada no pescoço, eu desmaiei e eu fui socorrido por um colega de uma outra tendência política e felizmente, porque a situação ficou complicada para mim nesse, ali na Rua Tamoios ali na virada da Rua Tamoiso, o batalhão de choque esta escondido. E a gente tomou bastante pancada ali naquela situação. não é? Ou seja, esses 02 mandatos eles aconteceram já durante o Governo Geisel não é? Cujas do General Geisel melhor dizendo. Cujas base de sustentação política e social, sofreram abalos significativos? É claro, em função dos movimentos não é? Políticos e populares não é? Que vinham acontecendo já nessa época. Então é.

MARIA CERES: Obrigada, eu quero passar a palavra agora à companheira Emely Salazar para o seu depoimento, obrigada.

EMELY SALAZAR: Bom dia para todos, meus cumprimentos aos companheiros da mesa. Aos presentes. Alguns sobreviventes, companheiros. Sobreviventes da ditadura. Eu quero aqui cumprimentar o Márcio, eu fico muito encantada e já

plenamente satisfeita de ver que ainda tem jovens, estudantes com garra, que conhecem a história dispostos a levar a nossa luta em frente, viu? Gostei muito Márcio, muito obrigada pela sua presença. Então vamos aos fatos né, da ditadura. Eu sou psicóloga. Estudei na PUC. Eu entrei para a PUC, quando eu fui para a PUC eu já era militante de esquerda. Como disse ali o Jésus né? Eu fui de ação católica e logicamente de AP's né? E eu me desliguei da AP quando ela se tornou Marxista Leninista, eu morria de medo de comunismo não é? Então, mas aí eu fui fazer psicologia não por que eu quisesse muito, mas porque a ditadura acabou com tudo, com todos os movimentos não é? Acabou com a ação católica, acabou. Eu era do movimento do CPC né, do Centro Popular de Cultura. Não podia reunir para nada. Eu assim, bom, então eu vou ter que estudar né? Porque aí eu posso reunir né assim que eu fui fazer psicologia então na faculdade, lá na psicologia. Eu fui do diretório acadêmico da psicologia, fui vice-presidente do DCE e aqui eu ajudei a encaminhar o congresso estadual que foi lá no Bairro da Graça, no Colégio Santo Antônio. No segundo dia saímos correndo de lá porque tivemos notícias que a polícia ia cercar. Fomos lá para o Helena Guerra no Eldorado. O Congresso começou aqui no bairro da Graça e acabou lá no Eldorado. E depois encaminhamos aqui em Minas Gerais o famoso Congresso da UNE lá em Ibiúna né? Eu encaminhava os delegados das escolas e tal. Aí teve aquele debate lá um monte de gente foi presa e com isso eu fui presa também. Eu não fui ao congresso não, mas fui presa né? Tinha meu nome lá não sei onde. Eu fiquei uns 03 meses presa na Estevão Pinto, no presídio de mulheres. Isso em 69. Quando eu saí, eu já estava sendo homenageada no convite de formatura. Mas aí eu sai e formei. Então. Bom, lá na faculdade, aqueles movimentos, reuniões né? A gente fazia pichação, passeata, corre-corre daqui para lá eu me lembro eu correndo naquele viaduto de Santa Tereza atrás do Mares Guias, ele daquele tamanho com aquelas pernas. Atravessou o viaduto num minuto e eu e a polícia atrás. Então era isso, aí um dia lá falaram: "Olha a polícia vai invadir aqui a católica ali na praça da liberdade." Aí nós ficamos a noite inteira de guarda de 02 em 02 horas a gente trocava né? Vigiando aí eu fico pensando ingenuidade nossa se polícia entrasse lá o que fazia né? Nós lá vigiando para ver a polícia entrar. Isso é para ver a ingenuidade do movimento. Nós acreditávamos, eram aguerridos, mas não tinha nada não. E tinham os informantes né, nós sabíamos falar né, que o pipoqueiro na porta da escola e o ascensorista eram informantes da polícia, bom devia ser mesmo. Eu fui chamada quando eu fui presa, se o tenente Marcelo Paixão, se eu queria fazer

direito. Achava que eu devia fazer direito eu fiquei olhando assim para a cara dele eu falei assim: “Porque?” “Não, nós arrumamos, te matriculamos lá para você fazer o curso, você não tem que fazer nada.” “Assim, não fazer nada como?”, Para ser informante não é? Eu fiquei danada da minha vida, quer dizer que eu tinha cara de colaboradores para me chamar para uma coisa dessa. Bom aí quando foi já no princípio de 70, foi até um sábado. Era casamento de uma colega lá de uma médica e eu era madrinha. Fui ao casamento, na volta eu passei lá no DCE porque eu precisava pegar umas carteirinhas de estudante para assinar e tal aí falaram lá: “Olha, caiu a turma lá na FAFICH.” Foi preso, o termo caiu. “Uma turma lá na FACICH foi presa.” Eu escutei assim: “Ah, isso não me atinge.” Ai meu Deus. Foi lá, fui para casa. Estou lá em casa assim no fim da tarde aquela batida forte na porta papapa, na porta. Eu falei: “Uai gente o que é isso?” Fui lá e abri foram entrando três homens enormes e com um rapaz, empurrando o rapaz. Ele inchado, todo machucado, entrou sentou lá no sofá aí eu entrei, sentei perto. Eu imaginei assim, que houve um acidente e lá em casa foi o lugar mais perto que eles acharam para levar o rapaz. Aí eu sentei perto e assim: “O quê que aconteceu?” “Sai daí, não conversa não, levanta.” Aí a ficha caiu né? E eu descobri que era o DOPS que tava lá em casa. Aí começaram a revirar tudo. Eu tinha casinha de João de Barro assim em cima da mesa, apanharam a casinha sacudiram, saiu de lá um projétil deflagrado de fuzil. “Tá vendo, olha aqui. Cadê a arma?” Eu falei assim: “Uai, não sei, só tem isso aí.” Aí entraram no meu quarto, pegaram minha coleção de Dostoievski. “Aí tá vendo, russo.” Prenderam meu Dostoievski lá em casa. Aí começaram, aí minha mãe caiu lá passando mal, e eu assim: “Não levanta, tem nada não. Eles estão fazendo o papel deles. Eu vou lá, explico tudo e eu volto.” Eu estou dizendo isso porque eu acreditava nas instituições. Eu estava falando isso, eu tava acreditando. Você vai lá, explica tudo e tudo bem, eu venho pra casa, antes eu não tinha nada. Não tinha feito nada né? Muito bem. Eu vou lá e volto e duraram 02 anos, 02 anos de cadeia. Muito bem. Aí me levaram né? Cheguei lá tinha uma meia dúzia de moça já. Aí no DOPS, no nosso famoso DOPS né Nilmário? O nosso famoso DOPS. Então eu estou lá, esperando me perguntar para eu explicar as coisas para ir para casa. Ia uma lá e voltava. Aí com um pouco me levaram né? “Fala.” Eu disposta a colaborar, até que eu estava, com o pouco que eu sabia. Aí eu fui descobrindo que eles não queriam saber nada não, eles já tinham a história deles montada e queria que eu confirmasse. “Fala, fala.” E eu: “falar o quê?” “Você não sabe? Nós já sabemos.” Eu: “Então se vocês já sabem, então para quê que estão

me perguntando?” Aí ele falou: “Ela é atrevida.” E aí toma chute, toma soco né? Vinha com um monte de fotografia: “Conhece?” Aí eu já não conhecia ninguém mais. Nem mostrasse o meu retrato, eu não ia conhecer. E toma choque, toma pau e tudo isso que vocês já ouviram falar quem não conhece, existe viu? Choque, pau de arara, tal de telefone, dois murros simultâneos nos ouvidos. Todo tipo de barbaridade. Teve um dia lá que eles começaram a me torturar, dar choque, me despiram e aí dava choque e mandava eu falar um salmo. “Ela é muito católica, mandar ela falar um salmo.” E eu calada n? Nem sei de que eu tinha vontade. Bateram, bateram, bateram e aí eu fui lá pra dentro. Nisso eles foram soltando as moças, depois sou eu. Quando ficou só eu, aí me levaram para a penitenciária lá Estevão Pinto, de mulheres. Bom, aqui pelo menos eu fico sozinha na cela, não acontece nada. Que o quê? O tenente ia lá me buscar. Tenente Marcelo Paixão Araújo. Teve uma vez que ele me pegou de manhã, me levou para o Colégio Militar ali na Pampulha né? Chegou lá eu vi umas caras conhecidas né? Assim, o negócio aqui tá feio. Aí começou. Primeiro me botou, tinha umas torturas assim tão indignas de quem fazia, a gente ficar em pé em cima de umas latinhas vazias, latinha de massa de tomate parece que não é nada. Você fica em pé meia hora em cima daquilo é um tormento e de braço aberto, igual na escola antigamente. Abaixa o braço a gente batia no braço. Eu em pé depois tirou e interroga daqui aí ele veio: “Ah, sabemos que a senhora tem uma espingarda, uma arma.” Eu vi lá o cara que tinha falado, ele que me deu. “A senhora tem?” “Tive.” “E cadê ela?” “Não, eu levei para o Rio.” “E entregou para quem?” Eu disse assim: “Não, eu deixei no ônibus.” “No ônibus?” “Sim, uai, eu sabia que a polícia tava parando todo mundo e olhando, eu fiquei com medo, eu larguei ela no ônibus.” Aí ficou por aí. Disse: “Essa mulher tem mais arma do que eu que sou um tenente do exército.” Aí soube de mais arma. “Queremos saber dessa e dessa e dessas armas, que estavam com a senhora.” Eu falei assim: “Estavam, eu tinha.” “E cadê elas?” “Aí eu entreguei.” “Pra quem?” “Ah, pra quem mandaram eu entregar.” “Pra quem?” “Uai, falaram que era uma pessoa em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição na Floresta, às 05 horas da tarde, chegava e perguntava se eu tinha jantado. Eu falava: “Ainda não.” Que era a pessoa para eu entregar as armas. “Aí eu entreguei tudo.” “E quem era?” Eu falei: “Aí eu não sei, eu não perguntei. Falou e eu entreguei. Assim eu me livre também dessas armas não é? Aí eu soube que eles invadiram o DCE da Católica né? E prenderam o Che Guevara lá. Tinha um quadro assim do Che na parede, eles prenderam como prova. Pegaram, vivia no mimeógrafo, aqueles mimeógrafo não é? Por quê? Um pouco antes

de eu ser presa, nós tínhamos tirado a decisão de denunciar tortura. Porque ficava o Jarbas Passarinho né? Que era Ministro da Justiça uma coisa assim e saiu na Revista Realidade que era a revista do momento, ele na capa e falando: “Não há tortura no Brasil e se houver eu acabo com ela.” Querendo já denunciar e nós olha, denunciando tortura. Tinha sido preso lá no Bairro São Geraldo um grupo de alunos da medicina, inclusive o Ângelo Pesúdio, o Jorge Nahas que hoje tá lá, aí no Pronto Socorro que ele trabalha, Maria José Nahas, todo um grupo de estudantes da medicina. E eles sendo muito torturados. E eles começaram a denunciar visitas que às vezes passavam não é? E nós pegamos e começamos a duplicar e distribuir. Então eu ia ao Rio, a São Paulo. Mandava para o exterior, tamos que denuncia tortura. E a gente pichava aqui, fazia panfletagem. O negócio era denunciar tortura. Foi nessa que eu fui presa. Nesse dia que foram lá em casa não é? Por causa de denúncia de tortura que eu fique 02 anos não é? Aí quando teve, nesse dia no colégio militar que eles me levaram, aí o tenente falou. Bateu, bateu, ficou lá. “Tudo que a senhora lembrar vem aqui e me conta, que ele vai anotar.” Eu fiquei sentada, daí a pouco eu fiz assim. “Ah, lembrou?” “Lembrei.” Aí eu fui. Aí comecei a contar: “Porque uma vez eu tive um tatuzinho, um tatu.” Ele ficou olhando não é? “Se o tatu chamava Teba, o Tebinha. O senhor precisa de ver que gracinha ele me acompanhava para todo canto, eu ia para a padaria ele ia, subia no meu pé.” Estou contando a história do tatu. “Aí um dia botei ele na cama, ele rasgou meu colchão todo cavando e tal.” E estou contando assim. “Mas e daí?” Eu falei assim: “Daí o que?” “O que tem a ver?” Eu disse: “Uai eu não sei, vocês que devem saber o que tem a ver. O senhor falou que tudo que eu lembrasse que eu contasse. Depois eles iam descobrir que eu tive um tatu e não contei né?” Aí como eu apanhei por conta disso. Mas o que eu vi era isso. Um pessoal muito incompetente, me desculpe a palavra, mas burros. Levavam umas conversas sem pé, sem cabeça. Aí eu ia na deles né? Esse tenente mesmo, um dia ele pegou um papel lá com uns nomes anotados, tinha Chain que era um companheiro nosso o codinome dele era. “Que isso? Que isso aqui?” Eu disse assim: “Ah, isso aí é um teste. Chain é a parte de finanças n? Porque um nome assim, o povo ligado à dinheiro e tal.” Ele: “Ah é?” Aí um dia ele pediu para fazer um teste com ele. Aí eu fiz. Falei que ele estava sendo um desperdício no exército, que ele tinha, que a vocação dele era para finanças. Ele: “É, meu pai sempre fala assim. “Pois é, você tá desperdiçado nessa.” O que eu inventada na hora não é? E aí eu ficava assim: “Gente não é possível, o Brasil tá é perdido mesmo. A repressão é esses caras burros do outro lado, povo igual. Eu não tem nada

então.” Não tem nada, que revolução é essa? Eles me achavam que eu era assim uma chefe de alto nível. Que eu tinha contato com todos os grupos porque eu fiz parte de uns 05 ou 06 IPM, o Inquérito Político Militar não é? Policial, é, eu estava nuns 05 ou 06 inquéritos. Por quê? Porque a pessoa ia presa, falava meu nome. Era dum grupo, outro do outro grupo. Ia preso e falava meu nome não é? E aí eles iam relacionar. “Ela é importante, tá vendo?” Na verdade é pelo seguinte. Porque eu como uma cristã e militante de esquerda, eu ajudava todo mundo. “Ó, fulano precisa esconder.”

Aí eu pegava o fulano, nem sabia quem era e nem de onde era, ajudava a esconder. Levava pra a casa da minha mãe, levava pra casa da minha irmã. “Ah, fulano precisa ir embora viajar.” Fazia fiança, arrumava dinheiro e a pessoa quando ia presa, era norma assim, você não entrega um companheiro, uma chefia. Dá um assim, qualquer um e eu era qualquer um. Aí judeus não sabia quem era e com isso eu fiquei enroladíssima num monte de processos sabe? Bom, mas aí quando foi o meu julgamento, teve o julgamento não é? Eu não fui condenada. Aí o promotor, o Simeão: “Pois é minha filha, você está vendo. Não faça isso mais. Sofrimento para a família n? Não faça isso mais.” Eu falei: “Não faz o quê?” “Uai?” “Não fiz nada, a prova é que eu tô saindo livre né?” Aí de lá: “Tá vendo? Esses comunistas são assim.” “Mas eu não fiz nada, a prova que eu saí. “A senhora saiu livre por falta de prova.” Eu disse assim: “Não, não é falta de prova não. Eles pegaram as provas todas lá no DCE. As denúncias de tortura com os torturadores, eles apanharam tudo lá uai, são as provas, você quer prova?” E foi por aí. A repressão foi violenta. Muita tortura, muita mentira. Quer dizer, eles não tinham nada, não queria saber de nada. Eles estavam fazendo o serviço deles que era prender, bater. É isso que faziam. Não tinha nada para descumprir sabe? Então foi por aí a minha história no regime militar enquanto estudante. Estou às suas ordens se alguém quiser algum esclarecimento perguntar alguma coisa, bom dia.

MARIA CERES: Obrigada Emely. Eu convivi com você uma parte desse período eu vou passar a palavra agora ao Paulo Teles que nós todos conhecemos, é o nosso Poté.

PAULO TELES: Aqui na mesa, plateia chique. Não sei nem que utilidade eu vou, novidade que eu vou trazer aqui pro depoimento chique aí do, como eu chamo aí de histórico, do Américo aqui também, do Jésus aqui também. Esse depoimento da Emely tão bacana sabe? Eu não. Minha participação no movimento estudantil foi muito

grande. Foi o tempo inteiro da faculdade. Mas de enfrentamento, de repressão até que não teve muito não sabe? A tal do João Passeata, Mares Guia não, era João Passeata, na hora que inclusive a gente ia fazer uma passeata, na frente estava lá. Mas é o seguinte eu queria começar por essa cartinha aqui, que a Célia veio me xingar aqui me chamar de quê? Mas era assim, até agora foi tanta fala importante não é? E séria e isso aqui é uma certa brincadeira, para eu me relaxar um pouquinho também, mas o que eu vou falar com vocês, contar essa história nossa de, mas é assim olha. Teve lá um, foi o IPM aí da pequena burguesia. Eu aproveito para, eu já falei com Ceres aqui, está o pessoal aí da organização, tá fazendo tem um monte de recorte de jornais lá, de fotos lá do Geraldo Magela, do Afonso Cruz. Lá em Juiz de Fora e nós lá, Irene, minha mulher magrelinha na frente lá do júri militar. E na volta fui condenado a, sei lá, que nem lembro que tempo que foi. Eu sei que eu passei uma boa parte desse tempo na Santa Casa e quando estava chega o final aí do cumprimento da pena, os colegas lá me aparecem com essa carta aqui que era pra levar pro Afonso Cruz. Excelentíssimo Doutor Afonso Cruz, Rua Rio de Janeiro tal, tá aqui os endereços do Afonso. A gente tem tanta saudade né, que era companheiro nosso não só disse, mas da Copasa, de cantoria, de farra, de tomar os mé né? Mas aí a turma fala o seguinte, os médicos assistentes e residentes da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, abaixo assinados vem pedir seja levado ao conhecimento para as devidas providências, do senhor juiz militar de Juiz de Fora o interesse dos signatários deste, em que o doutor Paulo Teles da Silva continue ocupando um quarto no terceiro andar deste prédio, da mesma condição em que se acha desde o fim de março deste ano. Achei essa carta ontem quando Irene, falei que estava indo. “Mas olha o que eu vou fazer lá?” “Uai, você vai falar da sua vida lá.” “Mas não tem nada.” “Não, eu vou achar a pasta”. E achou uma pasta com esses recortes e com essa carta da turma lá. Aí eles diziam o seguinte, pois, primeiro, antes da presença do Paulo Teles aqui no 13º andar, que era dos residentes que ficavam na Santa Casa não é? E eu morava lá no Bairro Funcionários, o ambiente era triste porque não tinha nenhuma qualidade de cachaça. A alimentação era somente a do refeitório. Música era somente as dos radinhos de pilha. A presença feminina se limitava a de algumas enfermeiras, raramente e a serviço e das arrumadeiras, faxineiras etc. Não havia quem pudesse substituir os assistentes ou residentes quando dos plantões de fim de semana. Após a chegada do Doutor Paulo Teles, o ambiente se tornou alegre e tudo se transformou por quê? Passou a ter uma adega que conta o

mais variado estoque de cachaça e outras finas bebidas. Nossa alimentação melhorou consideravelmente, porque dona Irene jamais deixou faltar excelentes guloseimas. Passamos a dispor de uma excelente discoteca ao som Gradiente, a marca, a história dessa estereofônico. A presença feminina passou a ser uma constante, com lindas meninas e com papos excelentes, aliviando-nos das tensões nervosas desta arfante trabalho diário. Ninguém mais tava, teve problema com os plantões de fim de semana porque o doutor Paulo estava sempre disponível.

Porque eu tinha que ficar na Santa Casa direto morava lá. Com tudo isso Doutor Afonso, pedimos encaminhar o presente abaixo assinado ao doutor e auditor, pedindo-lhe seja aumentada a pena do Doutor Paulo Teles de Mota, de modo que ele permaneça aqui pelo menos até dezembro de 74. Isso era 73, ele falou a data. Mas temos acrescentar que o doutor Paulo Teles está ciente de nossa atitude e concorda com o nosso pedido, só dependendo para concretização da medida do concordo do doutor juiz. E se o doutor juiz concordar, estará prestando inestimáveis serviços à causa do desenvolvimento da medicina no nosso país porque o doutor Paulo tem estudado muito o que não aconteceria se não estivesse aqui. E favor maior aos signatários deste, porque poderão contar além da companhia sempre agradável do Doutor Paulo, com a presença dos médicos experientes, sempre dispostos a contribuir com os plantões importantes dos fins de semana aparecendo. Aí vem lá, Nairo Alves, que tinha que cumprir naquela época. Isso era julho de 73 não é? Então essa uma coisa quer dizer teve, complicado a vida da gente mesmo, mas isso aqui faz lembrar do tempo que nós ficamos presos também. E que ficamos detidos lá no Batalhão Escola da PM, ou sei lá onde. Então o diretor da faculdade a solidariedade acima do grande tanto né dos colegas lá da residência da Santa Casa, os diretores da faculdade, os colegas de turma, o Doutor Lucas Machado já velhinho, vivia levando livro para ele estudar lá no xadrez e quando voltamos, eu preocupadíssimo porque a gente estudava durante o dia trabalhava à noite e aí chegando lá na faculdade preocupado com a mensalidade que é da PUC né? Quer dizer, todas as mensalidade pagas pelo Doutor Lucas Machado. Quer dizer, e nisso alenta a gente. Eu acho que a minha vida hoje assim, ela foi muito assim pautada naquele tempo de estudante está certo? A gente passava, a gente passava o dia inteirinho na escola, o dia inteiro. Lá fui vice presidente, secretário, presidente do diretório acadêmico. E eu lembro que era, foi um período complicado e a faculdade queria ser federalizada e nós não concordávamos com isso. Então era o tempo inteiro a gente envolvido com estudo,

com as aulas e tal e com os problemas dos colegas, dos estudantes e tal. Que era particular, mas a gente não via, gente muita rica na faculdade todo mundo, fora dos horários de aula ali era trabalhando mesmo tal. E a gente ficava o dia inteirinho, o dia inteiro ali pitando sabe? Foram uns 06 anos de curso, 06 anos de labuta junto com o pessoal, 06 anos aí, quer dizer eu fiquei na faculdade de 65 à 70 e foi o tempo direto lidando aí com a repressão, com a ditadura, com as tensões que se ficava, mas era um trabalho tão chique que eu me lembro perfeitamente, tenho a imagem na cabeça assim o Luiz Travassos, buscado aí no Brasil inteiro com vida clandestina, mas lá no diretório acadêmico ele chegava e dormia tranquilo lá nos sofás lá na faculdade. Então era uma espécie, a gente falava que lá era uma espécie de território livre dos estudantes sabe? Quer dizer, era uma relação que a gente tinha com as pessoas lá, com a faculdade e tal. Então eu acho que essas coisas ruins que aconteceram, contrabalançaram muito com essa vivência que a gente teve na faculdade sabe? E era tanta e eu tenho uma coisa que eu não me lembro muito, que eu não me esqueço aliás. Estava lutando para federalizar e nós não queríamos. O contrário, nós queríamos federalizar e a PUC não queria, manter particular e a luta nossa era para reduzir e não ter que pagar a mensalidade, ficar igual a UFMG e tal. E teve uma assembleia enorme, estava lá o diretor da faculdade, os membros da congregação e tivemos que votar se a turma topava ou não. E estava lá alunos, professores, pessoal do laboratório, serventes, pessoal de limpeza, todos os professores, todas as séries e a gente levava, fazia tudo com participação de todos mesmo e nesse dia para mim ficou demonstrado isso que eu não esqueço. Porque na hora de votar e dizer sim ou não, aí começou aquela confusão com é que faz sim ou não, tinha uma assembleia enorme no saguão da faculdade. Aí eu me lembro que eu disse assim: “Não, vamos fazer o seguinte: eu vou chamar um por um pelo nome.” E a turma riu e eu errei um nome. Chamei todos os alunos, professores, serventes da faculdade, uma coisa dessa em meio sei lá, a psicologia deve até analisar direito. Sabia todos mesmo pelo nome. Então e essa, eu acho que é muito importante, foi sofrido mesmo sabe? Sair se está tranquilo estudando lá. E de repente ter que, teve o IPM anterior tinha lá um tal de Capitão Portela que encheu a paciência e tal e queria saber tudo da vida e tal. E na realidade eu era, eu fui militante da JEC, que é Juventude Estudantil Católica, da JUC Universitária e quando os católicos da JUC entenderam que não estava satisfazendo e que inventaram a AP, eu estava na AP virou APML do B e aí é que nós ficamos gostando mesmo e batalhando e de vez em quando, hein? Ação Popular Marxista

Leninista do Brasil. Era esse que era o nome. Eu pelo menos eu tenho isso na minha cabeça, mas não está aí nos recortes de jornal não. Eu sei que eles também só falavam AP, não é? APML do B. Mas então assim e de repente um dia, me apanha na minha casa tava eu Irene e André que tinha nascido sabe? Me leva pro DOPS e esse tal telefone e pau de arara, isso vou te contar, tinha que acabar. Quer dizer, era uma coisa horrível. Quer dizer, eu estava na organização nessas instituições importantes aí que alguém disse, mas a gente tava lutando pelas coisas nossas, reivindicações dos estudantes, problema da democratização da faculdade. Tinha que ter um jeito de todo mundo estudar e era um debate nosso pertinente mesmo. E de repente o cara quer saber lá, ia lá e falava era você pendurado lá com as mãos amarradas, tinha um pau aqui nas pernas levantando de perna para cima, com fio elétrico aqui no dedinho e o outro lá no outro dedinho do pé cruzando o corpo e aquela corrente alternada ou sei lá. Não, alternada é a que existe aí. Corrente contínua que aquela coisa produz que faz você urrar de dor e subir e um filho da puta de um camarada lá com uma planilha lá, perguntando no intervalo e você tá que fala. Quer dizer, se eu tiver de saber a minha história desde Teófilo Otoni, desde estudar lá no Colégio, Ginásio São José lá tinha que pegar aquele trem lá, porque a gente relata tudo. E aí foi até da minha parte aí, acho que eles foram até, ficaram até decepcionados que fizeram tanto e tanta tortura, tanta confusão para ouvir ali, eu acho que muitas pessoas foram assim mesmo e nós tínhamos consciência que tínhamos companheiros importantes que tinham que fugir, ir para fora mesmo e buscar as ideias para e fazer a manipulação nossa com vamos dizer, universalizar a nossa luta aqui não é isso? Mas assim da minha parte não tinha, não foi útil ao que eles queriam que era ficar querendo taxar o movimento de comunista de não sei o que lá mais. Está certo? Então eu acho que isso tudo foi assim complicado mesmo. O Congresso de Ibiúna foi um troço ruim demais mesmo. Um mundaréu de estudantes morro acima que tava lá, você lembra como que era. O pessoal preparou as escadarias lá, tudo de lona e de repente na madrugada lá se ouvia os companheiros nossos, liderança sair correndo, fugindo e o exercito entrando e dá-lhe cacetada, e prenderam, aquela cena. Quer dizer. São várias situações que nós tivemos, várias oportunidades que fizeram parte aí da repressão que a ditadura fez né? As nossas manifestações, as manifestações legítimas que a gente queria e no nosso caso nas ciências médicas lá era democratizar, participar, fazer, o pessoal tomava, tomasse conhecimento de todos os problemas da educação e dos estudantes e tal. E quando eu falo aí, já encerrando porque essa parte aí foi isso, assim, eu acho

que aquela solidariedade lá laço da turma, do Professor Machado, os outros professores tá certo? Acho que isso. Quer dizer hoje em dia, eu sai da faculdade em 70 e não lidei com mais nada assim de nível, nem aqui na capital e estadual e tal, mas já estávamos em Ibitité desde 68. Bate lá um, foi a única manifestação assim interessante porque era velhinho. Tinha lá o hospital chamado Franklinlândia. E Franklinlândia era vivo lá conosco e nesses processos, nesses IPM's aí tivemos que encontrar com os repressores aí várias vezes. E aí perguntaram para o Seu Landim assim: "O quê que o senhor acha do doutor Paulo Teles? Nós estamos achando aqui que ele é comunista." Aí ele velhinho, sargento reformado da PM que fez o hospital lá junto com o padre, falou assim: "Pois se o Doutor Paulo for comunista eu também sou, porque a vida dele lá é assim, assim, assado." Então eu acho que quando isso foi um marco, porque a minha vida toda depois ficou assim, eu acho que aquele trem lá para mim não, não me complicou pessoalmente. Foi ruim para o movimento, para o conjunto aí dos estudantes, conjunto no, de todas as vontades que nós temos de que o povo se liberte. Isso aí foi importantíssimo. Agora para mim pessoalmente serviu foi de maior engajamento sabe? Dizer Ibitité, eu virei prefeito em 82. Fui prefeito de 83 a 88. Aí nosso candidato perdeu a eleição. 92 eu virei prefeito de novo. Fizemos um trabalho importantíssimo mesmo. Aí aquele cambada daqueles bandidos, aqueles Pinheiros que tem lá em Ibitité, tomaram conta da prefeitura de um modo assim truculento, da prefeitura não, da cidade. Compra a cidade inteirinha, domina, põem dinheiro em tudo, tem sabe e ficava e nós ficamos lá lutando com ele, contra eles lá durante 06 anos e agora nessa eleição agora, nós ganhamos a eleição deles de novo, está certo? E sempre quer dizer, eu virei vice-prefeito porque eu nunca juntei dinheiro nenhum, tenho pra sobreviver, pra cuidar dos meninos e tenho até gente grande lá que tem que tá dando suporte até hoje tá certo? Mas foi assim uma vitória bacana, apareceu um companheiro bom lá que está continuando ser bom e que tinha dinheiro. Aí virei vice-prefeito dele sem problemas, porque nós tínhamos que ganhar a eleição e aí permanente sempre experimentando que as pessoas tomem conta da prefeitura, tomem conta da cidade, toma consciência das coisas e entenda o quê que é esse orçamento. Agora na LDO agora, nas audiências para fazer a Lei de Diretrizes Orçamentárias foram 07 audiências importantíssimas. Muita gente, muito mais do que as pessoas que estão aqui, está certo? E a gente sempre debatendo isso. As pessoas né, aprenderem, tomar consciência do que é do povo mesmo. Nós é que temos que dá o rumo para o Estado e ficar enfrentado essas loucuras aí de, sabe? Com

seriedade, com cuidado e a gente está sempre debatendo isso também né? Quer dizer não tem nada que ficar usando prefeitura em benefício próprio, a coisa é coletiva e tal. Eu acho, eu pensei aqui rapidamente que a Ceres falou aqui que o Gildásio Cosenza que foi um que me motivou vim aqui também porque foi companheiro o tempo inteirinho. Eu me lembro toda hora, vinha um bilhete lá “Como é que o seu nome?” Ele: “Gildásio.” Aí ele põem aí: “Gildásio Vestin.” Está certo? Quer dizer, ele vai falar depois, depois tem a Doralice então, a Dalva. Então eu acho que estava certo, mas a conversa minha era depois de vocês com sossego sabe? Quando eu vejo esses historiadores falando esses trem bacana aí eu fico até humilhado. Mas o meu depoimento pessoal é esse está certo? A minha vida tá beleza, vamos continuar lutando até não sei aonde. Tem uns cara ruim de vida e política em Ibirité, mas pau quer não abre mão, já abri mão já 02 vezes. Fui vice-prefeito lá aí do William Parreira agora. Ele vira e fala assim: “É, não sei o quê que vai fazer com esse camarada. Ele vai estar com 100 ano aqui com uma varinha vira, eu quero.” Pois eu vou mesmo, está certo? Quer dizer política é fundamental, é importante as pessoas gostam quando ela é bem feita e nós estamos tendo essa experiencia bacana lá em Ibirité e já há bastante tempo mesmo, embora toda hora alguém fala: “Tá na hora de parar sô. 74 anos já é hora de descansar. Descansar porra nenhuma. Nós vamos é continuar na luta aí, tá bom? Muito obrigado pela atenção.

MARIA CERES: Obrigada, Paulo Teles e eu queria dizer para vocês o seguinte, se os membros da mesa, O Jésus, o Poté e a Emely concordarem, a gente para perguntas. Lembrem-se que o depoimento é uma formulação que não deve ser nem conduzida, nem orientada, nem limitada nem. Esse depoimento é, esses depoimentos são fundamentais para o nosso trabalho. E quando as pessoas aqui disseram a respeito da, do material a gente agradece o Paulo Teles ter trazido o material, nós já xerocamos né Vanuza, ahn? Ah, estamos xerocando, vamos te devolver. Sabe? E citou uma série de documentos aí o Robson me perguntou se não, mas nós estamos fazendo pesquisas muito importantes e disso, não é? Retomando todas essas questões de diferentes áreas. No caso das universidades, a assessoria especial de segurança e informação, que existia em todas as instituições universitárias públicas na época, ligada ao Departamento de Segurança e Informação que foi instalado pelo SNI no MEC, a UFMG guardou toda a documentação. Ela tem uma lá na biblioteca central, ela tem uma sala enorme com todas as correspondências, relatórios, denúncias, processos, produzidos pela AS. Nós já pesquisamos tudo isso. Isso está

tudo fichado e organizado né Vanuza? Por sabe? Por relatórios sabe? Que a gente tá inclusive nós escaneamos porque era tudo em papel. A gente ao fazer a pesquisa, a gente escaneou e doou a cópia escaneada hoje para a biblioteca, que deve estar organizando de acordo com os critérios. Então eu queria dizer o seguinte, se as pessoas quiserem fazer perguntas, mas por favor, não interfiram no comentário ou na crítica ou elogio à fala das pessoas aqui. Porque o fundamental para nós é o que eles falaram. É o depoimento livre, esclarecido e espontâneo de cada participante aqui, muito obrigada, alguém quiser fazer alguma pergunta?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, bom dia na verdade é uma solicitação à Emely e ao Paulo Teles, para efeito de registro que mencione exatamente os anos da sua gestão, em qual universidade, qual cargo. Todos falaram mais ou menos, mas é, o Jésus foi mais preciso e isso para registro acaba sendo importante tá? Por favor.

EMELY: Eu fui do diretório acadêmico da psicologia em, da Universidade Católica, da PUC. Foi 67, 68 e do DCE, eu fui vice-presidente, 68,69, mais alguma coisa você perguntou?

PAULO TELES: Bom, eu não lembro as datas certinhas não, mas eu, o meu curso na Faculdade de Ciências Médicas né, era ligada à Universidade Católica, foi de 65 a 70. São 06 anos e desde o primeiro ano que eu participei da diretoria do diretório acadêmico ,da direção do diretório acadêmico. Agora eu me lembro que nos 02 últimos anos eu não estava. Eu lembro que tinha lá um presidente que era um amigo de uma série, duas séries a menos do que eu, o Fernando Jota. E ele que virou presidente e naquela época teve muito aí embate com a polícia e eu fiquei foi guardado na casa da avó dele ali na Barroca, durante um bom tempo. Isso eu me lembro que ele, eu não fui nesses 02 últimos anos. Agora em 65, 66, 67 e 68 eu estava na diretoria do diretório acadêmico, fui secretário, fui vice-presidente. No outro ano fui presidente até, mas não sei ano certinho não.

MARIA CERES: Obrigada.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Bom dia, tudo bem? É para a Emely que quero fazer uma pergunta. Aqui Emely, aqui. Você disse que quando estava ainda na gestão do diretório acadêmico houve a realização do Congresso Estadual, o primeiro dia foi no Bairro da Graça e devido a uma ameaça da polícia invadir o espaço, todo mundo foi para o Eldorado no Colégio Helena Guerra. Eu quero saber se você tem alguma lembrança para compartilhar conosco acerca de como era a acolhida dessas irmãs do Colégio Helena Bicalho, porque eu sei porque por meio da outra comissão,

de perseguidos religiosos que quem estava na direção desse colégio eram as irmãs, umas freiras italianas e a gente está pesquisando a história delas. O legado né, delas, nessa luta contra a repressão. Então eu quero saber se você tem uma memória para compartilhar da atuação dessas freiras lá do colégio, junto ao movimento estudantil, obrigada.

EMELY: Sim. A acolhida das irmãs foi muito boa, criaram todas as condições para que pudéssemos desenvolver as nossas atividades lá. Esqueci o nome agora de uma irmã muito ligada aos movimentos, eu me esqueci. É, a Rafaela sabe? Dava todo o apoio. É tanto que eles nos chamaram para lá. Souberam que nós estávamos com dificuldade lá no Colégio Santo Antônio criaram todas as condições, a melhor lembrança que eu tenho delas viu?

MARIA CERES: Muito obrigada, mais alguém? Pois não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Essa questão desse congresso lá que a Emely se referiu e dessas freirinhas realmente, a UNE já prevendo uma possível repressão ao Ibiúna, ele dividiu o Brasil em regionais. Então aqui, esse Congresso aqui englobava parece que Minas, Goiás e Rio de Janeiro. Aí que tirou delegado para Ibiúna. Não era o estadual não. Era, a UNE dividiu em regiões do Brasil para a preparação do Congresso de Ibiúna.

EMELY: É, era preparação para o Congresso, então. É. Você falando isso aí, por exemplo, né? O Congresso de Ibiúna pensando bem gente, o pessoal ia daqui com informação: “Ó, você desce no quilômetro tal.” O esquema de segurança era esse, cada um descia num quilometro, tipo do negócio que o motorista: “Porque cada hora um desce não é?” Descia na estrada, era um esquema de segurança, para você vê né?

MARIA CERES: Também queria perguntar à Emely, a preparação do Congresso de Ibiúna nos Estados foi antecedida de congressos regionais ou estaduais? Não sei dizer. Como a senhora falou e a participação da igreja cedendo espaços e organização, criando as condições para essas reuniões acontecerem, me parece que foi muito grande. Então a minha pergunta é essa. Como que foi a participação da igreja no período de preparação do Congresso de Ibiúna na cidade de Belo Horizonte, por exemplo, que a senhora conheceu mais.

EMELY: Pois é, é bom tocar nesse assunto da igreja sabe? Houve muita participação, mas não da igreja como instituição. Pessoas da igreja que colaboravam né? Tinha padres que colaboravam, escondia gente para nós né? Lá na igreja, arrumava como

essa aí, a irmã Rafaela. Eram pessoas, não a igreja em si, sabe? Muitas pessoas participaram e ajudaram, mas não a igreja enquanto instituição.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Outro esclarecimento, esse congresso regional aí, eu me lembro que começou numa igreja lá na, não sei se na Pompeia aqui, Nossa Senhora do Carmo.

EMELY: É bairro da Graça.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lá escondido lá, quando a polícia fechou, nós descemos todos e fomos lá para esse não sei se era convento, até hoje eu não sei aonde que é. Aconteceu numa igreja lá no.

EMELY: É santo Antônio.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí foi tudo isso.

EMELY: É no bairro da Graça ali, e nós fomos para o Helena Guerra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, foi todo mundo deslocado para lá?

EMELY: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aos pouquinhos.

EMELY: É deslocamos e saímos né e a polícia não nos pegou.

MARIA CERES: Entendi. Se nós não temos mais questões, inclusive as pessoas aqui estão precisando sair o Jésus, o próprio Paulo Teles. Eu queria muito agradecer a todos. Nós vamos ter uma possibilidade de poço não é? E a gente gostaria muito de agradecer a presença das pessoas aqui, depoentes, mas também vocês que nos escutaram o Robson vai encerrar.

ROBSON SÁVIO: Bom, então nós agradecemos a presença. Para os que estão aqui, nós vamos convidar para o almoço de responsabilidade da Comissão da Verdade. As fichas vão ser entregues aqui na saída tá? Um pequeno cartãozinho. É no bar da esquina, ele fica ali na esquina da Sergipe com Timbiras não é isso? É do lado da igreja da Boa Viagem, tá? Atrás da Igreja da Boa Viagem e eu gostaria de lembrar que nós vamos ter né professora Ceres, o segundo momento dessa audiência pública que nós pretendemos começar impreterivelmente às 14 horas porque a audiência pública da parte da tarde ela tem 06 depoentes. Então nós precisamos de ser um pouco mais digamos britânicos no horário né? Inclusive uma das nossas convidadas que é a Samira Zaidan está aqui desde de manhã né? E nós teremos também as presenças do Aloísio Marques, Eleonora Menicucci, o Gildásio Consenza, o Marcos Aguiar, o Valdo Silva além da própria Samira. Então nós vamos fazer esse intervalo agora a já está aqui é verdade, desculpe, o Aloísio também já está aqui isso. Eu gostaria então

de dizer que nós podemos dirigir ao local do almoço, aqueles que quiserem e que impreterivelmente então às 14 horas nós retomaremos com o segundo momento dessa audiência pública, muito obrigado e até já.

ROBSON SÁVIO: Nós vamos dar início à segunda etapa da nossa audiência pública sobre Repressão a Estudantes, Professores e Servidores de Instituições de Ensino Superior. Eu gostaria de convidar para compor a mesa a Professora Maria Ceres Pimenta Espínola Castro que é Coordenadora da Subcomissão VI e que trata entre outros desse tema da repressão ao movimento estudantil. Eu gostaria de registrar em relação a todos os presentes que o Secretário de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania, o Nilmário, esteve presente conosco na parte da manhã e por compromissos que ele tinha já assumido, ele não estará presente nessa segunda parte da nossa audiência pública. Mas eu quero registrar que temos aqui a participação de duas sub-secretárias da Secretaria de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania que são a Ana Penido. E a Ana Penido que é sub-secretária de participação social e a Cleide Souza que é sub-secretária de promoção e igualdade racial. Obrigado à Cleide e à Ana Penido pela presença de vocês. Quero também registrar aqui a presença dos membros da Comissão da Verdade, presentes neste momento, o Jurandir Persechini, o coordenador-adjunto, o Carlos Melgaço. Nós tivemos na parte da manhã também Emely Salazar e a Celina Albano, que no momento não pode, ah, está ali. A Professora Celina Albano, desculpa Celina, está presente também aqui conosco, tá? Vamos então compor a nossa mesa, convidando os nossos depoentes, com muito prazer eu chamo aqui o Aloísio Marques. A Professora Eleonora Menicucci, o Gildásio Cosenza, o Marcos Aguiar, a Samira Zaidan que inclusive esteve conosco durante toda a parte da manhã. E também o Valdo Silva. Somente para informar aqueles que estão participando desta sessão e não estiveram aqui na parte da manhã. Segundo a legislação que criou a Comissão da Verdade em Minas Gerais, compete à Covemg esclarecer os fatos e circunstâncias dos casos de graves violações aos direitos fundamentais, identificar e tornar públicos os locais, as instituições, as estruturas e as circunstâncias relacionadas direta ou indiretamente à prática de violações aos direitos fundamentais, inclusive as suas eventuais ramificações nos diversos aparelhos estatais e na sociedade civil. Recomendar a adoção de medidas e políticas públicas para prevenir ofensas aos direitos fundamentais e promover com base nos informes obtidos e averiguações

efetivadas, a reconstrução da história dos casos cabíveis em suas atribuições, bem como colaborar para que seja prestada assistência às vítimas ou a seus familiares. O artigo 5º da Lei 20765/2013 que institui a Comissão da Verdade em Minas Gerais, determina que para a execução de seus objetivos, a Covemg poderá entre outras atribuições, solicitar qualquer informação e documentos diretamente dos órgãos e entidades públicos, promover audiências públicas, determinar a realização de perícias e diligências e pedir o auxílio de entidades para tomar o depoimento de pessoas que guardem relação com os fatos e circunstâncias examinadas pela comissão. Por meio de audiências públicas, a nossa Comissão da Verdade aqui de Minas Gerais, pode direcionar a atenção governamental e pública a instituições específicas, tais como os meios de comunicação, as prisões, as instituições judiciais e também casos de graves violações a segmentos específicos, como no caso o movimento estudantil, servindo assim dessas informações como catalisador do debate sobre a função que essas instituições e movimentos cumpriram no passado e as medidas que devem ser tomadas no futuro para incrementar sua efetividade e sua capacidade para promover e proteger os direitos humanos. Está é a segunda audiência pública da Covemg neste ano. No último dia 23 de março, realizamos uma audiência pública com um grupo de jornalistas mineiros para tratar da censura aos meios de comunicação de massa em Belo Horizonte no período da ditadura civil militar. Foram convidados a falar sobre suas experiências, os jornalistas Aloísio Moraes, Carlos Lindembergh, Manoel Marcos Guimarães, Mirian Cristus, Vilma Fazito, Washington Melo e também o Secretário Nilmário Miranda. Neste momento obscuro da nossa vida nacional, hoje ouviremos lideranças e representações estudantis que atuaram no período dos chamados “anos de chumbo” nessa audiência pública intitulada Repressão ao Movimento Estudantil em Minas Gerais no período da ditadura. Nessa audiência, serão colhidos testemunhos de estudantes universitários, líderes estudantis que sofreram repressão da ditadura militar em nosso Estado. Também serão lembradas circunstâncias de fatos relacionados à luta no meio universitário que resgatam a memória de graves violações de direitos humanos ocorridas na época do regime militar. Nos depoimentos serão rememorados episódios de repressão que ocorreram não somente aqui em Belo Horizonte, mas também no interior do Estado. Episódios como a aplicação do Decreto Lei 477, as intervenções militares nas universidades, prisão de estudantes, o Congresso da UNE de 68, quando foram presos vários estudantes do ensino superior e o 3º Encontro Nacional de Estudantes, o 3º ENE realizado aqui em Belo Horizonte. Essa audiência

está sendo realizada em duas etapas. Pela manhã nós tivemos a presença de Américo Antunes, Emely Vieira Salazar, Paulo Teles e Jésus Santiago. Teremos agora na parte da tarde o segundo momento, coordenado também pela Professora Maria Ceres Pimenta Espínola Castro que é integrante da Covemg e coordenadora dessa Subcomissão. A Professora Ceres também informará logo na sequência a todos nós os presentes, as regras dessa audiência pública. Eu quero então de antemão, em nome da Covemg agradecer muito a presença e a contribuição dos nossos depoentes. O Aloísio Marques, a Eleonora Menicucci, o Gildásio Cosenza, Marcos Aguiar, Samira Zaidan e Valdo Silva que certamente poderão colaborar com o seu testemunho sobre as formas de repressão sofridas por eles e por outros universitários no período da ditadura militar. Com a palavra então a Professora Maria Ceres.

MARIA CERES: Boa tarde a todos os presentes. Boa tarde aos companheiros que estão depoentes aqui nessa audiência. Eu queria levantar, colocar duas coisas importantes. As pessoas que estavam aqui na parte da manhã, já me escutaram, mas é importante repetir novamente as questões, que dizem respeito a duas coisas. A primeira, a questão do trabalho da comissão. A Comissão da Verdade em Minas Gerais não é? Criada pelo decreto em 2013, foi instalada em setembro de 2013 e teve o seu mandato prorrogado até agora 2017. O 1º mandato de 02 anos, o 2º mandato também de 02 anos. A gente tem trabalhado como eu disse antes, organizando o nosso trabalho naquilo que a gente chama as subcomissões temáticas tá? Existe a 1ª Subcomissão relativa a mortos e desaparecidos, que é coordenada pelo colega Melgaço, Carlos Melgaço. A 2ª comissão diz respeito a tortura, as pessoas que foram vítimas da violência, da tortura, os perpetradores dessa violação e os locais de tortura. Isso aí coordenado pela colega Emely Salazar e tem a colaboração em relação aos locais de tortura a Celina Albano. Outra Subcomissão diz respeito às violações aos direitos dos trabalhadores urbanos e seus sindicalistas e é coordenado pelo colega Jurandir Persechini. As violações cometidas contra os trabalhadores rurais e os camponeses e seus familiares, ela é coordenada pelo colega Robson Sávio. As violações dos direitos das etnias indígenas é coordenada, essa subcomissão é coordenada pelo Paulo Afonso Moreira. As violações cometidas contra grupos religiosos é coordenada pela Celina Albano. E a comissão, a subcomissão que diz respeito a outras violações de direitos fundamentais se divide que é a que eu coordeno, se divide em 04 grupos. O 1º que são os representantes políticos e servidores públicos que foram demitidos e exonerados por medidas de exceção. A

censura aos meios de comunicação, espetáculos artísticos e intérpretes não é? A repressão às universidades e ao movimento estudantil, no qual essa audiência traz a sua contribuição e a violação dos direitos de crianças e adolescentes na convivência com seus pais, porque foram mortos, desapareceram ou ficaram presos no período que impediu a convivência familiar que essas crianças tinham direito. A gente tem trabalhado de uma maneira em que nós estamos fazendo uma extensa e intensa pesquisa em arquivos. Arquivos públicos, arquivos particulares. Temos trabalhado muito com bibliografia, entendendo bibliografia e aquilo que foi publicado e que portanto desde notícias em jornais mas também em livros, dissertações, artigos, etc. Na ideia de o que é publicado pode ser contestado. Tornou-se conhecido não é? Temos trabalhado também com a coleta de depoimentos em oitivas individuais não é? E o depoimento das pessoas em diferentes situações. Neste sentido eu preciso registrar, eu esqueci de falar isso aqui no início, que a gente tem contado com a colaboração da Fumec, que tem nos cedido o estúdio de televisão para que a gente grave essas oitivas em melhores condições não é? Certamente também fazemos oitivas em outros lugares, como vamos fazer lá em salas lá da Comissão da Verdade também em uma boa condição. Mas preciso agradecer aqui à Fumec a sua colaboração nesse trabalho de resgate da memória. Nós tentamos sempre e temos como princípio, de todos os eventos que estamos identificando a gente ter evidências documentais, testemunhais e bibliográficas para que a gente possa recuperar a memória, a história, a verdade e a justiça de forma a que sabe, de maneira mais extensa, intensa e aprofundada que a gente consegue. Esta audiência aqui pública, ela tem por objetivo a coleta dos depoimentos das pessoas que estão aqui não é? Nós não temos na audiência até para preservar o caráter da audiência e do depoimento livre, consentido, esclarecido, ideia de que aqui não é um momento de debate. É um momento de coleta, para ouvir vocês que estão aqui, que foram convidados não é? Nós fizemos contatos com muitas pessoas. A gente tinham também muitas pessoas que queriam, querem participar, querem nos dar os depoimentos, mas audiência para que as pessoas possam falar de forma livre e esclarecida, também não pode ser sabe, um número muito grande de pessoas. Então eu queria dizer que nós vamos passar a palavra a cada uma das pessoas, sendo que ela vai falar o tempo que ela considerar necessário, não será interrompida e depois de todas as pessoas terem falado, se houver tempo e os integrantes da mesa consentirem, a gente pode abrir para perguntas de esclarecimento. Mas só se tiver tempo e se os integrantes, os depoentes

consentirem, perguntas e esclarecimentos. Hoje de manhã houve esse período, essa possibilidade e foram feitas perguntas para esclarecer uma data, uma, sabe? Um evento que foi colocado e que não estava claro quando, onde, perguntas desse tipo. Mas isso é só se a gente tiver tempo e os integrantes e os depoentes concordarem. O que a gente quer agora, é ter um ambiente tranquilo, para que cada pessoa faça o seu depoimento sobre a sua experiência no movimento estudantil, as formas de luta, o significado daquele momento. As formas de violações de direitos que sabe, vivenciaram. E de maneira que a gente possa ter essa memória recuperada da forma mais esclarecida possível. Então eu gostaria de passar a palavra para a Professora Eleonora Menicucci que terá então a condição para seu depoimento. Obrigada Eleonora por ter vindo, a gente sabe.

ELEONORA MENICUCCI: Boa tarde a todas e a todos, eu quero cumprimentar em nome da comissão, a amiga, companheira de tantos anos, a Ceres. E parabenizar pelo trabalho que a comissão tem feito. Quero também cumprimentar carinhosamente a todos os meus companheiros aqui da mesa. O Valdo, a Samira, o Aloísio, o Gildásio e o Marcos, com especial carinho a todos eles e a todos e todas que estão aqui nesta plateia. Quero fazer um cumprimento especial a também minha amiga e companheira antiga a Celina Albano e também a Orós, a Orosminda que também militou no movimento estudantil aqui e depois eu enquanto Ministra puxei para ela ser minha chefe de gabinete e trabalhamos juntas muito tempo lá. E o Sávio que eu estou conhecendo agora, cumprimentar também pelo trabalho que você tem feito. Eu pedi para falar em primeiro lugar, porque eu estou a alguns dias em Belo Horizonte na semana, por uma missão familiar, acompanhando uma das minhas irmãs que está morrendo. Então eu pedi para ser a primeira também a falar para poder voltar para estar com ela. Morrendo não é figura de linguagem. É real. Está nos últimos momentos, últimos minutos. E como eu tenho um compromisso muito grande com a história da qual nós todos e todas fomos sujeitos políticos e somos até hoje, eu não poderia jamais deixar de comparecer e mandar por escrito não é a mesma coisa que falar não é? É, eu realmente participei, como a minha vida foi uma vida que aquela música do Chico Buarque, meu pai é mineiro, minha mãe é paulista, não sei o quê e eu sou brasileiro. Então eu hoje posso dizer que aos 72 anos de idade, eu sou mais brasileira do que mineira no seguinte sentido, que eu percorri esse Brasil inteiro em termos das minhas atividades. E eu participei de várias comissões municipais da verdade, estaduais e nacional não é? Dando depoimento. E aqui em Belo Horizonte

que foi onde eu comecei ainda não tinha vindo. Essa é a primeira vez. Então realmente é uma alegria muito grande poder contribuir não é? De estar viva para poder contribuir com a comissão não é? A Orós mesmo já me acompanhou em depoimentos muito pesados na comissão da verdade de São Paulo, onde eu fui depor várias vezes sobre o assassinato do Luiz Eduardo da Rocha Merlino, do COP que foi assassinado na minha frente, na Alban e eu abri um processo contra, eu, a ex-companheira dele, a Ângela Almeida contra o torturador Brilhante Ulstra que foi junto com o processo que a família da Amelinha Teles abriu, ele foi considerado mandante das torturas no Brasil não é? E bem, nós todos e todas aqui acredito, começamos a nossa vida na luta pela liberdade democrática, pela justiça social. Na luta contra o golpe civil militar de 64 não é? E é bastante irônico que estamos na vigência de um outro golpe de 2016. Denunciando e vivendo e falando sobre a história. Eu comento com a Dilma. Nós conversamos muito, quase diariamente sobre que bom estarmos vivas para poder no mínimo, no mínimo fazer uma reflexão não é? Diziam que não existia preso político e nós estávamos lá, sendo torturados, mortos. E dizia que não tinha golpe, o golpe estava sendo dado o ano passado. Então tem coisas muito similares. Bem, eu era, eu sou mineira de Lavras, no Sul de Minas e vim para Belo Horizonte em 60 e, final de 63 e início de 64. E entrei logo para a FAFICH no curso de ciências sociais. E imediatamente entrei para o partidão, onde eu militei um tempo razoável. E não vou dizer em termos de anos, porque nessa altura a questão de tempo, lá se vai um alemão tomando conta de parte das nossas memórias não é? No partido comunista, no partidão. E como militante do partidão, eu era dirigente dentro do partidão, dirigente estudantil dentro do partidão e responsável por toda a área, a base estudantil. E em 60. E aí participei do DCE da UFMG e de todas as, todas, todas, todas, as mobilizações internas na FAFICH e na UFMG como um todo, como já representando sim o partidão e em 60. Eu vou fazer um geral para depois entrar em algumas questões que eu acho importante. É, em 67, 66 no racha do partidão, eu rachei. Eu, o Chuchu, Ricardo Apgaua, o Élcio Pereira Fortes. E rachamos que foi no 4º congresso junto com o Mário Alves, o Marighella, Apolônio de Carvalho e era uma discussão muito forte sobre a existência ou não da burguesia nacional. E nesse momento, nós criamos a corrente e a dissidência. Dissidência ficou focada no Rio de Janeiro. E aqui o forte ficou a corrente e logo depois eu entrei para a Polop e da Polop, eu mais um racha dentro da Polop, eu fiquei no Poc com o Nilmário, o Ricardo Prata, então meu companheiro naquela época e depois o Poc teve outro racha, que nós

ficamos numa perspectiva mais militarista e a OCMLPO que era do Nilmário, mais voltada para a classe operária no sentido de fortalecer. Esse era o quadro da esquerda que eu militava e assim é. E neste quadro eu continuava sempre e paralelo eu era professora primária por concurso aqui em Belo Horizonte. Então eu tinha uma dupla militância. E portanto uma dupla punição e perseguição também. Eu no movimento estudantil era o DA da UFMG, depois o DCE da diretoria do DCE e depois eu fui vice-presidente do José Luiz Moreira Guedes na UEE, que foi a primeira entidade estadual dos estudantes que fez eleição direta. Então nós percorremos o Estado de Minas Gerais inteirinho fazendo campanha. Era uma chapa única mas assim, era uma campanha exatamente para denunciar o golpe civil militar, denunciar as violências e as agressões que estavam o AI – 5 e neste período, em 66. Em 66, nós fizemos, eu quero registrar isso. E o Luiz Marcos Magalhães Gomes era também, o Congresso da UNE eu não me lembro qual. Na Igreja de Carlos Prates, do bairro de Carlos Prates, uma. E aqui acho que vários participaram. Melgaço eu lembro dele. Não lembro e nós fizemos o primeiro congresso da UNE clandestino depois de 64, aqui na Igreja dos Franciscanos. Que foi a Zélia Rogedo que conseguiu a igreja porque ela morava ao lado da praça da igreja. Não é? E esse congresso foi marcante. Porque ele já, a UNE já clandestina, nós todos já na clandestinidade e ele foi evidentemente proibido. E nós fizemos uma mobilização muito grande com a parceria dos freis e padres da igreja. E entramos todas e todos clandestinamente. É, na igreja e comigo aconteceu uma situação bastante especial e que eu fui raptada pelos meus tios de Lavras. Eu fui, um era deputado estadual. Eu fui sequestrada da minha casa, da casa da minha mãe para Lavras, que ele tinha recebido informação que eu seria presa. É, e fui. E lá eu me auto-sequestrei também. Pedi alguém para me trazer para Belo Horizonte. E comuniquei a Herta Pedili e a Ione Grossi, eu que estava de volta. Chegou na barreira, os policiais da Polícia Rodoviária perguntaram se eu era eu. E aí o motorista do carro falou, não tem ninguém aqui não, não tem sobrinha do Doutor Sílvio nenhum aqui não. E ele passou. Foi assim que eu consegui chegar no congresso da UNE aqui. Esse congresso da UNE nós elegemos a diretoria da UNE, eu fui eleita. O José Luiz Moreira Guedes foi eleito presidente da UNE. E aqui eu quero fazer um registro que eu tenho feito ao longo da história, de toda a minha história, do machismo na esquerda naquela época. Eu por ser mulher, tanto pelo partidão na composição das chapas, não reivindicavam a Presidência e nem tampouco a vice-presidência. A vice-presidência da UE foi reivindicada por Paulo Canguçu, que era um estudante de engenharia, que era

meu companheiro e eu era muito mais comprometida do que ele. Então eu fiquei de Secretária-Geral, olha o papel das mulheres. Mas só que me colocaram como Secretária-Geral era a mesma coisa que me tivessem colocado como vice-presidente ou como presidente-adjunta porque. E na época, lá de madrugada, eu lembro perfeitamente. O Luizinho e eu conversando e o Luizinho diria, mas por quê que você não vai de Vice-Presidente? Então era, essa coisa ficou muito forte não é? Não que as mulheres não participavam. As mulheres participavam e muito. A história hoje já tem o Daniel Arantes fez, Arão Reis fez um livro maravilhoso só com fotografias de manifestações, e que a maioria das fotos é foto de mulheres. Nas passeatas, nas manifestações. E eu como ex-presa, torturada e tudo, posso afirmar para vocês, a tortura para nós mulheres era muito diferente da tortura para os homens. Não digo isso dizendo que era pior ou melhor. Não há diferença de qualidade. E de quantidade, intensidade e de crueldade, de barbaridade. Mas eu como fui presa com uma filha de 01 ano e 10 meses, era em cima de mim que a ameaça de tortura dela, ela sendo colocada em exposição pública, menina de 01 ano e 10 meses, e não em cima do Ricardo. Mas não é que eu queria que fosse em cima dele não, então eu digo sempre, os meus primeiros textos como feminista depois da cadeia, é que eu descubro o feminismo na tortura. Então essas coisas são muito profundas na vida da gente. Extremamente profundas não é? E voltando para não é? Belo Horizonte. Eu quero fazer um outro registro que eu acho extremamente importante, quando eu voltei da cadeia, saí da cadeia, que eu voltei para cá em 74, eu não tinha terminado os estudos. E eu fui tentar eu e Ricardo, tentar voltarmos para a universidade, ele acabar o dele e eu acabar o meu. E com todo, era presidente do DCE o Virgílio e nós estávamos já no 477 e o Virgílio fez uma defesa valiosa, competentíssima no Conselho da UFMG e que nós fomos readmitidos e aí pudemos terminar o curso. E era uma situação bastante interessante porque os meus calouros eram os meus professores. Então é uma situação muito. Bem, toda aquela época foi uma época que para a minha pessoa, plantou para mim, sem dúvida nenhuma, as bases do que eu sou hoje. Não é? E essas bases são bases tão sólidas que tornam a vida da gente mais fácil de ser vivida. Porque a luta, a indignação com injustiça social. A indignação com a desigualdade social. A indignação com a falta de consolidação dos direitos, em toda a admissão ampliada da palavra direitos, não é? Direitos, políticos, sociais, econômicos, humanos, de gênero, de raça e tal, sexo, orientação sexual. Isso é tão forte e a luta contra também a indignação e a revolta contra a intolerância. Não quer dizer que sejamos

tolerantes. Nós temos que ser, isso me ensinou a ser uma pessoa de posição, de campo e a saber ouvir, escutar, não é? Para dialogar. E eu acho que o momento hoje está precisando disso. Nós precisamos ter os ouvidos mais abertos. É, Belo Horizonte, o movimento estudantil, ele é uma e viver o movimento estudantil na época que nós vivemos, ele sem dúvida nenhuma nos deu toda essa base para seguir. Cada um seguiu o seu caminho. Vários foram presos, vários foram infelizmente mortos, exilados. Corpos não, ainda desaparecidos. Mas todos nós de alguma maneira ou de outra, eu tenho certeza, todos nós que estamos aqui na mesa, estamos em uma trincheira de luta. E eu tinha certeza que era a cadeia ou a morte. Eu por muito tempo fiquei com um complexo de culpa muito grande, por quê que eu não fui morta. Eu disse isso numa fala no Ministério da Educação uma vez. Mas depois eu perdi esse complexo, porque eu achei muito bom. Acho muito bom estar viva para poder contar o que viveu, o que foi a história não é? E no movimento estudantil, talvez meus companheiros e companheiras que está aqui na mesa, tenha a memória mais viva do que eu assim. Mas várias coisas aconteceram. Nós começamos. De 64, eu entrei em 64 na universidade, o golpe tinha acabado de acontecer, acabado. E a gente teve que ainda enfrentar algumas falas que diziam assim, isso aí não é golpe, a mesma coisa. Mas não é golpe. E aí veio a consolidação daquele golpe com a intensificação da violência. As universidades sempre foram e naquela época, nós como sujeitos dessa, sempre foram espaços de resistência. Foi espaço de sala de aula, ou espaços fora de sala de aula, mas sempre foram espaços de resistência e uma resistência muito, muito combativa. E o que era mais marcante naquela época? Eu acredito que eram, que era quando nós saíamos às ruas para fazer as passeatas. Eu acho que há uma demonstração de coragem sairmos às ruas, enfrentando os cassetetes, as cavalarias e nós com estilingue, vocês se lembram? Nós com estilingues, não é Samira? É. E mas nós tínhamos assim, nós nos superestimávamos assim e era muito bonito porque nós todas as vezes que nós tomávamos a Faculdade de Direito ou a FAFICH, ou a Medicina, nós tomamos umas duas vezes, tomamos significava ocupar não é? E o enfrentamento era exatamente isso. De uma juventude determinada contra a cavalaria não é? E aqui em Belo Horizonte, o Davi Hazan, delegado, mandante de tortura do DOPS, era o terror. E, mas essas passeatas também reforçavam demais a capacidade de luta da gente. Não tenho a menor dúvida disso, a menor dúvida. Em 67, existiam 14 lideranças e eu era a única mulher entre 13 homens, é procurados incondicionalmente. Pegue, prenda onde achar não é? E prendiam. Quantas vezes eu mesma fui presa,

levava. Apanhava na rua, fui presa, ia para o DOPS e saía junto com todos. E cada prisão um processo. Um IPM que a gente tinha. O inquérito policial militar. E de nós quem depois foi preso político na época, a partir de 68, 69, viu que significavam esses inquéritos não é? Policiais militares. Para fazer estas manifestações, todas, eu faço um depoimento muito forte e acho que das, deles e delas e da família também, será, a minha família foi absolutamente pressionada. Por todas, era uma, duas, três vezes que eles invadiam minha, o apartamento da minha mãe na rua Lavras atrás de mim e não me achavam, claro. E em 68, com o Ato Institucional n. 05, eu já estava em julho de 68, eu entrei para a clandestinidade e saí do movimento estudantil e fui para o movimento operário. Eu era da inter sindical, representante do sindicato de professoras primárias. E a minha já estava desviando o foco da minha militância bastante, por causa que eu tinha duas prisões preventivas decretadas no movimento estudantil. E nós no POC achamos por bem que eu deveria ser deslocada. E eu já estava morando em Contagem. Por isto eu não participei do congresso de UNE, da UNE de Ibiúna. E acho que aqui quase todos participaram, o Valdo, você, Samira não, você, Gildásio, Marcos. Bem, são mais novos do que eu. E eu já estava na, então eu era procurada. Como liderança estudantil, como liderança de professoras primárias da inter sindical e como militante clandestina já também não é? E em 69, em janeiro de 69 eu fui embora de Belo Horizonte. E fui para São Paulo. E lá eu fiquei clandestina. Eu já saí daqui grávida. Lá eu tive uma filha, a Maria e eu fui presa em 71 e saí em 74. É, em São Paulo. Mas também vim a Juiz de Fora para ser torturada e responder processo, mas só na passagem de ano de 72 para 73. É, e bem, em termos daqui de Belo Horizonte, do movimento estudantil, nós tivemos uma experiência que foi para mim uma experiência muito importante, que foi da comissão paritária. Citar as comissões paritárias nas universidades. Estudantes, professores e hoje os técnicos de nível administrativo dentro da universidade. E eram os chamados funcionários não é? E foi uma experiência riquíssima de rever todo o currículo, toda a proposta curricular numa perspectiva de inclusão mesmo e de, da democracia não só representativa mas participativa dentro das universidades. Não é? E que eu tenho falado muito quando eu fui em várias ocupações de 2015 ou 2016, lá em São Paulo e uma também no Rio que eu fui para falar e eu falei muito isso da experiência, da comissão paritária. Essa foi uma experiência muito grande, muito grande mesmo. E tem uma outra, uma outra questão muito importante que eu considero e eu já estou falando há meia hora, eu já vou logo partindo para o encerramento hein? Não, mas é. É o seguinte, por mais que

já existissem na composição do movimento estudantil, e evidente que tem que existir as organizações políticas clandestinas que davam o suporte porque nós tínhamos as nossas diferenças. As nossas diferenças não impediam de uma luta no movimento estudantil solidária. Isso era muito importante. Mas é que nós também não tínhamos a experiência da clandestinidade. Porque na clandestinidade a situação se torna outra, completamente diferente. Não há a possibilidade da solidariedade inter-organização, mas não há possibilidade da solidariedade explícita entre as organizações. Por causa das condições políticas do quadro não é? Eu acredito que a decretação do Decreto 477, ele também teve um marco de violência contra a universidade, contra nós e que atingiu os professores também. E nessa época, em junho mais ou menos, de 68, quando eu entrei para a clandestinidade, eu chamei meus professores que eu tinha mais respeito, que eram professores mais do campo de esquerda, de centro de esquerda, faltava 01 semestre para eu me formar e eu dizia que eu ia abandonar e eu não ia terminar porque eu entraria para a clandestinidade e não achava e que eu não queria, eu não achava correto eticamente nem nada continuar, alguém respondendo para mim e eu na clandestinidade. E nós tivemos uma discussão, uma conversa muito boa dentro da FAFICH. Era o Mozer, o Professor Mozart e um outro lá que eu esqueci. É muito importante, o apoio que os professores nos davam, alguns, alguns não é? E várias colegas, amigas que não estavam na linha de frente, mas que apoiavam não é? E o marco da violência contra os estudantes aqui em Belo Horizonte, é o DOPS. Eu não tenho dúvida nenhuma que é o DOPS. Tanto é que quando eu voltei aqui para assinar a casa da mulher brasileira, você estava comigo Orós? Nós voltamos, e que eu vi o monumento dos mortos e desaparecidos na frente do DOPS, eu fui tomada por uma emoção muito grande e uma e ali é um marco da violência brutal contra nós estudantes de Belo Horizonte. E de Minas Gerais também, mas de Belo Horizonte mesmo. E eu não tenho dúvida. Não sei qual a opinião, posição, dos meus companheiros, amigos aqui. Mas nós mineiras e mineiros, construímos um grupo dos melhores quadros. Homens e mulheres na luta contra a ditadura. Eu não tenho dúvida disso. Então assim. E digo, parabênzo muito, com muita força a comissão por essa audiência. O Betinho Duarte lançou o ano passado e eu até ajudei, a Orós também, o CD não é? Do congresso. Que é um dos documentos mais ricos que eu já vi. Do 20º maior cabeça foi agora, 28º congresso da UNE, veio agora. É mas do 28º, é bom que vai treinando não é? A mente, do 28º congresso da UNE, na Igreja São Francisco. Que a senha era qual papa era o melhor. O João XXIII ou será qual

era, já esqueci, Paulo VI, sei lá? Não é o Paulo VI? O Paulo VI. Então lá tem uma documentação riquíssima. Tanto em termos de arquivos policiais e militares, dos IPM's, dos processos contra nós todos. E tinha um lugar que era do exército aqui não sei se ainda é, no Barro Preto, é? Hein? É o 12-RI eu já fiquei lá, eu fiquei umas 03 vezes presa lá. Mas não mais do que 01 ou 02 dias, naquela época não é? E eu quando entrei para a clandestinidade, eu devo ter tido, eu saí daqui com 07 processos, por causa de movimento estudantil. Não é? Então talvez eu tenha feito uma história, eu contei a história em vez de pontuar muitos fatos sérios assim. Isto entende? É, porque a minha vida se confunde, o início aqui. Com as torturas sofridas na cadeia, com a clandestinidade. Então às vezes se misturam todas e então eu vou contar aqui coisa de violência na tortura e então é melhor ficar só com essa história do movimento estudantil e tudo que eu já escrevi, tudo que eu já produzi e falei é público. E está à disposição para todo mundo e tem um vídeo que a minha filha Maria fez com a filha do Norberto Nehring que foi assassinado, era da NN, e casado com a Maria Moraes. E a minha filha chama Maria de Oliveira Soares. Elas fizeram um filme chamado 15 Filhos. Elas entrevistaram 15 adolescentes na época que foram presos, filhos de mortos, filhos de desaparecidos e eles contaram o que foi para eles ser crianças na, vivendo a clandestinidade e a ditadura não é? E tem um livro também e esse vídeo eu recomendo a todo mundo que não viu, ver. Vai chorar, mas é muito bonito e muito interpretação, porque filho de duas vítimas, crianças não é? E tem um outro livro, esse é mais para quem ficou preso no Tiradentes, que chama: Tiradentes, o Presídio da Ditadura, que é do Isaías Almada. Ele é um dos, o Alípio, o Isaías e um outro companheiro que faleceu o ano passado, eu até o fim da audiência eu lembro o nome dele. E tem a, tem depoimento meu, tem uma, a orelha do livro, quem fez foi a Maria minha filha, e eu termino essa fala com o que ela escreveu. Que a noção da liberdade ela aprendeu na barriga da mãe dela, e por acaso a mãe sou eu. Então foi com muita alegria, muita emoção e muita força que eu conversei com vocês aqui hoje e deixo um abraço, um beijo. Ainda fico mais para ouvir o próximo, e depois eu vou ver, por telefone eu vejo como é que está lá e vou ficando, tá? Então muito obrigada, um abraço para todos e todas.

ROBSON SÁVIO: Vou pedir para a Professora Ceres um pequeno parêntese, aproveitando que a Professora Eleonora está aqui, porque o Nilmário, ele fez questão de registrar que tanto hoje de manhã, quanto na nossa audiência pública anterior, que está em processo bastante adiantado, o tombamento realmente do DOPS que será

transformado no Memorial de Direitos Humanos. A transferência das mulheres presas já foi feita. Última-se rapidamente a transferência dos policiais civis que estão lá. E a perspectiva, inclusive, é março, 31 de março do próximo ano, né? E se a nossa Diretora de Memória permitir, inclusive os documentos dessa Comissão da Verdade estarão lá, em um futuro bastante próximo. Então só para fazer essa referência, dado dessa importância histórica do DOPS aqui para o nosso caso.

MARIA CERES: Obrigado, Eleonora, pelo seu depoimento. Eu vou passar a palavra agora para o Aloísio Marques, porque nós estamos seguindo uma certa ordem do processo histórico. Tá bom gente.

ALOISIO MARQUES: Boa tarde a todos, boa tarde à mesa aqui. Estou muito bem acompanhado. Espero dar um depoimento que contribua para a gente avançar nas nossas lutas, que são eternas. Eu vou dizer a minha militância rapidamente. Fui aluno no Colégio Estadual, e tinha uma militância relativa lá, mas nenhuma organização política, mas eu era próximo, era próximo da Ação Popular no Colégio Estadual. Depois fiz vestibular para Ciências Econômicas, me tornei militante de Ação Popular na Ciências Econômicas. Depois tive uma participação, fui pelo Congresso da UNE, mas já não mais em Ação Popular, um novo grupo, que alguns egressos da Ação Popular estavam constituindo, e algumas pessoas que não tinham sido de organização nenhuma, inclusive o Otávio Dulce que é aqui da Comissão, eu teria condição de ir ao Congresso da UNE. Me elegi na faculdade como Delegado para poder ir no Congresso da UNE. Depois participei com uma certa intensidade nos jornais alternativos no movimento, e sobretudo, no jornal Em Tempo. Eu participei da criação e da sucursal aqui em Belo Horizonte, que teve a sucursal duas vezes sobre bomba e sobre ácidos nos equipamentos da sucursal. Nós fomos o jornal que primeiro publicou a lista dos torturadores, distribuída aqui. Então o jornal teve uma participação bastante intensa na denúncia da ditadura, sobretudo no aspecto da repressão e da questão mais policial militar. Vou ser bem breve, vou ser bem objetivo para a gente conversar. Eu acho que eu diria só isso nesse momento. Eu acho que o Movimento Estudantil, que é aqui, eu vou me centrar um pouco entre 64 e 70, entre 60 e 70, falar um pouco sobre essa década, que é uma década muito interessante de muitas mudanças, de muitas transformações em todas as áreas. A Eleonora falou, o Partidão, até 64 tinha uma participação, eu diria, hegemônica na esquerda. Depois já terminou, há décadas, não sendo bem inferior à hegemonia que tinha. E não só no Brasil, mas na América Latina inteira, houve um descenso muito grande do Partido Comunista, e o

surgimento de muitas organizações. Até porque a década de 60 e 70 estava iluminada exatamente por dois pequenos países. Um o Vietnã, que era uma luta antiga, e era presente no imaginário da esquerda, e Cuba, que era uma presença muito forte na esquerda e sobretudo na esquerda militarista. Esses pequenos países, esses dois pequenos países tiveram uma influência muito grande no mundo todo, inclusive nos Estados Unidos. Foi, os reflexos da Guerra do Vietnã com os Estados Unidos, que sobretudo em Berka que era a cidade aonde tinha as indústrias químicas, que foram objeto de ataque americano no Vietnã, os desfolhantes sobretudo, e que permitiu que não fosse bombardeado, não fosse jogado bomba atômica lá no Vietnã, que era uma preocupação muito grande do Ho Chi Minh e do Giáp, maior general do Século XX, eu acho, conseguiu resistir ao ataque americano de todas ordens, e conseguiu derrotar os americanos, e derrotar os americanos dentro dos Estados Unidos. Eles não queriam uma derrota humilhante para os americanos, exatamente com medo da bomba atômica. Por isso que a divulgação das atrocidades da guerra nos Estados Unidos permitiu que a opinião americana, opinião pública americana, sobretudo jovens, tivessem uma participação muito grande nas universidades, e Berka talvez seja, assim, mais, onde houve mais intensamente essa participação, exatamente porque as indústrias químicas eram próximas à universidade, na mesma área. Aqui Cuba era uma, assim, dois faróis, mas é um farol muito grande, sobretudo a figura do Che Guevara era muito impactante na juventude e na história de libertação dos países, mas sobretudo a forma como a guerra em Cuba foi vitoriosa. Então eu diria que a luta que não era militarista, que tinha uma luta mais popular, etc, ela foi perdendo força, perdendo importância, até porque a repressão usou esse sistema. Ele tratou a todos como inimigos de guerra deles, e até o Partidão foi vítima, no final, de uma repressão violenta que existia na época, não só as organizações militaristas. O tom da luta, dessa década, foi dada pela luta militar, eu acho, pela luta militar revolucionária. Fosse ou não fosse a sua linha política, isso era secundário, até porque quando a luta está muito acirrada, as pequenas diferenças não vão alterar o comportamento. Eles tratavam assim, é uma coisa importante a ser considerada, sobretudo no que eu vou dizer aqui. Então eu entrei para Faculdade de Ciências Econômica em 1965, no calor de 66, que foi nas calouradas de 66 que teve a primeira manifestação nacional contra a ditadura. Primeiras manifestações contra a ditadura ocorreram nas calouradas de 66. Foi bem, foi como a Eleonora disse, havia unidade em todas as forças para produzir a

calourada, mas as escolas mais centrais caminharam a pé até o Parque Municipal, na concha acústica do Parque Municipal, onde se reuniram, a ida foi tranquila, a volta, a repressão na volta, na Igreja São José que a repressão chegou e foi bastante violenta, etc. E aquela época ainda usava com mais intensidade, alguns calouros tinham os cabelos pintados, e não tinha como escapar muito. E a repressão entrou até dentro da Igreja São José, e foi muito violenta. O que motivou uma segunda passeata, a Passeata do Silêncio, que teve um sucesso muito grande, também muito grande, aqui eu acho que teve esse papel muito importante nesse período de 66, sobretudo. Mas. Ou também do ponto de vista do Regime Militar, o Regime Militar foi implantado como um golpe, e tinha uma perspectiva, e depois ela foi se transformando. Que as eleições de 66, sobretudo em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, a oposição, vamos pôr muitas aspas aí, ganhou a eleição do Regime Militar, Israel Pinheiro foi eleito Governador aqui, o Negrão de Lima na Guanabara. Logo depois, Israel mudou, etc, Jairo já foi o repressor das manifestações, mas de qualquer maneira era um homem de origem da política tradicional mineira, como o Negrão de Lima também, na Guanabara. E que depois teve uma passeata dos Cem Mil já com o Negrão de Lima Governador na Guanabara. Mas a repressão aqui talvez, inicialmente, ela foi maior do que se recomendaria na prudência da passeata de 66, porque tinha algumas brincadeiras, alguns cartazes provocativos, mas não era manifestação, assim, tão violenta, da parte dos estudantes. Mas a repressão foi muito desmedida, porque provocou então essa segunda passeata, que eu acho que é um estopim muito importante do início do movimento estudantil no Brasil, de massa, muita gente. Muito importante, eu acho, esse aspecto. Agora, como a década iniciou de um jeito, iniciou com a renúncia do Jânio, a implantação do parlamentarismo imposto, e com o Golpe de 64, teve muitos acontecimentos. Como eu disse, mudou um pouco o perfil da esquerda, mudou o perfil também do governo político, aos políticos mais tradicionais da velha política, alguns foram aliados, e alguns que participaram do Golpe, logo estavam excluídos do Golpe também, porque houve um recrudescimento assim constante nessa década, culminando em 69, 70, que atingiu um auge, talvez o auge de mais violência, mais recrudescimento institucional e repressivo. Mas uma década também, que 68 é tão celebrado no Brasil, no resto do mundo, mas era uma época em que a sociedade por todo lado era muito conservadora, e o mundo todo, teve na França, na Checoslováquia, nos Estados Unidos, no México, em todos os lugares tiveram manifestações fortes. O estopim não foi o mesmo em qualquer lugar, mas era

decorrente de um conservadorismo muito forte dos grupos dirigentes, em que, sobretudo, os jovens se rebelavam contra esse estado de espírito. E também os movimentos de esquerda, como eu disse, Cuba e Vietnã iluminavam acho que o desejo de transformação que, sobretudo no pessoal mais jovem era mais candente, mais florescia mais rapidamente. Mas, eu acho que essa década, então como 68 teve o Congresso da UNE, houve o Congresso da UNE muito importante, e foi o que mais refletia mais ou menos, uma disputa do movimento estudantil, que era uma certa ingenuidade, a quantidade de gente que ia no Congresso, era impossível, impossível. Não saber aonde que tinha o Congresso, não tinha. Era impossível não saber. Mas é que havia uma disputa também no movimento estudantil entre massa e um congresso mais reduzido, que a prudência indicaria um congresso mais reduzido, como foram os anteriores, era mais fácil você driblar a ditadura. Eu, por exemplo, fui aqui da, fui, o ônibus que eu fui tinha umas 20 pessoas, jovens, que era, claro, que através do Congresso. Chegando em São Paulo, você ia vendo assim, o cara, jovem, com uma malinha, uma malinha, uma malinha. Até demorava chegar lá em Ibiúna, eu acho que demoraram, porque não tinha jeito, ia chegar lá de qualquer maneira. E também é um congresso fruto, eu acho, do que estava na época, era no meio do mato, chovendo muito. Tinha dois dias que ninguém dormia, não tinha lugar para você dormir, eu fui no chiqueiro, no chiqueiro já tinha gente dormindo. Não tinha lugar pra deitar. Você não fica três dias sem dormir. O congresso é, mas aí veio a repressão, levou todo mundo, etc. Foi um momento importante. E veio e culminou com 69, com a edição do Adicional em 68, que o reconhecimento foi cada vez maior aí, e eu acho que houve. E por outro lado, a predominância da luta, de característica mais militar, intensificou-se, intensificou-se. E a repressão ficou cada vez mais violenta e com assassinatos com mais intensidade, com mais liberdade da parte da ditadura. E alguns setores liberais até se afastaram, poucos, mas se afastaram do governo. O próprio Milton Campos, que era Ministro da Justiça, saiu do Governo Militar logo, outras pessoas saíram. E até porque os passos da área civil, o Golpe foram sendo restritos. Não só aquelas pessoas que tinham uma vocação mais repressiva e de Direita que puderam e que permaneceram. Mas havia uma outra coisa importante, que eu acho que a gente tem que considerar, e a gente analisa com muita objetividade, em 68, o país já estava crescendo de novo. Eles fizeram algumas reformas, o Fundo de Garantia, o Banco Central. Fomos criados nessa época, que eram reforma de caráter mais conservador, mas que trouxeram um alento ao crescimento, e ele já estava. Eu acho que esquerda

não estava captando bem essa faceta do Regime Militar. Ele estava cada vez mais encerrado com a força repressiva, mas a economia estava crescendo, que é um aspecto importante de qualquer região. Eu acho que é uma década nesse, mas a esquerda tomou um perfil completamente diferente. A política tradicional também. Porque eu acho que o Regime Militar não só atacou a esquerda, como enfraqueceu muito a política tradicional. O que propiciou depois o surgimento de um grupo aberto do PT e de outros partidos de massa depois, fora desse quadro era difícil você crescer, dimensão de massa, etc. Permitiu o surgimento depois. E também era um período em que os jornais alternativos cumpriam um papel muito importante, seja na denúncia, e seja no juntar os vários grupos que ficaram dispersos e isolados no Brasil todo, com o reconhecimento dos ataques da Ditadura à esquerda e a todos os movimentos mais progressistas. A universidade cresceu bastante nesse período também. Foi muito importante, mas de qualquer maneira foi uma década que iniciou com uma derrota para a gente, e terminou com a derrota maior no final dela, etc. E depois só foi se recuperando depois da anistia e com a participação mais à frente. Mas mostra também que, como agora, que a luta ela é eterna. Tem que ter ilusão de que, você pode tentar a ilusão de que alianças, alianças você pode fazer em um momento, mas você sabe quais são os aliados essenciais, qual alguns que você tem, e como é que você deve caminhar, isso é muito importante. Ter um olho bem aberto nessa questão. Então eu acho assim, esse período a gente tem visto com outro aspecto. E que é também, para a Comissão da Verdade, falar uma coisa que acho importante ser considerada, que é que foi nesse período, em 1969, já depois do, com AI-5 implantado, que teve o primeiro 477 na Universidade Federal de Minas Gerais, que foi na Faculdade de Ciências Econômicas. Na Faculdade de Ciências Econômicas. Nós fizemos uma panfletagem clandestina, evidentemente, que já não tinha possibilidade, mas já de denúncias da Ditadura, a faculdade abriu inquérito, um grupo foi chapado depor, mas eles não conseguiram pegar nada, fomos bem cautelosos em fazer as coisas. Eu sempre fui neurótico com isso: mudei o papel, diferente, usou papel diferente no mimeógrafo. Eu que era o mais velho não fui, as outras pessoas mais novas foram. Fui chamaram para depor, mas não tinha prova nenhuma, mandaram para efetuar o inquérito, não podiam me prender porque não tinha prova, ficado impune. Então a faculdade, ou a universidade, não sei, mandou punir. Então eles adotaram um critério, pegaram o pessoal do diretório, e punia o pessoal do diretório, exceto aqueles que tinham colaborado com eles. Por exemplo, o Robson Ares, nosso

companheiro, estava preso, não podia distribuir o papel, ele estava preso. Ele foi expulso, aplicaram o 477 nele. O Marcelo Bosque, era um companheiro nosso também, que não tinha tomado posse formalmente, mas era da diretoria também,. Não só aqueles que colaboraram com a faculdade, não sei, até certo ponto a reitoria, etc. Mas de qualquer maneira, a faculdade não teve dúvida nenhuma. Porque a faculdade, nesse período, Ciências Econômicas, que eu conhecia mais, tinha muito militar. Não só aluno, porque existia um negócio que se chamava Artigo 70, tivesse vaga, eles podiam entrar e muitos coronéis. E esse pessoal tinha uma força muito grande, sobretudo na Ciência Econômica. Para finalizar, que eu quero ser bem sintético, inclusive quando eu voltei para depor aqui, lá no Colégio Militar, eu sentei para depor, o cara era um Coronel, era um Capitão do Exército. Ele falou, falou comigo: “Eu te conheço”. Eu não conhecia o cara, falei: “Você me conhece? Da onde?” “Sou lá da Ciência Econômica, sou aluno da Ciência Econômica, te conheço. E até fiz uma, ele perguntou assim: “Ah, por que você foi no congresso clandestino?” Eu falei: “Porque fui eu que organizei o congresso. Você votou em mim, eu fui eleito delegado. Você votou em mim, outro votou em mim, outro se absteve, qualquer coisa você fez, porque eu fui eleito sala por sala. Eu me apresentei por ser delegado. Não foi eu que organizei o congresso.” Mas mostra, assim, como a Universidade também já estava, àquela época tinha muito militar mesmo, isso sobretudo a Ciências Econômicas, as outras eu não tinha conhecimento. Mas de qualquer maneira, eu acho que é uma década que houve muitas modificações na esquerda, na política tradicional, e a sociedade também, que mudou um pouco, algumas mudanças, do ponto de vista tradicional, importante. Criação do Banco Central e FGTS, substituindo a estabilidade, que vigorou durante um período, que era uma reivindicação dos setores burgueses, que a estabilidade era considerada na época por eles um grande problema, e outras mudanças que foram feitas. Ah! O BNH funcionou durante um período não é? E etc. Eu acho que, assim, vou fazer um depoimento mais, que eu considero mais sintético possível, e depois o que for necessário a gente complementa, ou se ficar muito obscuro, ou alguém quiser discordar, para mim não tem. Eu acho que a orientação da Comissão é correta, porque aqui não é debate, mas nós podemos parlamentar aqui um pouco sobre vários assuntos. Muito obrigado.

MARIA CERES: Aloisio Marques, muito obrigada. Eu queria só lembrar uma coisa. Você lembra que uma das palavras de ordem nas passeatas era “Vietnã 1960”? Estava lembrando com o pessoal aqui. Muito obrigada, desculpem eu fazer esse

comentário. E agora eu queria passar a palavra para o companheiro Gildásio Cosenza, que relata a sua experiência no movimento estudantil na Universidade Federal de Viçosa e, obviamente, em outras.

GILDÁSIO COSENZA: Bem, boa tarde, pessoal. E eu queria começar aqui, pegando a pequena deixa do que a Eleonora falou, do machismo que era muito forte e aliás, é muito forte até hoje, né? Saudando aqui o nome da minha irmã, que não está aqui, a Gilce, ela não está bem de saúde, não pôde vir hoje aqui, senão ela estaria de manhã. Mas lá na década de 60, quando estava se retomando o DCE na Católica da mão da direita, a maior liderança era a Gilce, que tinha sido presidente do DA de Serviço Social, e montando a chapa eu estava presente na reunião, quando disseram o seguinte: “Bem, a maior liderança é você, mas não dá para você ser candidata, porque mulher presidente do DCE não ganha eleição.” E aí se escolheu outra pessoa que não tinha muita expressão, mas que segundo o pessoal era um cara, e quem exerceu de fato a Presidência do DCE foi ela, que levava os papéis para ele assinar, o que tinha que assinar ele assinava, mas mulher não podia ser candidata, porque mulher presidente do DCE. Então só fazendo esse registro aqui, quer dizer que isso aí na esquerda, em 60, e a avaliação do pessoal que era, primeiro, resistência interna, mas também avaliando que os eleitores, os alunos da PUC, não veriam com bons olhos uma mulher presidente do Departamento de Controle Externo. Só registrando isso aí. Bem, a minha militância começou também, como a do Aloísio, lá no Colégio Estadual, e eu estava saindo do Colégio Padre Machado para o Colégio Estadual e militava lá com o Marcos Alexandre, o Xandão, que depois ocupou cargo na prefeitura aqui, teve militância, faz algum tempo que eu não tenho notícia dele. E o Valdo, já na época, eu estava, era secundarista, ele já estava sendo eleito lá para UEE, que é alguns anos a frente aí. E a maior força política dentro do Colégio Estadual era a Ação Popular, e foi uma escola maravilhosa, porque você travava debates lá naquele momento que estava se discutindo era Cuba, e Ação Popular que já estava saindo da Juventude Católica. Então era aquela loucura, enchia-se aquele, quem conhece o Colégio Estadual, aquele mata borrão, aquele auditório, para discutir desde terra de Chardin, Munier e Marx, Sartre, era aquela loucura e você fazia debates direto lá, com aquele auditório cheio. Então quem viveu aquilo lá, foi um negócio que você, primeiro, eu aprendi a ler lá, porque você lia de tudo, que era aquela miscelânea de A a Z, de como eu disse aqui, de filósofo católico e marxista, de tudo. E além de tudo, começando a sair de lá para as passeatas, e aí a minha militância começou em 64, início de 64.

Aliás, pelas mãos da minha irmã, da Gilce. E eu lembro aí, se não me engano, em fevereiro de 64, a gente vendendo um jornalzinho, dirigido pelo Frei Josafá, a Brasil Urgente. Ele tinha três linhas só na capa: “Gorilas Preparam Golpe”. Para a turma que é nova e não sabe o que é isso, “gorila” era o sinônimo que a gente usava para militar, golpista e fascista, só tinham essas três linhas. E a gente vendendo esse jornal na rua, em janeiro ou fevereiro, pouco antes do golpe. E lá colocamos todos os dados do golpe que está aí. Quer dizer, que eu acho que primeiro você tinha toda essa vivência, essa agitação, essa efervescência política lá. E antes do golpe? E depois dele, quer dizer que você saía nas passeatas do Estadual e tinha um roteirinho mais ou menos estabelecido. Saía pela Contorno, dava uma paradinha ali na Carangola, descia o pessoal secundarista do Colégio de Aplicação. A gente passava pela Savassi, parava no Santo Antônio, que era um colégio católico que tinha uma militância muito grande, e aí descia aquela até o Instituto de Educação. Quer dizer, que era mais ou menos o roteirinho das passeatas aí, que foram continuando. Ainda como membro do DE, Diretório Estudantil do Estadual, quer dizer, que eu participei como segurança no Congresso da UNE aqui, que foi referido aqui. Quer dizer, a segurança era só guia turístico para indicar o pessoal que estava chegando, como é que chegava, como é que entrava disfarçado lá, e despistando um pouquinho para entrar para o congresso de Belo Horizonte. O 28º Congresso, se a Ceres não lembrasse eu não saberia dizer isso aí. Bem, nós tínhamos um Diretório Estudantil, no Colégio Estadual, tinha até uma saletinha que era do Diretório Estudantil. Volta e meia tínhamos autorização para utilizar o mata borrão, para passar em salas e utilizar no auditório, que na nossa cabeça, qualquer um que estudou na estadual, não adianta falar auditório, é mata borrão. Lá no mata borrão toda hora estávamos lá. E logo depois do golpe, o diretor nos chamou, todo constrangido, para dizer que o DE não teria mais a saletinha que tinha, porque não poderia. E ficou naquela fase que a gente fazia de qualquer jeito, não pode na salinha, e a gente reunia lá debaixo da rampa e pronto, do mesmo jeito, na frente de todo mundo, e depois saía para as passeatas. Bem, eu saí daí e fui, tinha acabado de ser criado o Colegiado Universitário da, hoje, Universidade Federal de Viçosa, na época chamava Universidade Rural do Estado e ela era estadual, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. E continuei minha militância lá. A Ação Popular tinha uma, seguramente era a maior força política do movimento estudantil, e tinha uma base muito grande em Viçosa. E passei um ano lá fazendo Colegiado Estadual, passei no vestibular, e já como calouro, montamos chapa, ganhamos o



Diretório da Agronomia, ganhamos da Floresta. Tinha três faculdades só lá, Agronomia, Floresta e Ciências Sociais. Não, Ciências Econômicas, Ciências Domésticas, desculpa. Economia Doméstica. Ganhamos isso aí, e eu já fui eleito para o Congresso de Valinhos, lá em São Paulo. E lá participei também da estrutura de segurança, e realizamos, era um convento lá, fizemos o Congresso, ocorreu tudo bem. Mas nós tínhamos acabado de limpar, de retirar tudo, saia as últimas pessoas, quando poucas horas depois a polícia chegou lá. Então, o Valdo deve lembrar bem disso aí, naquela aceleração do movimento estudantil, e aceleração de todas as passeatas, a mobilização contra a Ditadura, quer dizer que em todo o Brasil, para uma cidadezinha igual Viçosa, que hoje tem aquela universidade portentosa, mas na época tinha uma universidadezinha com três escolas, com 400 estudantes. A passeata de repúdio ao assassinato do Edson Luís, lá em Viçosa, foi uma loucura porque veio tropa de Juiz de Fora e a polícia de Belo Horizonte. E com bombas em quantidades e tal. E depois a gente foi encontrar, quando eu fui preso, outra vez, mais na frente, a PM começou a jogar bombas na gente, e o pessoal todinho pegava a bomba, devolvia, ela explodia neles. E um tenente resolveu, teve a brilhante ideia de pegar a bomba que nós já tínhamos devolvido e devolver essa bomba, estourou, e a mão dele foi embora. Que, para vocês verem o nível de mobilização dentro de Viçosa e com a população nos apoiando. Mais ou menos, logo depois, prenderam e levaram para a delegacia de lá um dos colegas do movimento estudantil de lá. E simplesmente às 11 horas da noite, os estudantes saíram da universidade, ocuparam a cidade com o apoio de muita gente da cidade. Invadimos a delegacia e soltamos o nosso colega Corujão, era o apelido dele. Que nesse grau de mobilização aí, e nessa época eu assumi, mais ou menos dentro de AP, é, cobrir as escolas superiores no interior, que eram poucas. Hoje quase cada município tem uma faculdade aí, se não fecharem muitas delas agora, mas na época eu lembro de sair de lá, e tinha, Poços que tinha, São João Del Rei, Itajubá e Uberaba, se tem mais alguma eu não lembro. Mas essas eram onde AP tinha as maiores bases, então volta e meia eu estava viajando por essas aí. E depois resolvemos criar o DCE de lá, e eu fui escolhido pelos diretórios como coordenador da Comissão de Organização do DCE, quer dizer que em um grau de mobilização muito grande, e utilizando inclusive, que estávamos fazendo trabalho técnico, etc, conseguimos, através de um companheiro lá, criar um programa de apoio aos pequenos lavradores ao redor. Que além de passar orientação técnica, de como plantar, de como montar um carneiro hidráulico ou isso ou aquilo, jogava, na medida

do possível, discurso político também, etc, na rádio de Viçosa, que chegamos a fazer isso dentro da Ditadura Militar 67, 68. 67 e 68 fazendo isso aí. E eu quero relatar um caso aqui, que a gente falando da repressão, o nível da repressão. A minha família é uma família muito grande, 11 irmãos, e a maioria deles com algum grau de militância política. E foi uma das mais novas, foi a primeira a ser presa, a Gilseone foi presa, era secundarista aqui, estudava no Colégio de Aplicação, e simplesmente o DOPS colocou para ela o seguinte: ou, ela era menor de idade, ou a minha família aceitava ela ser internada em uma casa de repouso, isso é, uma casa para doido. Ou ela seria jogada no presídio feminino. E essa minha irmã passou alguns meses internada nessa casa de repouso e só saiu de lá porque a minha outra irmã, a Gilda, que era casada com o Henfil, morava no Rio, entrou na jogada e conseguiu retirá-la e levar para o Rio. Para ver o nível que já chegava a repressão, além da polícia na rua, e a gente falou aqui, da gente ir para a rua. E eu lembro que um colega lá da engenharia deu uma sacada ótima para a gente fazer cavalo cair, quando eles vinham para cima da gente, melhor do que as bolinhas de gude era rolha, que bolinha de gude rola e vai para o meio fio, a gente espalhava rolha. Eu lembro de uma vez, eles fazendo uma carga de cavalaria em cima da gente, a gente mais ou menos perto da Rua da Bahia, e eles descendo a Afonso Pena. Quando os cavalos bateram naquelas rolhas, não ficou um em pé. Quer dizer que então você tem todo esse processo, dessa mobilização, dessa luta aí, e a gente discutindo e debatendo alternativas. Quer dizer, que eu lembro aí, o Aloísio lembrando algumas coisas, e também a Eleonora, a discussão, se é trabalho de massa, ou se é a luta armada, a gente era acusado de chamar de massista. Porque esse negócio leva muito tempo, mobilizar a massa, dar consciência, etc. Mas a gente tentava fazer isso de todas as formas para mobilizar, para lutar. E naquele quadro que você tem aí, as passeatas que tinham, de vez em quando, em um período mais acirrado, quase um dia sim, outro também, partindo da Escola de Direito, geralmente, que era o centro político do movimento estudantil aqui. Depois eu fui ver, quando eu fui preso, esse hotel ali, que é o Del Rey, que hoje é a Prefeitura, os caras, o prédio estava em construção, e eles com foto minha, minha, do José Carlos Mata Machado, do Olavo Brasil, do pessoal todo que era a liderança estudantil aqui, do Gildo Macedo Lacerda, e os outros todos, que eu não vou lembrar de todos aqui, eles ficavam lá no alto da construção do Del Rey fotografando, inclusive, algumas das vezes que a gente ocupou a Escola de Direito e eles ficavam lá o tempo todo, os grupos que estava conversando, quem estava batendo papo, me mostraram depois essas fotos, no 12RI

e no DOPS, que, bem, nesse processo de luta todo e de consciência e de debate, e de denúncia do imperialismo americano, de apoio à luta do Vietnã e de repulsa à violência do imperialismo americano, mas foi citado aí, quer dizer que a imagem símbolo para mim, do revolucionário, é o Ho Chi Minh, quer dizer, que, um significado, que eu estava falando para a Ceres, uma das minhas irmãs estava chegando do Vietnã agora, foi fazer turismo lá, e eu fiquei morrendo de inveja dela, que eu queria ter ido também. Bem, mas fomos para Ibiúna. Foi uma luta política travada extremamente grande, que estava daqui da mesa, quem deve lembrar desse debate é o Valdo também, que o presidente da UEE na época, era o Raimundo, e eu lembro que uma das últimas reuniões que a gente fez, dizendo o seguinte: “Quem tem voto, vai para Ibiúna. Quem não tem voto fica aqui para denunciar a queda.” Porque no nível que estava aquela ditadura, era um sonho achar que você iria reunir 1.000, 1.500 pessoas, vinda de todo Brasil, e não tinha dúvida, lógico, que ia ter infiltração também, e sem eles localizarem, se no ano anterior eles tinham, por questão de horas, não tinham nos pego lá em Valinhos, ia pegar. Eu cheguei em Belo Horizonte, estava aquela famosa batalha da Maria Antônia, no dia da, foi uma guerra, que o pessoal da Mackenzie atacou a escola, a Filosofia que era dirigida pelo e tinha o controle do pessoal de esquerda. E nós chegamos naquele clima, fomos para a PUC São Paulo. E chegar naquele momento lá, que foi um dos maiores erros que nós cometemos em toda a nossa militância, que depois disso aí eu fui preso mais duas vezes e a primeira coisa que eles faziam era abrir os álbuns de fotografia, com os militantes presos de Ibiúna, e a maioria o três por quatro estava lá, permitiu para a repressão fazer um mapa do quê que era a fina flor da subversão estudantil, eles terem lá registrada. Bem, passamos lá de Ibiúna, fomos para a casa de detenção. Casa de Detenção Minas tinha 135 delegados, eles separaram em um ônibus o pessoal que eles consideravam militantes mais perigosos, ficavam os outros ônibus, bem, eles fretaram ônibus, e os outros ônibus, o pessoal que estavam nos outros ônibus foram soltos. Chegaram aqui e foram soltos aqui. E os outros, esses que estavam no ônibus, tinham, eram cerca de vinte e tanto homens, e uma cerca de umas 10 ou 12 mulheres, continuamos presos. Nós fomos mandados lá para o DI, Batalhão Escola da PM, ali no Prado. E nosso habeas corpus foi julgado dia 12 de dezembro, a gente ia ser solto dia 13, só que dia 13 teve o AI-5. O comandante do batalhão entrou na nossa cela dando gargalhada dizendo o seguinte: “Vocês estão achando, vocês estavam achando que ia sair, agora é que vocês vão ver, que agora acabou com essa palhaçada de justiça. Vocês vão

mofar aqui.” Bem, não foi tanto tempo assim, porque aí nos transferiram para o DOPS, e todo esse período as meninas, as mulheres foram levadas para o presídio feminino. Nós fomos levados para o DOPS e a partir de janeiro fomos soltos, começaram a soltar a gente. Eu fui solto no dia 28 de janeiro. Imediatamente viajei para Viçosa e fizemos um panfleto de boas-vindas aos vestibulandos, que naquela época o vestibular era em num dia só e era só na universidade, não tinha esse negócio de vestibular em N lugares, etc. Era só lá, em um sábado. E fizemos um boletim, dizendo que eles iam passar a fazer parte de uma pequena elite de universitários, que portanto tinham compromisso com a nação, com o Brasil, porque o Brasil era o país, assim está nos dados, de miseráveis, de analfabetos, etc. Dominados pelo imperialismo, tal. Portanto eles passavam a ter esse compromisso ao entrar na universidade. Resultado. Na segunda-feira a universidade foi invadida por tropas do Exército, vindo de Juiz de Fora e do DOPS, vindo de Belo Horizonte. Dois dias antes do Decreto Lei 477, que foi de fevereiro de 69. E aí, imediatamente, na universidade estava quase todos os, não tinham chegado ainda, porque as férias estavam acabando, e os professores nos deram apoio integral. Então eu, com um outro companheiro que era o presidente do diretório, eu já não era mais do Diretório de Agronomia, o Edmundo, o Fábio, fomos escondidos pelos professores numa caixa d'água que estava sendo construída num morro ao lado da universidade, enquanto as tropas revistavam o campus todo. Depois, fomos para ficar escondidos em um cafezal, e um dos professores, o Professor Leonardo, arrumou um carro e nos tirou do campus. E para quem conhece a Zona da Mata aí, a gente atravessou, a pé, de Viçosa até o Município de Senador Firmino, fica ao lado lá, que era a terra da família do Edmundo. De lá o irmão dele nos levou para Ubá e de Ubá a gente veio para Belo Horizonte, dando volta para não passar de volta em Viçosa. E aí ficamos em uma situação de semi-clandestinidade aqui em Belo Horizonte, clandestinos já aqui em Belo Horizonte. Qual era a meta? Reorganizar a UEE de Minas, fazer a eleição dos delegados e refazer o Congresso da UNE. E aí a gente vinha passando nas universidades, aqui, no interior, tirando delegados. Só que nesse meio tempo teve um fato aí que a repressão aumentou violentamente, era a famosa Missão Rockefeller, que muita gente nova não ouviu falar. Os Estados Unidos resolveram mandar o Senhor Rockefeller para fazer uma visita aqui, nossos panfletos a gente dizia, do vice-rei visitando as colônias. E ele foi recebido com ovo podre na Colômbia, com tomate podre na Venezuela, e com pedra no Chile. E a repressão aumentou violentamente. E aqui em Belo Horizonte aumentou mais ainda, porque um

colega da engenharia, que realmente me fugiu quem que é, bolou uma catapultazinha, só tinha um prédio grande aqui no centro da cidade, era o Acaiaca. Que a gente montou lá no alto da Acaiaca, e com espoleta de retardo, quando ela disparou jogou os panfletos todos e não tinha mais ninguém lá. Bem, em meados de junho, começou uma repressão violenta aqui, quer dizer, em cima de Ação Popular. E no dia 17, o Paulo Telles, que esteve aqui de manhã, estudava nas Ciências Médicas, o Gildo Macedo Lacerda e eu nos reunimos na Ciências Médicas, e vimos o seguinte: “Oh, tá sumindo gente, fulano já não apareceu, fulano tá desaparecido. Vamos avisar para todo mundo que isso aí é repressão.” Por exemplo, o Paulo Telles, eu senti demais, não vi aqui, que eu não vejo ele desde desse dia, 17 de junho de 69. O Gildo, a gente se encontrou algumas vezes antes dele ser assassinado. E eu saí com duas tarefas, passar na casa dos pais do Mata Machado, que estava clandestino já e tinha voltado, porque ele tava com hepatite. Passei lá rapidamente, a mãe dele quase me bateu, porque ela era aquela mãezona, que você vai tomar um café aqui, eu tenho um cafezinho, você tá muito magrinho. Eu avisei pra ele, falou: “some daqui”. E fui avisar o pessoal lá no Graal, que é uma casa de retiro espiritual, que era um apoio certo e seguro, não só para nós, mas para a esquerda. Estava lá o ex-vice diretor da UNE, o ex-diretor da UNE, Luís Raul Machado e mais uma série de outros companheiros. Bem, quando eu cheguei lá, já tinha, a polícia já tinha invadido, e eu fui preso também, fui preso também. De lá fui levado para o, comecei a ser torturado ali, ao lado do Palácio da Liberdade, ali na Santa Rita Durão com Sergipe, é a Casa Amarela. Passei a noite sendo torturado lá e me levaram depois para o Batalhão Escola da PM, o DI. E quando eu cheguei lá, quase morri de susto, porque já tinha uma sala de aula enorme, com cadeiras dessas de braço, e tinha umas 80, 90 pessoas, 100 pessoas lá, já presas e o pessoal que eu conhecia, tudo o pessoal de AP, todo o pessoal da Igreja Progressista que eu conhecia e já todo mundo lá. E não parava de chegar gente. Não parava de chegar gente. E dessa vez, que aí passamos um dia e meio lá nessa situação, eles começando a tirar pessoas e aí os torturadores que depois ficaram famosos em todos os livros de denúncia de procura, o Sargento Léo, o Tenente, na época, o Capitão Gomes Carneiro, e alguns outros. De lá eu fui levado para o Colégio Militar. Eu, que aí para surpresa minha, logo depois chega a minha irmã também, a Gilce. E a Gilce tinha tido um parto complicado no final de fevereiro, e a primeira coisa que eu vi, eu fiz assim para ela, e disse: “Tranquilo, a criança não tinha sido pega.” Nós fomos levado para o Colégio Militar, e lá no Colégio Militar eu fui separado dela,

não a vi mais e a tortura foi o seguinte: “Aonde está a criança?” Eles não queriam saber de outros companheiros, não, porque dizia o seguinte: Pegar essa criança, eles falam tudo que a gente quer. Porque aí vocês vão ver ela ser torturada aqui. ” Tinha três meses. De lá, eu fui levado para o 12RI, as torturas continuando. Do 12RI eu fui levado para o Presídio Rural José Maria Alckmim, lá em Neves, e aí lá encontrei com uma série desses que a Eleonora falou aí, que tinham sido presos na queda antes, da POLOP, POC, etc. Eles já estavam presos lá, e a gente em cubículos individuais, que só tinha a janelinha na porta. E aí eu tive que aprender lá, porque logo um deles, que já faleceu, o Tonhão, que estava na cela em frente para a minha, me ensinou o alfabeto mudo. Que era a única forma de você contatar, botava a mão para fora, olhava se não tinha ninguém, e comunicava com, as celas se comunicava com o alfabeto mudo. E lá, continuamente éramos retirados para tortura. Quer dizer que o Colégio Militar, DI, Neves, de vez em quando nos levavam de volta para o 12RI, e como eu disse, foi preso muita gente da igreja. E houve uma repercussão muito grande, porque dizer que estava torturando subversivo, comunista, talvez, aliás, a imprensa nem publicaria. Mas eles prenderam, torturam e inclusive estupraram algumas freiras. E aí, para a surpresa em geral, acho que deles, inclusive, Dom Serafim Fernandes, que não eram nenhum expoente da progressista da igreja, anunciou a excomunhão dos torturadores e dos estupradores, e criou uma repercussão tão grande, que eles tomaram uma decisão, a seguinte, quem é estudante e mais novo vai ser solto, vai ficar em prisão domiciliar. Aí, um belo dia, Gomes Carneiro e o Sargento Léo me tiram de Neves, me levam para o 12RI, eu esqueci o nome do Tenente Coronel, que eu já falei tantas vezes o nome dele, que comandava o IPM, Góes, Valdir Teixeira Góes. Tenente Coronel Valdir Teixeira Goés me recebeu, na hora que eu entrei, ele me recebeu com um murro, e disse o seguinte: “Não tem jeito, a gente vai ter que te soltar, e você se comporta.” Aí, pouco depois entra a minha mãe, e eles me entregam um documento para assinar, estava lá eu, Gildásio, etc, estou sendo colocado em prisão domiciliar, e tendo conhecimento que qualquer coisa errada que eu fizer, ou se eu sumir, minha mãe será presa em meu lugar. Minha mãe, Simone Cosenza será presa. Aí eu falei para ele: “Não. Não assino essa merda de jeito nenhum.” A minha mãe chorou, pediu. Eu falei: “Não, não vou assinar.” Minha mãe foi embora, me pegaram, botaram de volta no camburão e me levaram para Neves, apanhando no percurso. Aí fiquei em Neves lá, mais uns dois, três dias, por aí. Me pegam outra vez, agora piorou ainda. Aí chego lá, estava o meu

pai e minha mãe. E eu acho que até de propósito, eles se afastaram um pouquinho, e o meu pai falou: “Eu vim aqui e você vai assinar isso aí”, “Eu não vou assinar, não. Não está lendo ali, tá dizendo que se eu fizer alguma coisa a minha mãe é presa?”

Meu pai disse o seguinte: “Eu não queria que vocês participassem desse negócio de movimento estudantil, que eu acompanhei a Ditadura do Vargas, sei o que é ditadura”, meu pai era conservador. “Eu sei o que é ditadura. A primeira vez que foi preso só ficou preso, dessa vez você já foi torturado. E você vai ter que sumir aqui de Belo Horizonte”. Falei: “Pai, se eu fizer isso a minha mãe é presa”. Falou: “Isso é problema nosso, eu resolvo. Então você assina essa porcaria aí, sim, e depois arruma um jeito de sumir”. Bem, eu saí do 12RI, e assinei isso aí, e fui para casa. Morava ali na esquina da Leopoldina com São Félix, em uma casa que tinha lá e volta e meia você olhava lá fora, tinha um cara parado lá na frente, eu falei: “Como é que eu faço para sair?” Só que descobrimos o seguinte, tinha um pessoal muito amigo da casa ao lado, eu pulava o muro, ia para lá e o pessoal da casa de me tirava de carro. Aí eu sai rodando, fazendo contato, fiz contato com a AP e o pessoal disse: “Olha, o negócio você sair daí e ir para São Paulo.” Mas como eu ia sair? Para você entrar dentro do ônibus eles identificavam um por um na rodoviária. Avião nem pensar. Carro nem pensar, porque eles paravam todo mundo nas barreiras. E eu sempre fui, desde menino, eu ia assistir o jogo do meu time, o Galo, e os treinos também. Aí eu cheguei lá, fui assistir, fugir e fui assistir um treino do Galo, e um dos diretores do Galo, Doutor Marcelo Guzela, disse: “Oh, tô sabendo o que aconteceu contigo, etc. Como é que foi, eu queria saber detalhe, mas tem tortura mesmo?” Não estava acreditando, “tem tortura mesmo, não sei o que e tal”. Falei: “Tem!”, descrevi tudo, falou: “Eu tenho a saída para você sair de Belo Horizonte.” Na época não existia campeonato brasileiro ainda, tinha o Rio São Paulo ampliado, e o Galo tinha ganho já uns quatro ou cinco jogos, estava invicto e tal, ia jogar contra o São Paulo, lá em São Paulo. Falou: “Você sai no meio da torcida.” E aí, pessoal, não foi só eu não, teve colegas, que eu brinquei muito com eles, cruzeirense, americano, nego que nunca tinha ido a campo, botou camisa do Galo e foi parar lá no campo, ainda era aqui Lourdes, onde hoje é o Diamond, foi todo mundo lá e entramos dentro dos ônibus e fomos parar lá em São Paulo. Não sem antes levar um susto de todo tamanho, porque por aquela censura de imprensa total, quando a gente chega no posto da Polícia Federal, ali em Betim, cheio de tanque com canhão voltado para a estrada, tropas, e entra um capitão dizendo que ia matar todo mundo, que ia sair todo mundo para identificar, ninguém sabia o que

havia. O Doutor Marcelo Guzela foi lá, é só torcedor, e os torcedores começaram a xingar ele de cruzeirense, e não sei o que e tal. E o cara com a metralhadora ameaçando, que eu sei que ele assinou um documento lá e saímos. Chegando no Sul de Minas, que tem uma unidade do Exército muito grande ali, em Três Pintas, Três Corações, etc, outra vez, isso é tropa até em São Paulo. Quando aieii chego lá, e aí revolta minha, eu, torcedor do Galo, o Galo foi jogar, o pessoal que tinha ido foi para dentro do campo, por segurança, e eu fui fazer contato, o pessoal morreu de susto: “Achamos que vocês nem vinham mais, tão correndo notícia aí que deram tiro no Costa e Silva, ou teve um golpe, ninguém sabe o que há.” É a doença, exatamente no dia da doença do Costa e Silva. Bem, a partir disso aí, eu entrei na clandestinidade, fui, continuei a ter um contato muito grande com o movimento estudantil. Mas só antes, eu queria voltar, estava esquecendo, falando de 477 aí, a Universidade de Viçosa decidiu que todos, eu e os outros companheiros que tinham participado como delegados no Congresso em Ibiúna, iam ser expulsos de Viçosa. Quer dizer, que isso é uso retroativo do 477, para ver o nível que é, porque ia acusar por ser subversivo. E aí eu rodei esse Brasil, só encerrando também, eu rodei esse Brasil. Fui dirigente de AP em Goiás, que a gente tinha um trabalho muito grande na Universidade de Goiás, na Universidade Católica lá. De lá fui para Brasília, também em plena ditadura, com nome falso, eu morei uns tempos lá no alojamento estudantil, que o pessoal da UNB conhece, o da Colina, morei algum tempo lá, que fica no alto de uma Colina. E tive que sair de lá, porque localizaram a minha presença, e aí eu rodei, passei militando no Rio Grande do Sul, no Paraná. Só que a questão é o seguinte, a Ação Popular, que na época já começava a discutir o seu processo de difusão de incorporação ao PCdoB, viu o seguinte, quer dizer, que naquele período você vivia em uma situação que se eu chegasse aqui e dissesse para você: “Oh, a repressão tá atrás de você.” Você ia ter que sumir com essa roupa ai. E eu digo que aqui em Belo Horizonte nós tínhamos um esquema, que eu lembro, de ter levado algumas pessoas no convento dos dominicanos lá na Serra, e eu brincava com o Frei lá, que ele fazia um milagre, que as pessoas saíam daqui e apareciam no Uruguai, só que aparecia com essa roupa, sem reserva de roupa, com a cuca fundida, porque deixou marido, mulher, papai, mamãe e filhos, emprego, para chegar no Uruguai e ser um exilado. Então a Ação Popular decidiu que eu iria para lá para tentar ajudar a criar uma associação de exilados brasileiros. Lá fiquei hospedado na casa de uma pessoa que era famosa antes de 64, que era o Coronel Dagoberto, presidente dos Correios e Telégrafos, hoje dos Correios

aí. Fiquei lá com ele, com o Nelson Levi, ex-Presidente da DCE da Federal do Rio Grande do Sul. E percorri Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Venezuela, Antilhas Francesas, Senegal, e a Europa Ocidental inteirinha fazendo isso aí. E, como representante da direção de AP, debatendo, discutindo com as pessoas, levando material, porque eu levei, usando tecnologia, microfilmado as teses políticas, o material político, etc. tal. Os jornaizinhos, chamava Libertação, jornalzinho de AP, e já aí levando também os jornaizinhos do PCdoB, porque a gente estava em uma fase de dupla militância, a gente estava em AP, mas já tava se incorporando ao PCdoB. E rodei a Europa inteirinha. E lá na Europa, quem dava sustentação, inclusive, para eu circular, e rodar todinho, era o pessoal do Conselho Mundial de Igrejas, que é, eu diria, quase, que, na minha palavra, se tiver alguém evangélico aí, pode... Era, eu digo, o vaticano dos evangélicos, com sede em Genebra. E eles arrumavam palestra, debate, etc, para eu fazer na Alemanha, na Suíça, na Suécia, na França, Itália, e eu rodando fazendo esse trabalho. E de lá eu voltei, quando o Conselho Mundial de Igreja, essas palestras todas no final a gente passava o chapéu, e mandava para o pessoal, “oh, deu dois mil francos aqui, eu não sei quantos mil marcos, dinheirinho que você arrecadava, achava, ah, aquela brasileira tá de passagem aqui em Paris, você leva esse dinheirinho para lá? Você leva?” Só que o Conselho Mundial de Igrejas disse queria dar uma ajuda maior, e eu voltei para o Brasil para articular a entrada desse dinheiro para ajudar a nossa luta. Esse dinheiro entrou através de uma cooperativa, Sindicato de Pescadores lá de Santa Catarina, quer dizer, que eu brincava, depois, porque isso aí, depois, inclusive um companheiro caiu, e quando eu fui preso em 75 outra vez, um dos torturadores lá em, no DOI-CODI de São Paulo, dizia o seguinte: “A gente procurando o ouro de Moscou, e esse filho da puta estava trazendo dinheiro era de protestante.” Que só aí o engraçado, porque realmente. E eu deveria voltar para a Europa, só que nesse meio tempo, assassinaram a direção do PCdoB lá no Rio, Lincoln Oeste, Igor Guillardini, e o Lincoln Bicalho Roque. E eu fui para o Rio, e lá no Rio começamos a discutir e a trabalhar lá, fiquei conhecendo um pastor protestante, muito progressista, gente muito boa. E decidimos, devia sair lançado candidato a Deputado, e quem segue um pouquinho da história aí, sabe quem foi Lysâneas Maciel, teve um trabalho brilhante como Deputado Federal, e foi logo cassado depois, foi logo cassado depois, e aí eu acabei ficando no Rio. Em 75 me prenderam outra vez, em setembro de 75, aí eu fiquei preso até 78, e queria encerrar colocando o seguinte, primeiro, até no Rio

Grande do Sul eu tinha contato toda hora com a juventude, com movimento estudantil, com, mesmo no Rio, nós tínhamos uma grande base, já de AP-PCdoB, na PUC. Quer dizer que, com alguns, que depois viraram até artistas da Globo, como Renée de Vielmond, como José Wilker. E tínhamos um contato muito grande, tinha esse trabalho aí, mas eu queria destacar o seguinte, nessa minha prisão, eu fui a única testemunha da prisão e do assassinato de um dos grandes dirigentes sindicais no Brasil, o Dirigente do Sindicato dos Trabalhadores, dos Eletricitários, dos Trabalhadores dos Bondes, da Light do Rio, Armando Teixeira Frutuoso, ele foi preso e torturado até à morte, DOI-CODI do Rio. E eu estive, inclusive lá no Rio, como testemunha, identificando a sala em que ele foi assassinado. E depois, eu fui transferido para o DOI-COTI de São Paulo, e a testemunha que identificou o assassino de Herzog fui eu, porque eles forjaram o suicídio dele na cela onde eu estava, eles tiraram ele da cela, levaram ele já morto lá, para forjar aquele suicídio dele, que eu estava preso ainda quando o Doutor Eliano Fragoso me procurou, querendo saber se eu aceitava ser testemunha do processo da viúva, a Clarice Herzog contra a ditadura pelo assassinato dele. Eu fui testemunha e abriram um processo contra mim por subversão dentro da prisão, porque eu fui levado para depor preso ainda, e não só denunciei o assassinato dele, mas do Armando, de um outro dirigente do PCB, que foi preso lá em São Paulo, quando eu já estava no DOI-CODI, José Montenegro de Lima, que ele nem sequer chegou DOI-COTI, mataram ele antes de chegar, e como eu fiz todas as denúncias aí, eu tenho processo também por subversão dentro da prisão. Bem, pessoal, isso aí é o que eu queria relatar aqui, e colocando toda a repulsa por aqueles que, ou por idiotia, ou por fascismo completo, ou sei lá qual adjetivo, são capazes de dizer que querem a volta disso aí. Muito obrigado, pessoal.

MARIA CERES: Bom, obrigado, Gildásio. Companheiro também de muitos anos. Eu queria falar com vocês que nós vamos agora ter um momentinho do lanche, depois do lanche nós vamos ter o Valdo, Marcos Aguiar, o Baixinho, e a Samira, tá? Eu gostaria de ver que a gente não ficar lá para fora por dentro de 15 minutos, a gente faz um lanche em 15 minutos, e descansa um pouco, e aí retornamos aqui. E o Robson, você quer falar alguma coisa, Robson?

ROBSON SÁVIO: Quero agradecer a presença de todos, vou ter que pedir licença, porque eu tenho outro compromisso, vou pedir para o Coordenador Adjunto, o Jurandir Persichini, que acompanhe a Professora Ceres para o momento depois do lanche. Muito obrigado.

MARIA CERES: Pessoal, nós vamos retomar agora, gostaria de cumprimentar o Jurandir Pessechini, nosso colega da comissão e sua, atual sub-coordenador e nós vamos retomar agora sabendo que nós temos 03 pessoas ainda para fazer o seu depoimento. Ainda que a gente não queira colocar e não deva colocar nenhum limite no tempo de fala, a gente só gostaria de lembrar para as pessoas sentarem e estarem sentadas aí para que a gente possa começar agora. Por favor, Valdo Silva, a sua, o seu depoimento.

VALDO SILVA: Eu vou dividir a minha fala em duas partes. Primeira rápida. É, eu fui processado a primeira vez em 1962. Por um negócio que chamava, manifesto que eu assinei que chamava Frente Parlamentar Nacionalista. Fui preso por causa disso em 62 pelo exército lá em Juiz de Fora. Eu fui presidente da União Juizforana dos Estudantes Secundários, depois presidente de União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais, a UEE. Do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia e fui, e era candidato a presidente da UNE em 1968, quando fui preso no congresso da UNE. É, quero dizer a vocês, a repressão era uma merda. Incompetente. Fiquei 02 anos em Belo Horizonte, com 16 prisões preventivas decretadas e nunca me pegaram. Bom, se bem, eu queria fazer uma pequena correção, pegaram sim, mas me soltaram todas as vezes. Fui preso em 66 no congresso da UNE. Fui preso duas vezes em 67, são 05 vezes. Bom, duas vezes em 67 e uma vez em 68, quando fiquei 02 anos presos. Nas outras prisões, a de 66 eu devo ter ficado uns 20 dias, mais ou menos. É, depois fiquei 03 dias, 05 dias. Fui preso em Juiz de Fora uma vez também. Uma prisão de 03 dias. Quer dizer, e os caras não conseguiam me pegar em Belo Horizonte. Eu tenho 01 momentos interessantes, eu fui, eu morava em um aparelho na rua Itajubá. Era um barracão que tinha alugado. Os caras perceberam que eu andava ali pela aquela região, e um dia pararam no ponto do trolebus, que era o trolebus que saía lá da Floresta e ia até a filosofia, até a FAFICH. Onde que era o meu circuito. Onde eu estudava. Me cercaram ali, eles iam sair correndo, me enfiei pela central do Brasil, a linha da central do Brasil e me cercaram uma vez também em frente do hotel que você se referiu ali, Del Rey. Eu entrei dentro do hotel, os caras do hotel me tiraram lá por trás, tinha o Jornal Estado de Minas ali do lado e eu me enfiei lá no Estado de Minas e fui me embora. Tem uma mudança de qualidade num determinado momento. A partir do final de 68 a repressão muda de qualidade. O exército se engaja, a marinha, a aeronáutica, se engajam coordenando a repressão. E põe a Polícia tratava de criminoso, para fazer operação. Daí pra frente muda. Então como eu fui preso

inúmeras vezes no período anterior, eu apanhei várias delas, mas nunca fui torturado. Apanhei mesmo, e me bateram muito, principalmente em 66. Por causa do congresso da UNE. Eu nunca fui torturado. A tortura se engaja violentamente a partir de 1969. Até ali, era outra coisa. Era um mundo diferente, a repressão era um mundo diferente ainda. Bom, isto posto, a universidade era uma maravilha, os professores muitos apoiavam a gente. Diretor da Faculdade de Filosofia, Pedro Parafita de Bessa, eu o Coronel Medeiros que quase foi presidente da República, dirigiu o IPM e me pediu 27 anos de prisão. O IPM. O IPM é aberto com um depoimento do Pedro Parafita de Bessa dizendo assim, o Valdo sempre defendeu patrimônio público. Que Polícia que quebrava tudo. O juiz de Juiz de Fora olhou aquilo que jogou fora o processo. Ainda gritava, na minha frente, milico burro, como que deixa fazer isso? Eu estou dando um exemplo da burrice, não é? O DOPS era uma porcaria, os caras eram ruins feito um capeta. Ruim, incompetente mesmo. O DOPS tinha um tal de Davi Hazam, que um dia nós jogamos um foguete na passeata, jogamos um foguete no peito dele, ele queria matar a gente por causa disso, mas não sabia quem era, não sabia se era eu ou o João Batista Mares Guia, era um dos dois, então nós formamos no ano de 68 um negócio louco. Nós criamos aqui em Belo Horizonte um grupo que era chamado de Incrível Exército de Brancaleone. Tinha manifestação todo dia no centro da cidade. E os caras da Polícia que conversaram comigo depois, dizia assim, você estava enlouquecendo a gente. Que o quartel ali vivia de prontidão. Nós não sabíamos como fazer, eles não sabiam o que fazer. Tem a partir de um momento adiante, vem aqui um cara da CIA lá, não sei como é que eles chamam, foi inclusive fecharam ela, Dan Mitrione, e começa o treinamento das forças armadas brasileiras, as forças armadas para torturar e é um momento determinado que as forças armadas dizem o seguinte, não tem mais conversa. É matar. Mata. É, eu fui transportado no período de prisão de Juiz de Fora para São Paulo, primeiro daqui para São Paulo, depois de São Paulo para Juiz de Fora, depois de Juiz de Fora para São Paulo. Fiquei umas duas noites na Academia das Agulhas Negras. Tinham uns caras do exército presos lá, um tenente que eram ligados a um tal de General Albuquerque Lima. Eles me diziam o seguinte, a nossa solução virá. A solução indonesiana. Um tal de Sukarno matou 800 mil pessoas, Sukarno, o Suarte foi o que substituiu o Sukarno. 800 mil pessoas liquidava. A Argentina entrou num processo semelhante, matava todo mundo. Pegava e matava a família. O Brasil não chegou nisso. Mas tinha uma forte corrente. Dentro das forças armadas que defendia essa solução. A Polícia política era de uma incompetência

absoluta. Sabia matar, torturar e tal, mas não sabia o quê que estava acontecendo. Fui citado várias vezes a ação popular. Eu nunca admiti que era de organização nenhuma. Sempre disse, não sou de organização nenhuma. Mas era da AP. É, a ação popular, o Governo Militar só começou a entender ela, a partir do final de 68. No IPM dirigido pelo Coronel, General Medeiros. Até lá não conhecia. Nos depoimentos que eu respondi, tinha mais de 50, estou exagerando talvez. Mas 20, 30 organizações da qual era considerado ligado. Eles não entendiam nada. De fato. Depois entenderam, evidente. Depois de 68, depois do AI-5, aí sim começa um processo de mudança. Essa é a primeira parte. A segunda parte eu quero mudar o que aqui é o nosso hábito de tratar. Eu quero dizer o seguinte, o Monsignor Jean Paul Sartre, escreveu um negócio assim, nós nunca fomos mais livres que sob a ocupação alemã. Tínhamos perdido tudo, ele fala, nossos direitos, não sei o quê, tudo. Assim a questão mesmo da liberdade se colocava em estarmos no limiar do conhecimento mais profundo que o homem pôde ter de si mesmo. O segredo de um homem não são seus complexos. É o próprio limite da sua liberdade. É o poder de resistência, os suplícios e a morte. Eu quero dizer o seguinte, eu fui extremamente feliz. Fiz parte de uma geração que mudou o mundo. Eu mudei o mundo. Yves Saint Laurent fez uma declaração uma vez dizendo assim, esse tal de juventude mudou a roupa, mudou a roupa das mulheres da alta sociedade, o prêt-à-porter segundo o Yves Saint Laurent nasceu em 1968. Com as manifestações de rua. E o mundo inteiro. As crianças eram espancadas pelos pais. Os velhos eram desprezados até onde não podia ser. Lugar de mulher era no cacete. Nós mudamos o mundo inteiro. Eu sempre gostei de hippie. A esquerda não gostava não, mas eu sempre tive simpatia pelo hippie, pelos hippies, em especial pelo beatniks, aqueles malucos. Os beatniks queriam mudar o mundo e mudaram. Quem ganhou a Guerra do Vietnã foi lá dentro dos Estados Unidos. Foi a juventude norte-americana que derrotou o exército norte-americano. É claro que os vietcongues eram, eu conheci um americano, professor americano em Paris que me disse assim, a partir da ofensiva do TET em 1968, nós descobrimos, o povo americano que os vietnamitas eram imbatíveis. E eram mesmo. Por quê que eram imbatíveis? Por causa de um negócio que chama liberdade. Esse negócio que chama liberdade tem duas naturezas diferentes. A primeira natureza são as relações sociais. Liberdade é norma e regra de convivência. Em especial com a característica da persuasão racional, e do entendimento pacífico na luta de ideias. E uma outra natureza a liberdade. Era é uma herança de uma ruptura genética que transformou o homem de animal, regido pela

seleção natural do Darwin, para um animal regido por uma seleção adaptativa. Então essa seleção adaptativa é a liberdade individual, o livre arbítrio. E a relação dessa liberdade, que é uma herança genética é com a resistência. Nossa capacidade que nos diferencia do resto do reino animal, é nossa capacidade de fazer escolhas. Nós fazemos escolhas e o que nos diferencia é a nossa capacidade de resistir a qualquer forma de opressão, por causa dessa liberdade que é de origem genética. Único jeito de ser feliz é no exercício dessa liberdade. E aí eu vou reafirmar. Eu participei de uma juventude, de ter ganho uma juventude que foi profundamente feliz. Profundamente, nós tínhamos uma vida absolutamente alegre. Por quê? Porque nós mudamos o mundo. Quem perdeu não fomos nós não. Quem perdeu foi o Newton Cruz. Ele foi derrotada, nós ganhamos. O Rockefeller perdeu. Nós ganhamos. Nós mudamos o mundo. Nós fomos derrotados no ponto de vista da luta pelo poder. Fomos. Momentaneamente derrotados. Porque até hoje nós continuamos ganhando. Ora perde, ora ganha. Isso faz parte do curso da história. Agora, ninguém mata veado mais. Mata os filhos da puta que tem por aí, mas se for preso, e for pego, vai preso. Ninguém espanca mulher mais. Espanca, sim e se for pego, vai preso. Nós libertamos o mundo com uma carga brutal de opressão. Eu vou dizer que eu perdi? Eu não. Eu sou um vencedor. Quem perdeu foram eles que perderam. Insisto em dizer o seguinte, a liberdade e o Sartre fala isso aqui muito bem, tem a ver com a capacidade de resistência à opressão. É isso que é uma definição de liberdade. E é o que eu me senti. É o que eu senti na minha vida. Eu senti perfeitamente que eu era livre, embora fosse preso. Mesmo preso, antes 02 anos no presídio Tiradentes, que a Eleonora se referiu. Depois em Juiz de Fora, em Linhares, eu sempre me senti livre. Sempre. Por quê? Eu consegui que a minha capacidade de resistência me tornasse um indivíduo livre. É o que fala aqui o Senhor, Monsignor Jean Paul Sartre. Então. O mundo tem uma adágio popular engraçado que diz assim, o mundo é uma bola quadrada que gira parada em torno do nada. O quê que isso quer dizer? Que o mundo é regido pela contradição. Quem percebeu isso foi um cara chamada Heráclito. O obscuro Heráclito de Éfeso. Que percebeu que ao tudo mudava, tudo muda. Menos a mudança. Então, vou ficar preocupado com o que está acontecendo com esses picaretas, esse sistema de podre. Eu não, vai mudar. Vai mudar. Ele vai mudar. Provavelmente eu vou até assistir essa mudança. Por quê? Porque a aceleração do tempo histórico é cada vez maior. E o tempo histórico não é tempo cronológico. Ele é medido como diz lá o poeta grego. Arquíloquo. Ele é medido pelos ritmos a que os homens estão submetidos. E

nós estamos submetidos a ritmos aceleradíssimo. Então a minha visão do mundo é absolutamente otimista, é cética. Que quem não é cético é burro. Quem esquece do ceticismo é burro. Ou ingênuo. Que às vezes é a mesma coisa. Mas eu sou profundamente otimista. A humanidade melhorou de uma maneira, e a minha geração teve um papel importantíssimo nisso. Quanto tempo tem? Tenho mais alguns minutos Ceres? É? Então nesse processo, eu fui acompanhando o seguinte. É, tem sistemas, eu fui estudar termo-dinâmica em 1973, eu tinha uma situação dramática aqui porque eu não podia mais sair de casa. Os caras diziam assim, vão matar você. É só qualquer escorregão você morre. Eu fui embora para a França. Fui fazer o quê? Fui ensinar termo-dinâmica. Por quê? Porque eles estavam abrindo uma, a Fiat aqui e eu pensava que a classe operária que ia mudar o mundo. Não é não. Quem pode mudar o mundo é a juventude que pode mudar o mundo. Mas eu fui estudar termo-dinâmica e descobri uma coisa chocante. É, segundo um cara chamado Ludwig Boltzman, todos os sistemas caminham para uma desordem. Quer dizer o seguinte, caminha para o esfriamento. É o contrário da ideia de desordem que a gente tem. A gente pensa que desordem é bagunça. Não é não. Na termo-dinâmica desordem é falta de bagunça. Quando o sistema se resfria ele paralisa. Provavelmente para o universo daqui a uns milhões de anos, vai estar completamente resfriado é a entropia máxima que ele vai atingir. Alguns sistemas eu fui descobrir isso, sei lá, em 1975. Onde um cara chamado Eli Briogene, um russo, belga, francês, desenvolveu um negócio chamado Estrutura de Dissipativos. Nas estruturas dissipativas, a tendência é o aumento da ordem. Ou seja, a diminuição da entropia, os sistemas sociais são estruturas dissipativas. A ordem aumenta cada vez mais. Como que se dá esse processo? Primeiro, as contradições. O Heráclito com a contradição. A contradição gera a mudança. Complexifica o sistema. A complexidade complexifica aumenta a desordem. A desordem que o sistema se reproduza leva à ordem. Então qual que é o processo humano? O processo humano é o seguinte, complexidade e aumento da ordem. Aumento da ordem na termo-dinâmica é colaboração, cooperação, conflito, unidade. E tem uma coisa essencial para ser compreendido. A contradição não é contradição é unidade de luta. É unidade de fracionamento. Se romper essa relação de unidade de fracionamento não tem contradição mais. Desapareceu a contradição. E essa relação de unidade de fracionamento, de conflito, de disputa, de embate, entre as moléculas que gera os sistemas dissipativos, se aplica ao desenvolvimento do sistema humano. O conflito, o embate, o movimento é que leva ao aumento da ordem. O aumento da ordem é a linha

do horizonte da espécie humana. Em direção ao aumento da ordem. Então não tem pessimismo possível se você tem uma visão da história. Agora, se você tem uma visão metafísica da história, se você separa tudo em partes, você não consegue compreender o todo, certame você vai ser pessimista. Não tem dúvida. Insisto em dizer. Não se poder perder a relação do ceticismo. É preciso sempre esperar o pior. Mas o pior é sempre melhor do que era antes. Não tenho dúvida nenhuma disso. E o movimento estudantil dos anos 60, está antes. Nos beatniks e hippies e tal, foi num salto majestoso na história humana. Aqui no Brasil, nós vivíamos assim, cinema novo, bossa nova. Nós mudamos nosso país. Nosso país ingressou na era industrial não é? Tem gente, que nunca compreendeu para produzir automóvel tem de ter uma política de longo prazo. Tem que fazer estrada, tem que ter petróleo, tem que ajeitar a cidade, tem que mudar as cidades. Se você começar com um automóvel sem preparar uma estratégia para o futuro, vai dar no desastre e deu. Agora, esse desastre não é um ponto terminal. De jeito nenhum. Ele continua todos os sinais continuam a indicar no sentido do futuro. No sentido que o mundo vai melhorar. A própria consciência política. Eu prefiro dizer assim, a consciência crítica que é a capacidade de utilizar ao mesmo tempo o raciocínio, a razão, associada à contradições, é um elemento que empurra a humanidade no sentido da evolução. Nossa geração que inúmeros amigos, colegas de faculdade que estão aqui, nossa geração mudou o mundo. Mas deu um salto no mundo. Nós mudamos comportamento. Nós mudamos a expectativa de viver melhor. Mas principalmente eu vou insistir no seguinte, eu fui preso, apanhando, eu fui extremamente feliz. E só pode ser feliz, eu vou voltar ao Monsignor Sartre, só pode ser feliz quem é capaz de resistir. A resistência é a essência da noção de liberdade individual. Era isso que eu queria falar.

MARIA CERES: Obrigada Valdo. Samira por favor. O depoimento, obrigada.

SAMIRA Z Aidan: Eu quero dizer que eu estou muito honrada de constituir esse grupo. Cumprimento a todos os presentes e parceiros aqui da mesa. Eu queria situar inicialmente o quê que foi a minha participação. Eu comecei no ano de 67, final de 67, 68 e 1969 é como secundarista participando do movimento estudantil. Eu fui aluna do Colégio Municipal Belo Horizonte. Nesse período acompanhando o movimento universitário, nós participávamos como secundaristas nas assembleias quase que diárias na Escola de Direito. De um lado um grupo que eu só lembro liderados por uma, um companheiro que era chamado de Barbosinha. Do outro lado um grupo, João Batista dos Mares Guia, Jorge Batista, Athos Magno, não sei bem porque motivo mas

eu ficava desse lado e nós estávamos juntos apesar dessa divisão dos dois lados, que sempre ocorria nas discussões na escola de direito, ao sair para a rua, ao sair para manifestações como todos falaram aqui nesse período de 1968 eram quase que diárias, saíamos juntos. Eu fui também nesse época, acredito que tenha sido simpatizante, não sei bem definir o quê que eu fui, mas fiz parte de um grupo da VPR – Vanguarda Popular Revolucionária. Nós tínhamos um grupo de estudo, discutíamos a realidade brasileira, discutíamos as alternativas à ditadura, a discussão do Foxismo era muito forte e neste grupo participaram várias pessoas entre elas o Fernando Pimentel que hoje é nosso Governador e outras pessoas cujo nome eu não sabia e por não conhecê-los até hoje, eu não sei dizer exatamente quem eram. É no ano de 1969, nós vamos ter então a finalização desse processo e ver com o AI-5 como todos falaram aqui, inicia-se um novo momento histórico. A minha participação única nesse período foi no ano de 69 a pedido de algumas lideranças, entre elas, o Athos Magno, que reuniu um grupo de secundaristas e pediu, olha, a polícia vai fechar tudo, se vocês puderem pelo menos frequentar o DCE diariamente que vai, a UEE na verdade. Que a sede do DCE na rua Guajajaras era a UN. Então ele, o pedido dessas lideranças que entravam na clandestinidade era que nós não deixássemos fechar, não deixássemos que a polícia tomasse conta e que a nossa frequência pudesse garantir os serviços de advogado, médico e fazer a carteirinha dos estudantes. Daí tem um, veio 69, vem uma mudança completa e volta o movimento estudantil em 1973 como aluna da UFMG, eu estudei matemática. Até 1977 eu estive na UFMG. Entrei já no movimento pelas calouradas. Depois participando do DA-ICEX que foi um diretório muito ativo, quer dizer, citou-se muito a FAFICH, mas a primeira greve da UFMG foi no ICEX não foi na FAFICH nos anos 70. E depois fui por uma eleição indireta fui presidente do DCE é que foi a última eleição indireta que nós fizemos no ano de 1976, a primeira eleição direta para o DCE à revelia da lei. E também fui a primeira mulher presidente do DCE, isso não era algo muito presente para mim à época não é? Se der tempo eu vou contar um caso aí no final sobre essa coisa de ser mulher, o movimento feminista começava a se organizar, mas eu não me via como feminista àquela época. Nós tínhamos nos anos 70, de 73 a 77 uma organização muito forte muita Universidade. Eu vou entrar em detalhes daqui a pouco, mas eu queria dar o dado nesse depoimento, que nós tínhamos, eu participava de um pequeno grupo mineiro, entre as pessoas que estavam nesse grupo, que nós chamávamos de organização, era apenas um grupo que tinha a pretensão de se organizar, de entender o contexto,

de pensar mais para frente uma transferência social, do qual participava o Aloísio Marque que está aqui, o Virgílio Guimarães, o João Machado Borges Neto entre outros companheiros. Durante os anos 70 então nós vamos ter, eu vou me referir a partir de 1971 sempre com a referência no DCE que era uma entidade que realmente agregou e dirigiu o processo do movimento estudantil nesse período. Então 1971 nós vamos ter à frente do DCE o estudante Ítalo Biagio Flora que era da odontologia. Em 1972, o João Machado Borges Neto que era da economia. Em 1973 o Virgílio Guimarães de Paula que também era da economia. Em 1974, Flamínio Fantini, que era da comunicação, da FAFICH. Em 1975 sou eu. Em 1976 o Jânio Bragança. Jânio de Oliveira Bragança que era do inicialmente do Instituto de Ciências Exatas, depois foi para a FAFICH e em 1977, o Jésus Santiago que hoje de manhã cedo fez aqui para nós fez uma colocação. Eu quero dizer para vocês que nunca fui presa. Então atuando nos anos 60 e nos anos 70, talvez pelo estilo mais mediador, talvez porque não tenha me exposto, eu estive 01 mês no ano de 1969, durante 01 mês eu fui guardada numa casa. Que quando eu saí eu descobri que ela era na frente da FAFICH, por um mês mas eu acredito que seja mais para que eu não desse os contatos, que eu não, enfim, eu não acredito que a minha pessoa tivesse algum significado ou algum tipo de risco. Bom, nessa segunda parte eu quero então explicitar algumas ideias. No período então, eu acho que agente pode dizer que no período de 1964 a 1968, nós vamos ter esse movimento estudantil muito forte. Nesse contexto cultural que vários aqui já falaram. Que os estudantes universitários mineiros reuniam, discutiam, realizavam muitas manifestações e essas manifestações abordavam questões do ensino, mas principalmente a denúncia das ações da ditadura. Há muita denúncia da pobreza não é? Então a gente pode dizer que a expressão principal dessa fase é pela derrubada da ditadura, e neste movimento faziam-se presentes agrupamentos diversos. Então nós vamos ter sempre aquela face externa, pública, e vamos ter a face interna das organizações, dos grupos que tentavam em agrupamentos menores, ter uma análise, construir alternativas mais consequentes não é? O ano de 69 foi então o ano da repressão, das prisões, do desmanche não é? Amigos presos, desaparecendo. O AI-5, a Lei de Segurança Nacional, o Decreto-Lei 477. Então os movimentos sofrem um terrível baque nesse ano. E nós vamos ter o fechamento da UNE e das UEE's no caso a União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais que era liderada pelo Athos Magno Costa e Silva, que era da Faculdade de Medicina que imediatamente entra na clandestinidade no final, já no final de 68, início de 69. Então toda e qualquer forma de

manifestação pública era proibida. Quer dizer, o que nós vivíamos estando neste final da década de 60, era o anúncio das prisões, das torturas como as prisões não eram públicas e nem sempre o preso era localizado, muitas sessões de torturas levaram à morte ou desaparecimento como todos nós sabemos e a partir daí nós vamos ter um período de profunda depressão. No âmbito da universidade, nós temos uma especificidade da UFMG que é muito importante ser ressaltada. A partir do AI-5, da Lei de Segurança Nacional, os DCE's do Brasil inteiro são fechados. E os diretórios acadêmicos também são fechados. No final dos anos 60, início dos anos 70, a única que eu saiba, a única universidade que mantém DCE e diretórios acadêmicos é a UFMG. Eu coloco isso numa ação interna da universidade. Quer dizer, a universidade fechou, acatou o fechamento da UEE, transformou a sede da UEE em sede do DCE, estabeleceu um controle financeiro sobre o DCE e estabeleceu as eleições indiretas. De modo que já no ano de 1969, aí e foi o período que nós estivemos lá para garantir o funcionamento, ele existiu até que chegou o estudante indicado, não sei como, aí eu já não tenho esse detalhe, mas desde os anos 69 e 70, nós tivemos essa possibilidade do funcionamento das entidades. Isso foi interessante porque além de tomar todas essas decisões de manter e não fechar, a reitoria destinou compulsoriamente uma taxa, 10 dinheiros na época, cada estudante pagava ao DCE e aos DA's para ter direito à carteirinha, que era muito útil para as atividades culturais da cidade. Isso constituiu-se numa base de trabalho, uma base de estrutura muito grande para essas entidades. Bom, eu então agora vou me referir aos anos 70. Nos anos 70 que eu acho que é a fase que eu, de 1973 a 77 é a fase que nós como todos hoje já falamos no período de reconstrução nós vamos ter uma universidade vigiada. Quer dizer, os anos 70 são inacreditáveis para os estudantes de hoje. Uma universidade vigiada, significa que você não podia afixar um cartaz na parede. Que você não podia reunir, convocar uma reunião. Então os anos 70 ele foram anos que além, utilizando-se dessa estrutura das entidades estudantis, eles foram anos que buscaram abrir espaços utilizando principalmente as atividades culturais. Então nós vamos ter a calourada, nós vamos ter no ano de 1972 os grandes shows. Então Chico Buarque veio cantar aqui. Outros grandes artistas que era a oportunidade de reunir os grupos. E esse recurso financeiro proporcionava a realização de atividades culturais, festivais e um conjunto de atividades que levavam ao reencontro dos estudantes. Nós sabemos hoje que os dirigentes universitários enfrentavam também muita pressão do Governo. E dos órgãos de segurança e a universidade teve que engolir a AESE – Assessoria Especial

de Segurança Interna que também já foi referida aqui hoje. Até onde eu pude acompanhar e à época esse era um assunto conversado na reitoria quando nós tínhamos as nossas visitas que na verdade era um embate do movimento estudantil na reitoria. Mas até aonde a gente pode reconhecer, esta assessoria de segurança interna ela era compulsória e não era muito do agrado da equipe dirigente da reitoria, provavelmente de uma parte da reitoria sim não é? Bom, as diretorias que sucederam a frente do DCE e do DA desde então, apoiavam a iniciativa de reorganização estudantil no âmbito da educação básica com grupos de secundaristas e também das universidades privadas, com a criação de entidades estudantis. Na verdade, como o DCE tinha dinheiro, os DA's também, nós apoiamos iniciativas do movimento estudantil nacional. Muitas, muitas. As pequenas reuniões pagando passagem, trazendo grupos para reunir aqui. Nós tínhamos uma estrutura gráfica muito grande de fazer publicações não é? Uma dessas ações importantes foi a criação do jornal Gol a Gol, se pegar com o pé é dibra, que era o nome para despertar a atenção. Tinha lá uma historinha que explicava o sentido desse jornal, mas o jornal Gol e Gol, se pegar com o pé é dibra teve a primeira edição em 1972 e pelo que eu saiba ele seguiu por muitos e muitos anos. Tratava de assuntos da cultura brasileira, da censura, do ensino, do vestibular, da denúncia da pobreza. Algumas matérias eram irreverentes, divertidas, sempre tinha uma série de colaboradores da cultura. Então era um jornal que tinha, que foi conquistando muito a atenção de todos os estudantes. E todos os números do jornal há denúncias de prisões irregulares e arbitrárias de estudantes em todo o país. Quem se mantinha, quem estava preso. Era uma divulgação constante não é? Nós vamos ter o exemplo de 1973, com a divulgação da morte do Alexandre Vanuchi, que era estudante de geologia da USP que foi dado como atropelado, morreu não atropelado muito não é? Também em uma edição especial de 1973, foi denunciada prisão do Orestino Guimarães, Monteiro Guimarães que era presidente da federação dos estudantes da Universidade de Brasília. Mas o Gol a Gol, que realmente marcou ele tinha na capa um bordão subversão com um troglodita que denunciava um documento que chegou, chegou numa correspondência anônima no DCE que alguém pegou o documento interno do MEC e esse documento interno do MEC chamava "Como eles agem." Era uma discussão interna que o MEC fazia sobre como eles, nós agíamos e como eles, MEC, reitorias, governos e todos os níveis deveriam nos tratar. Então o jornal Gol a Gol publicou esse documento, fazendo essa denúncia que como havia um aparato dentro do governo de desmantelamento ou de

tentativa de desmantelamento do movimento. No âmbito do ensino, nós tínhamos toda a denúncia do acordo (ininteligível), da tentativa de privatização da educação. também podemos lembrar que a participação estudantil dos órgãos deliberativos da UFMG era muito restrita. Para ser representante do Conselho universitário ou nos colegiados do curso, na representação de 1/5 dos estudantes, é preciso ter média 07 em todas as disciplinas e nenhuma reprovação. Então isso era quase impossível para um militante estudantil. Ainda mais das ciências exatas, não é? Que o índice de reprovação era e ainda é altíssimo. Então as entidades estudantis, eu acho que eu posso dizer nos anos 70, assumiram esse papel. Encontro, divulgação da cultura e denúncia. Havia um grande apego do entendimento da pobreza do país, e da situação de miséria de grandes segmentos sociais. Tem um fato interessante que eu já deixei registrado, vou só mencionar aqui rapidamente. Quando saiu a ideia, quando saiu o projeto do Governo de privatização da Petrobras, nós resolvemos fazer um debate. O Flaminio Fantini era o presidente do DCE e nós resolvemos fazer um debate, convidando várias pessoas e que eram pessoas que vinham do Rio de Janeiro, teve uma chuva violenta, os aviões não saíram do Rio de Janeiro. Quando foi meio dia, o debate foi proibido pela Polícia. O reitor nos avisou e o Professor Luiz Bandeira era o único que estava a caminho, os outros não conseguiram chegar. Então nós resolvemos, nós ficamos muito preocupados porque junto com a proibição, veio uma denúncia de que dentro da sede cultural do DCE onde se realizaria o debate havia uma bomba e que essa bomba ia explodir na hora do debate. Isso foi um fato marcante porque nós tivemos uma atitude contra a diretoria do DCE junto com os DA's de desconfiar dessa situação e conseguimos, nós aceitamos inicialmente uma busca da Polícia. A Polícia esteve durante duas, três horas lá, levantando as cadeiras, levantando a porta, o teto e num dado momento a gente viu que era uma enganação, e assumimos a realização do debate que foi um debate muito politizado e de discussão política nacional, que já significava a discussão da privatização da Petrobras, toda uma política de modelo econômico à época propunha. Bom, muitos foram aqueles que lutaram contra a ditadura e sofreram com as suas próprias vidas em defesa de uma sociedade democrática. Essas perdas nunca serão repostas. 04 estudantes da UFMG ainda enquanto eram estudantes na luta contra a ditadura militar. São eles Gildo Macedo Lacerda, morto em 1973. José Carlos Novais da Mata Machado, também 1973, líder estudantil da Escola de Direito. Ainda temos o Gildo e José, desculpe. Ele eu já falei não é? Depois nós vamos ter Idalísio Soares Aranha filho que foi morto no Araguaia e

Valquíria Afonso Costa que foi morta em ação da Polícia também da Polícia Política no Araguaia. A memória dos três estudantes está hoje guardada com um memorial, um monumento com 04 grossos troncos de árvores onde ficam, fica registrada essa perda ao lado da reitoria, dentro do campus da universidade. E para concluir eu vou fazer referência ao 3º Encontro Nacional dos Estudantes que também já foi hoje aqui citado, quer dizer, esse encontro, a marca importante desse encontro é que ele significou um resultado de um esforço da década desde 1969, digamos, até 1977, o resultado de um esforço nacional de recriação da UNE. Quer dizer, havia clareza de que o movimento cresceu, que o movimento estudantil tinha acumulado espaços. As universidades que não tinham DCE´s começaram a criar centros acadêmicos livres. Então inclusive nós éramos “não livres” porque o nosso era fiscalizado pela reitoria, mas a gente tinha toda a liberdade de organização, por nós vivenciado e conquistada dia a dia e tivemos então com a realização do 3º ENE uma cominância que era esse movimento local pelo Brasil inteiro e nosso local aqui, que aos poucos se reunia e se reorganizava, fosse demais movimentos de outros estados. Então nos reuníamos todos os anos na reunião da sociedade brasileira para o progresso das ciências. Nós reuníamos nos encontros nacionais de engenharia, nos encontros nacionais de matemática, de ciências, enfim. Sempre que haviam encontros científicos nós nos reuníamos entidades estudantis em paralelo, sempre discutindo a reorganização do movimento, o apoio (ininteligível) a denúncia e especialmente a necessidade da recriação da cultura. Então dada essa estrutura e essa organização que tínhamos aqui, houve a decisão de que o 3º Encontro Nacional de Estudantes para a criação ou melhor, para a recriação da UNE seria e que foi que os colegas hoje relataram. Quer dizer, na madrugada do dia 04 de junho, o local onde se realizaria o evento foi a Escola de Medicina. Na verdade o Diretório Acadêmico da Escola de Medicina onde tinha cerca de 400 estudantes. Nós tivemos mais de 2 mil pessoas presas no Estado de Minas Gerais. Vários ônibus foram presos nas estradas e devolvidos. A entrada de Belo Horizonte foi cercada tamanha a importância que era para o sistema repressivo a criação da UNE. Quer dizer, era realmente uma demonstração da capacidade de reorganização desse movimento que teria. É, nós tínhamos à época um trauma com os veraneios. A gente sabia que a Polícia política reprimia secretamente porque não sabia se aonde o preso ia ser levado com as veraneios. Eu não lembro se elas eram marrons, ou azul marinho, ou era as duas coisas. Mas sempre que a manifestação saía na rua, sempre que nós tínhamos as reuniões, as veraneios que quando as veraneios estavam por

perto que era a Polícia política secreta para realizar prisões e estas não eram para assustar, porque significavam a possibilidade de desaparecimento do preso. O encontro então foi essa culminância. Ele não se realizou porque as pessoas não conseguiram chegar e Belo Horizonte se tornou uma praça de guerra. No próximo dia 10 de junho, nós estaremos fazendo um ato no Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina em comemoração, em reflexão, em confraternização, passados 40 anos da tentativa de realização do 3º ENE para o qual todos estão convidados. Então eu acho que a gente pode dizer que nos anos 70 nós vamos ter uma retomada do movimento, com muitas prisões e torturas. Com muitos atos terroristas pequenos e (ininteligível). Com a prevalência de uma perspectiva de obscuridade da ação da Polícia, mas vamos manter o movimento estudantil que como disse algum colega, que aqui recebeu, ele teve uma marca muito importante não é? E que nós podemos dizer que a UFMG foi particularmente uma universidade que marcou a sua presença de modo inteligente e astuto na organização do movimento estudantil. Também deixando uma contribuição essencial à retomada da reorganização social mais ampla. Acho que é isso que eu queria dizer para poder dar uma ideia. Obrigada.

MARIA CERES: Obrigada Samira. A gente sabe que você está inclusive apertada por causa de horário de aula, que a gente te coloca à vontade, se você tiver que sair e agora eu vou passar a palavra para o Marcos José Burle Aguiar.

MARCOS JOSÉ BURLE AGUIAR: O baixinho. É, esse era o meu nome aqui quando eu trabalhava pela UNE aqui em Belo Horizonte. Bem gente olha, a primeira coisa é que eu nessas reuniões me sinto muito, com muita dificuldade. Porque eu acho que eu cheguei aqui muito lambendo pelas beiradas mesmo, por isso que eu vim para Minas Gerais. Eu nunca achei que eu merecia o lugar onde eu estava não é? E engraçado é que quando você chega nos lugares que você acha que é difícil, quando você olha as outras pessoas, fala, ih, todo mundo é igual a mim. Ninguém me chamou, é tudo igual, tudo sabe muito pouco. Essa é que é a verdade. E uma das coisas interessantes é o seguinte, primeiro eu vou, o pessoal pediu para eu falar um pouco sobre a experiência do movimento estudantil nos anos de chumbo mesmo, que foi, eu cheguei em Belo Horizonte, em setembro, outubro de 1969, e tive que me afastar do movimento estudantil em 70, fim de 70 e depois eu tive que sair de Minas Gerais em 71, porque eu fui procurado pela Polícia. Na verdade eu fui diretor da UNE e aí para explicar um pouco porque que eu cheguei a ser diretor da UNE, eu era presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e nós

lá participávamos do movimento estudantil como um todo mas a gente valorizava muito. Talvez que o estudante de medicina fosse muito voltado para as próprias preocupações, com a luta do Hospital das Clínicas. E essa luta do Hospital das Clínicas virou uma coisa emblemática, a gente em 02 anos conseguiu fazer 03 passeatas, ocupar reitoria, prender o reitor, levar o Governador do Estado para uma assembleia estudantil dentro da Faculdade de Medicina e ele ter tempo para falar, não é? O colega é secretário e o José Gomes vai falar o Governador, ele tem 05 minutos para falar. E marcou o tempo, era o Nilo Coelho esse cidadão. E uma coisa, e na verdade eu fui também do DCE e em 1969, com o Ato 5 eu fui num primeiro momento, foi uma lista de 26 nomes para a Faculdade de Medicina para serem cassados e a congregação por unanimidade, com a presença de professores inclusive eméritos, não aceitou cassar nenhum estudante, absolveu a todos e isso levou ao Coronel Jarbas Passarinho que era considerado por muitos um militar democrata em Pernambuco, chamar o diretor da faculdade e dizer para ele que a faculdade tinha desmoralizado o Decreto-Lei 477 que tinha sido aceito no país inteiro e que lá ele tinha sido desmoralizado. E que ele podia não cassar todo mundo, mas que alguém tinha que ser caçado. O diretor me chamou, teve essa conversa e me disse, olha Marcos, se vocês prometerem. O objeto, o tipo de repressão que foi objeto do movimento estudantil dos anos, durante os anos anteriores a esse período, a meu ver se fez pela consolidação do aparelho repressivo de Estado instaurado nos governos Costa e Silva e Garrastazu Médici. Trata-se de um momento de métodos de repressão ao movimento profundamente truculento, sanguinários e criminosos não é? Tendo em vista ali o processo de institucionalização da ditadura militar com a eliminação do pouco que restava das liberdades políticas e democráticas. Eu entendo que algum tempo depois a pressão popular agiria de uma tal maneira que os grandes representantes desses governos militares foram forçados a mudar de política não é? Parece então, isso que o Américo fez referência não é que é essa tal política de abertura ou de distensão não é, essa esdrúxula política de distensão lenta, gradual e segura que teve lugar já nesses 02 momentos de minha participação no movimento estudantil não é? Durante a gestão, por exemplo, do DA FAFICH que é em 75, 76 não é? Na verdade eu tava na diretoria também anterior 74, 75. É eu entendo como fruto dessa ascensão do movimento estudantil não é? Re-ascensão melhor dizendo, por exemplo, a gente teve durante esse momento inúmeras assembleias estudantis. Muitas delas vinculadas à reivindicações não é? Tipo reforma de currículo, aumento do

bandejão não é, mas também todas essas manifestações como se sabe elas estavam sufocadas, não só pela repressão policial, mas também pelo conservadorismo na época dos gestores e autoridades universitárias. Mas também nesse momento o movimento estudantil já reagia não é? Já reagia às arbitrariedades da ditadura. É importante considerar o contexto da FAFICH não é? A FAFICH era um contexto extremamente efervescente do ponto de vista da intervenção das organizações revolucionárias presentes ali naquele contexto. Eu, por exemplo, já fui presidente do DA FAFICH enquanto militante da ação popular Marxista Leninista não é? Então eu não tava ali simplesmente numa participação relacionada e conectada às reivindicações do movimento estudantil, mas eu tava ali também como membro né, eu já tinha sido recrutado pela organização e eu estava ali como militante que visava não apenas as reivindicações no movimento estudantil, mas que tinha também o objetivo, objetivos maiores de mudança da sociedade brasileira não é? Exatamente uma das atividades desse momento foi marcada por acontecimentos que tiveram lugar um pouco antes da minha posse no DA que foi a prisão arbitrária de dois colegas como também um encaminhamento forçado pra clandestinidade de alguns outros. Os dois alunos presos eram matriculados no curso de ciências sociais, Jorge Ricardo Santos Gonçalves que contava com 21 anos e foi preso em Belo Horizonte, no centro da cidade no dia 21 de dezembro de 1973 e Jorge Antônio Pimenta Filho, sequestrado no interior de Minas na cidade de Itaúna, 04 de janeiro de 1974 com 22 anos. Ambos foram condenados pela Lei de Segurança Nacional acusados de pertencimento à Ação Popular Marxista Leninista e responsáveis pela iniciativa de reorganizar em Minas Gerais e diante disso cumpriram prisão por dois anos na Penitenciária Regional de Juiz de Fora. Outros colegas companheiros da FAFICH como me referi antes, saíram não é para a clandestinidade, diante da repressão ali presente não é? Ficando cerca de 05 anos clandestino no Brasil até que viesse a anistia em 79 e são eles: Fernando Barjona de Freitas Morgado de Moura, estudante de história também militante na ação popular. Antônio Maurício, Virgínia Sampaio Costa, Hervê de Melo que também cursavam ciências sociais e Edna Maria Santos Rolan, estudante do curso de psicologia todos eles militantes da PO, Organização de Combate Marxista Leninista Política Operário. São diversos documentos encaminhados né, para comissão de anistia no Ministério da Justiça é fácil ter acesso à esses documentos, que mostram como esses colegas foram perseguidos pelo serviço da polícia política, SNI, SENIMAR, DOI-CODI, em articulação com órgãos da estrutura formal como DOPS,

Secretaria de Segurança Pública, a Marinha, o Exército Brasileiro. A gente pode conjecturar que não houve colaboração de autoridades universitárias, ainda que se postule a presença de órgão do CNI sediado na reitoria da UFMG ,que certamente tinha informações sobre a nossa atuação no movimento estudantil não é? Então a hipótese que a gente faz é que essas duas prisões e esse encaminhamento forçado pra clandestinidade dos colegas elas não aconteceram por colaboração, por alguma interferência das autoridades universitárias. No entanto a gente sabe que dentro da universidade nesse período, existia como existia em outras instituições públicas, a presença de informantes ligados ao serviço nacional, ao SNI de informação não é? A gente sabe inclusive, mais tarde que a prisão desses dois colegas surgiram a partir de quedas havia no Rio de Janeiro e São Paulo de muitos militantes dessa organização de esquerda. Para vocês verem a diferença, durante esse mesmo período aí já sobre a minha gestão não é? Ocorreu a prisão de um aluno da pós graduação das ciências políticas, o Amílcar Martins. Porém ao contrário das prisões precedentes, eu queria marcar essa diferença. Você vê que num curto espaço de tempo a gente já começou a ter diferenças não é? Esse colega foi preso e ao contrário das prisões precedentes, essa houve uma reação imediata do movimento estudantil, através de nossas formas de lutas usuais não é? Como as denúncias, via agitação e propagandas, panfletos, assembleias e atos públicos durante o período do Departamento de Controle Externo. Já durante o período do DCE nossas ações concentraram nisso que assinaliei antes, ou seja, ter que lidar com o combate da violência do regime militar em pleno processo de dissolução de suas bases políticas propriamente repressivas. Não foram poucos os atos públicos e a gente pode enumerar eu não fiz aqui em detalhe não é? Em que atos públicos e passeatas em que tivemos que lidar com a violência da tropa de choque da Polícia Militar de Minas Gerais não é? Então aí já no DCE eu acho que nós temos um outro contexto não é? A gente já tem um outro ambiente da própria violência e repressão policial. Nós já temos uma outra situação, o exemplo da prisão desse colega Amílcar, ao meu ver é fundamental. Eu queria também chamar a atenção em relação à esse evento que o Américo fez referencia não é? Que foi o terceiro ENE que aconteceu aqui em Belo Horizonte no dia 04 de junho de 1977. Aí já sobre os auspícios da presidência do colega Jânio Bragança. Ele era o presidente em que ocorreu o terceiro ENE não é? Evento então que foi impedido de acontecer pelas forças da ditadura militar não é? O objetivo do encontro era a reorganização da União Nacional dos Estudantes. Jovens de todo país estavam mobilizados. O exercito

impediu a saída de caravanas dos Estados, barrou o acesso dos estudantes em trânsito na capital do encontro não é? Interessante porque o processo repressivo ele não aconteceu só dentro do encontro não é? Nós inclusive montamos uma organização não é? A Samira está aqui participou ativamente dessa organização a gente tinha uma organização de defesa, de mobilização de rua inclusive não é? Eu lembro, por exemplo, que eu fui designado para ficar perto ali do Instituto Educação, perto da Igreja da Boa Viagem não é? E começou a concentrar gente e eu tinha uma certa facilidade para falar. Então eu subi em cima do carro, mas eu tinha toda uma equipe de segurança e no momento que eu estava falando, o tal Kojak, que é extorturador que virou uma espécie de paradigma da repressão não é? A gente chegou inclusive a fazer cartazes com ele dando uma espécie de rasteira não é? Gravata numa colega nossa, mas é interessante porque por exemplo, nós conseguimos fazer uma movimentação de rua no momento em que a repressão agia não é? E invadia, invadia a faculdade de medicina, onde estavam nossos colegas ali no momento de preparação da nossa reunião que visava reorganizar a UNE não é? Bom, na verdade poderia dar outros elementos que a meu ver são exemplares dessa mudança de perspectiva da ação do movimento estudantil e o modo como a repressão agia não é? Seria importante também situar que nessa minha participação na comissão pró UNE não é? Que era essa comissão como eu disse, composta por presidentes do DCE de todo o Brasil, é importante assinalar porque como foi proibido o 3º ENE, nós continuamos com o objetivo de realizar o terceiro ENE e aí organizamos e programamos a realização do 3º ENE em São Paulo não é? Aconteceu na verdade uma reunião dentro de uma sala de aula muito bem conduzida pelo presidente do DCE do Rio Grande do Sul, que eu me esqueci inteiramente o nome dele. Ele conduziu a reunião como se ele tivesse dando uma aula, uma aula de geografia e nessa reunião que nós de alguma maneira, criamos as bases para a fundação, para a refundação né, da UNE. Nesse dia, fazem já 29 anos na noite de 22 de setembro de 1977 no interior da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, após a reunião da comissão pró UNE né, que nós anunciamos ali a criação da UNE após essa reunião havia toda uma massa de estudantes concentrada no teatro do tutela cautelar. Após essa reunião o teatro foi, o campus foi brutalmente invadido pela Polícia Militar de São Paulo sob o comando do Coronel Erasmo Dias. A razão imediata da invasão foi o fato de haver realizado ali como eu disse o 3º ENE, cuja a tarefa foi a de retirar a UNE da ilegalidade. Eu me lembro que nós todos presidentes do DCE fomos retirados assim

com todo um esquema de segurança. Eu fui parar numa cidade do interior de São Paulo pelo colega Marcelo Rubens Paiva. Até hoje eu não sei em que cidade eu estava. Eu fiquei uma semana escondido, como no 3º ENE eu também fiquei escondido depois das manifestações na casa paroquial da Pontifícia Universidade Católica não é? Mas nessa eu fiquei escondido no interior de São Paulo e depois nós voltamos para o interior, o próprio Marcelo trouxe a gente de volta. Então eu diria para terminar, para finalizar que minha história pessoal no movimento estudantil coincidiu com o processo de dissolução do regime militar no Brasil não é? Belo Horizonte abrigava várias células de resistência e luta contra o regime militar. A cidade abrigava também importantes universidades, naquela ocasião eu tive a honra de dirigir essas duas instituições estudantis. Convivi pessoalmente com líderes da resistência, exemplo do Nilmário Miranda, que fazia parte que estudava na FAFICH depois da prisão né, e a gente teve ocasião ali na FAFICH de conviver com líderes estudantis que tiveram já uma participação nesse momento anterior como eu disse não é? Então embora eu não tenha sofrido na pele a ação dos atos de tortura da ditadura, eu testemunhei o drama dos colegas que tiveram seus direitos fundamentais solapados pelo regime não é? Compreendo que os anos de chumbo portanto tiveram fases distintas. Eu vivi parte dela somente, mas embora evidentemente eu tenha sofrido como cidadão, e minha formação acadêmica e também no interior de minha família tenho um irmão que foi preso político também não é? Os efeitos de todo esse período não é? A máquina repressiva do Estado acuada no entanto não era menor não é? Eu gostaria também de enfatizar isso. Tampouco menos agressivo e violento. Eu presenciei, por exemplo, em reuniões do DCE ali na sede da Rua Guajajaras, nossa sede funcionava ali. Presenciei durante nossas reuniões inúmeras vezes a presença de bombas, de ameaças desses grupos conhecidos, desses grupos conhecidos como GAC, CCC ou mesmo pelos braços infiltrados da repressão que se misturavam junto a nós e tinha a missão de nos fazer recuar, marcar território não é? Mas eu entendo que essas ameaças não nos roubaram nossa dignidade não é? Eu considero que minha participação no movimento estudantil ela tem uma relação de continuidade com o que eu faço hoje, com minha atividade profissional, sou professor da UFMG, sou psicanalista. Eu entendo que o exercício da psicanálise supõe uma sociedade aberta não é? Uma sociedade que possa se manifestar pela via das liberdades públicas fundamentais. Não é possível o trabalho de um psicanalista que busca a singularidade da existência humana em sociedades fechadas, em sociedades repressivas como foi o

caso da ditadura militar não é? Eu entendo que o exercício tanto da atividade docente quanto da atividade psicanalítica, exige a participação, a ação política do cidadãos no sentido de sua transformação. Considerando inclusive o que o Nilmário fez referência aqui hoje de manhã de que as formas obscurantistas, deletérias, a vida social não se manifestam só através de governos explicitamente, notoriamente truculentos como foi o caso da ditadura militar. A gente sabe que formas mais “brandas” podem ser tão funestas e nocivas à vida social, à direção vamos dizer de uma vida civilizada mais conectada com a vida não é? Mais conectada com a possibilidade de inventar, criarmos novas formas de convivência social não é? Então é isso obrigado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eles vão se comportar direito não vão fazer nenhuma agitação eu prometo que não casso ninguém, eu disse: “Professor é impossível, porque a gente luta por um ideal. Se o senhor quiser, a gente entende a sua situação, é impossível o senhor desistir, mas agora nós vamos continuar nossa luta.” Terminamos sendo cassados, triste. Mas eu precisei sair de Pernambuco basicamente porque eu entrei numa lista de 03 nomes do CCC para serem assassinados. Era o Cândido, Padre Henrique e eu. O Cândido tomou um tiro, ficou paralítico. O Padre Henrique foi morto e arrastado pela cidade universitária e eu não quis pagar pra ver. Num primeiro momento eu cheguei em Pernambuco, eu estava contando para o pessoal dentro do apartamento o pessoal me deu o revolver e eu não sei atirar, mas eu estava com aquele revolver lá. “Mas o pessoal quer te matar.” Eu disse assim: “Mas o que eu vou fazer com esse revolver?” E aí eu tive que sair de Belo Horizonte e vir para Minas Gerais, saí de Pernambuco e vim para Minas Gerais. E uma coisa que eu acho que é importante, é que nesse momento o pessoal me chamou exatamente para a diretoria da UNE. E a gente pega a diretoria da UNE no momento extremamente, eu tinha até achado que a Samira ia falar depois de mim porque em termos de tempo ela é depois, mas a abordagem dela facilitou um pouco a minha abordagem, hein? Mas a abordagem dela foi ótima porque ela que deu espaço e eu acho que não vai ficar ruim não. E como ela disse, em 69 com o ato 05 os diretórios acadêmicos, os diretórios central estudantes, as UEE’s foram fechadas. E eu aqui chegando, uma das primeiras coisas que eu fiz foi ir no DCE e conversei com o Carlos Alberto. E um pouco depois toda a diretoria do DCE foi presa e eles fecharam o DCE por algum momento e eu vou retomar isso depois porque o período que a gente passou foi um período exatamente na UFMG de reabertura do DCE. Mas o quê que a UNE tinha a fazer naquele momento? Bem, primeiro eu chego na UNE, encontro

quem? Encontro Jean Marques, encontro Ronald que está aqui, presente na plateia. Encontro Doralina Rodrigues, encontro Gilson Macedo, encontro Elenira Resende, uma pessoa por quem eu tenho uma admiração imensa até hoje que morreu no Araguaia. Encontro o Ornestino Guimarães, o Aurélio de Minas Gerais, da Bahia. E continuei o encontro com Humberto Câmara Neto e o Nelson Tadeu, que era da minha faculdade também já tinha sido preso. Ele e o João de Paula que também eram da diretoria e foram presos. E qual era o papel? Quer dizer, a primeira coisa para mim é interessante, porque eu encontro ali pessoas a quem eu admirava e que para mim eram os meus líderes no movimento estudantil. Como é que eu ia conviver com os meus líderes do movimento estudantil se eu diante deles não tinha 1/5 do conhecimento que cada um deles tinha e muito talvez não nem a experiência. E qual foi o papel da gente né? Quer dizer, o quê que a UNE se decide naquele momento? Eu acho que precisa caracterizar e eu acho que a Samira caracterizou bem isso, é que a gente estava num momento de avanço da repressão e um momento de destruição do movimento estudantil. E o objetivo era destruir realmente. E todo o papel da União Nacional dos Estudantes naquele momento era de resistir e tentar garantir a própria existência não só da UNE, mas principalmente a resistência do movimento estudantil. E toda a política traçada era no sentido exatamente de se fixar nos diretórios acadêmicos, reorganizar os diretórios acadêmicos, reorganizar o diretório central do estudante. E veja só, eu venho para Minas, um estado que tem uma liderança e eu vou ler alguns nomes aqui que a gente vê alguém falou aqui o papel de Minas na democracia brasileira. Você vê várias pessoas daqui: Atos Magno, João Batista do Mares Guia, Doralina Rodrigues, Barbosinha, Antônio Barbosa Neto, José Luiz Moreira Guedes, Valdo Silva, José, o Drummond, João Batista Drummond, o Gildo Lacerda, o Zé Carlos da Mata Machado, o Chuchu da medicina não sei como era o nome dele, é o Jorge Nahas, o José Celso, quer dizer, são pessoas que pra mim eram extremamente importantes. Além disso eu vinha para cá conhecendo a história de resistência de quatro mulheres mineiras na prisão em Juiz de Fora, que eram a Gilce, a Loreta, a Cici e a Laudelina. Exatamente eram cinco. Então eu venho pra cá que era uma cidade assim, pra mim que eu tinha, eu já tinha tido um ensaio daí são minhas maluquices mesmo, a primeira vez que eu passei em Belo Horizonte, caiu na minha cabeça que eu vinha morar aqui, não tinha nenhum motivo pra vir, mas eu vim. É, mas eu venho pra cá e a gente, qual era exatamente o movimento que se vivia em Minas Gerais? Na verdade era um momento o pessoal falou muito aqui das passeatas,

as passeatas, as passeatas tiveram um papel muito importante. Mas elas também no fim de 1968 tiveram um foro, começaram a ser extremamente estigmatizadas e em todos os lugares aonde eu ia, eu tinha que explicar porque o pessoal sabia que eu era vinculado à ação popular eu tinha que explicar o quê? A famosa passeata acho que são dos 48 ou 68 alguma coisa desse tipo. O pessoal fazia tanta passeata que a última passeata tinha 48 pessoas na rua e isso foi uma desmoralização completa não é? E como é que eu achava as pessoas? A Doralina Rodrigues fez uma lista de pessoas que era do movimento estudantil que eu devia procurar. E eu saía procurando essas pessoas pra começar a tentar reorganizar o movimento estudantil. A gente encontrou o movimento estudantil organizado com dificuldades, mas ainda organizado. na Universidade Católica, aonde o DCE tá aqui o meu amigo Santiago pra não me deixar mentir, o DCE estava organizado. A gente tinha faculdade de direito organizada, acho que tinha diretório acadêmico também de engenharia, diretório acadêmico se não me engano de letras e as pessoas que lembro bem, serviço social, que era talvez a escola mais combativa da minha amiga Ceres, especialmente recomendada e que puxou as minhas orelhas muitas vezes na vida, não é? Bem e na verdade eu vivi ali dentro. E a gente conseguiu no fim de 1969 uma coisa muito interessante, é que o diretório central dos estudantes conseguiu organizar um plebiscito sobre a política educacional do governo. E a gente conseguiu com imensa maioria, ganhar os votos dos estudantes para votarem contra a política educacional dos estudantes. Parece uma coisa muito boba, mas isso deu notícia inclusive da VEJA que na época era dirigida pelo Ministério Carta e não por esses malucos de hoje aí que senão não saia coisa nenhuma. É, e na universidade federal o quê que a gente tinha? A gente tinha o DCE que realmente, tinha num primeiro momento existia e depois o pessoal todo foi preso. A gente tinha alguma coisa na FAFICH tinha, é onde tinha mais coisa né sociologia, tinha pedagogia, psicologia com Idalício que depois foi na própria, ele foi eleito naquele processo de reorganização foi eleito o presidente do diretório, a Valquíria na pedagogia, na engenharia também o Viète, o Viète é Nilton, Nilton Miranda, Nilton Miranda é paraense exatamente. Nilton Miranda, o Etelvino que eu não sei o sobrenome dele, tinha o Cícero chegou a ser diretor do DCE na primeira reorganização. Tinha Luiz Sexy que foi, não sei se o primeiro ou segundo foi Mauro e Cícero ou Cícero e Mauro esse nome me foge à cabeça. O Mauro Braga que foi também presidente do DCE e todo esse processo a gente começa todo um processo de reorganização dos diretórios acadêmicos e realmente assim uma das coisas que foi

a nossa salvaguarda era essa famosa carteirinha que a Samira falou. Porque a carteirinha dava o mínimo de dinheiro e dava o mínimo era a forma do pessoal ir no diretório acadêmico. Mas no diretório como ela colocou, era proibido reunir, era proibido discutir política. Então a gente discutia muito informalmente e tinha os grupos, que era um pessoal, era um pessoal mais de esquerda e tal, que reunia e que a gente programava. Quer dizer, o grande objetivo era conseguir reorganizar. É preciso ressaltar que realmente havia um certo apoio da reitoria e uma, ela ficava pelo menos neutra aí fazia vista grossa para todo esse movimento e com isso a gente conseguiu reorganizar esse conjunto de diretórios acadêmicos e reorganizar reorganizar o diretório central dos estudantes aqui de Minas Gerais. A partir daí as eleições realmente, num primeiro momento eram eleições indiretas, não era permitido eleição direta, e era os conselho e diretórios acadêmicos que faziam as eleições neste momento. Tem algumas coisas que me chamam a atenção muito hoje é o seguinte: “Olha, o pessoal falou muito na repressão.” Realmente a repressão era forte, era violenta, mas ela não tinha metade da organização que tem hoje, hoje eu sempre tive pavor de me identificar em qualquer lugar, e hoje eu vou em qualquer edifício para ir em um consultório, numa casa de alguém tenho que me identificar, carteira de identidade, fotografia. Quer dizer, isso é um controle absoluto que os caras tem e hoje pela internet a gente tem controles do mundo como um todo, a CIA hoje controla o conjunto do mundo. Quer dizer, então a gente tá num grau de repressão tão ou mais forte do que aquele que a gente vivia em 1970 no Brasil. E essa repressão hoje é mundial, não é mais uma repressão unicamente localizada no Brasil e ela tá muito articulada em nível internacional não é mais aquilo. Basicamente o que eu tinha pra falar é isso quer dizer, eu vivi aqui exatamente o momento diferente do que todo mundo falou. Que foi o momento de ascensão do movimento estudantil. A minha vinda em Belo Horizonte, foi uma vinda que eu acho, a importância dela é por quê? Porque a gente fez aquilo que o Valdo Silva chamou atenção, resistir é preciso, resistir a gente era feliz mesmo viu Valdo, mas a gente foi um momento de realmente de resistência, uma resistência não só em Minas Gerais, mas uma resistência no Brasil inteiro não é? Outra atividade da UNE que teve muita importância foi os 50 anos da semana de arte moderna, que foi Humberto Gama Neto, com a Doralina, o pessoal que estava no Rio que organizou. Mas cada um de nós da diretoria da UNE ia pra um Estado e o trabalho era basicamente isso. A gente não tinha grandes mobilizações a nível nacional e isso levou que ao próprio processo ainda de uma última diretoria da UNE e a interrupção

do trabalho da UNE por algum tempo, não é? E recentemente eu vi em algum lugar que o primeiro presidente a ir a uma sede da UNE foi o Lula. Eu acho até que tudo bem o Lula foi lá, mas a gente não pode esquecer o papel de um cidadão que eu não gosto muito, mas foi um governador de Minas Gerais que foi que se comprometeu a reabrir a sede da UNE que foi Itamar Franco e que saiu da sede da UNE para tomar uma cerveja com os estudantes que estavam organizando uma diretoria da UNE no como é nome daquele, no Lamas, no Lamas em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, então basicamente o que eu queria falar era isso, não tem o mais muito pra falar não eu acho que o Rômulo tem muito mais experiência do que foi a UNE no Brasil do que eu.

JURANDIR: Não é nem por formalidade é só pra homenagear aqui os companheiros que aqui estiveram, saibam que vocês deixaram, estão deixando um legado. Nós ouvimos de vocês uma belíssima explanação e sabe assim como jornalista que a gente também é, eu fico feliz de saber que a memória ainda está muito viva e que eu vou levar, eu vou continuar a levar. Claro que isso eu não vou escrever em nenhum jornal, em nenhuma revista, nenhum e talvez em site a gente possa escrever, mas eu gostaria de parabenizar a vocês e agradecer pela grande colaboração que vocês trouxeram aqui para todos nós neste momento que a gente está trazendo aqui.

MARIA CERES: Obrigada Jurandir eu vou dizer pra vocês o seguinte infelizmente a gente não pode abrir pra questões né, não questões, mas para perguntas e esclarecimentos porque nosso tempo acabou não é isso Helena? Sabe? Dá umas 06 horas, 06 e 10 e então o nosso horário aqui acabou tá? Mas eu queria dizer pra vocês colegas, amigos, o povo que trabalha junto especialmente aqui para essa mesa e eu me emocionei muitas vezes tá lembrando dos tempos bons voltam, e dos tempos ruins. Deu, ahn, que a gente sabe, mas especialmente lembrando da nossa luta e que agora nós temos além das oitivas que a já fizemos e vamos fazer com outras pessoas, mais pessoas nós temos um material, indicações, material sabe? Pistas, caminhos para de fato construir e reconstruir a memória desse período. Muito obrigada a todos vocês que aqui estiveram, ouvindo os depoimentos e muito obrigada aos depoentes que certamente prestaram um grande serviço a nossa história obrigada.